



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROJETO E CIDADE

LETÍCIA SOARES MARTINS RIBEIRO

A paisagem urbana e os seus apagamentos:
um olhar sobre a Rua 20

GOIÂNIA
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Letícia Soares Martins Ribeiro

3. Título do trabalho

A paisagem urbana e os seus apagamentos: um olhar sobre a Rua 20

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Letícia Soares Martins Ribeiro, Discente**, em 07/05/2025, às 10:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Christine Ramos Mahler, Professora do Magistério Superior**, em 07/05/2025, às 11:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5353116** e o código CRC **0105425B**.

Referência: Processo nº 23070.021316/2025-73

SEI nº 5353116

LETÍCIA SOARES MARTINS RIBEIRO

**A paisagem urbana e os seus apagamentos:
um olhar sobre a Rua 20**

Dissertação de Mestrado apresentada do Programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade, da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como requisito para obtenção do título de mestra em Projeto e Cidade, na área de concentração em O Projeto, a Teoria, a História e a Crítica sob orientação da Prof.^a Dr.^a Christine Ramos Mahler.

GOIÂNIA
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Ribeiro, Leticia Soares Martins

A paisagem urbana e os seus apagamentos: [manuscrito] : um
olhar sobre a Rua 20 / Leticia Soares Martins Ribeiro. - 2025.
CLXXVIII, 178 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Christine Ramos Mahler.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Artes Visuais (FAV), Programa de Pós-graduação em
Projeto e Cidade, Goiânia, 2025.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui siglas, mapas, fotografias, tabelas, lista de figuras, lista de
tabelas.

1. Paisagem Urbana. 2. Memória. 3. Camadas históricas. 4.
Historiografia. 5. Rua 20 – Goiânia. I. Mahler, Christine Ramos, orient. II.
Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº /2025 da sessão de Defesa de **Dissertação** de **Leticia Soares Martins Ribeiro**, que confere o título de **Mestra em Projeto e Cidade**, na área de concentração em **O Projeto, a Teoria, a História e a Crítica**.

Aos vinte e oito dias do mês de abril de dois mil e vinte e cinco, a partir das quatorze horas, por videoconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de **Dissertação** intitulada "A paisagem urbana e os seus apagamentos: um olhar sobre a Rua 20". Os trabalhos foram instalados pelos seguintes membros, Prof.ª Drª Christine Ramos Mahler (PPG PROCIDADE/FAV/UFG) - Orientadora; Prof. Dr. Fernando Antonio Oliveira Mello (PPG PROCIDADE/FAV/UFG); Prof.ª Dr.ª Anelizabete Alves Teixeira (UEG). Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação tendo sido a candidata **aprovada**. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Christine Ramos Mahler, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Fernando Antonio Oliveira Mello, Professor do Magistério Superior**, em 06/05/2025, às 18:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Anelizabete Alves Teixeira, Usuário Externo**, em 06/05/2025, às 18:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Christine Ramos Mahler, Professora do Magistério Superior**, em 06/05/2025, às 20:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5349610** e o código CRC **6FBBB24C**.

Referência: Processo nº 23070.021316/2025-73

SEI nº 5349610

Agradecimentos

“Se pude enxergar mais longe, foi porque me apoiei em ombros de gigantes”.

Isaac Newton

Sempre brinco falando que um mestrado não se faz sozinha, que é impossível. E como toda brincadeira tem um fundo de verdade, essas são as pessoas sem as quais eu não estaria entregando esse trabalho. Deixo aqui o meu agradecimento. Aos meus professores do mestrado, em especial: a professora Christine, minha orientadora, por todas as correções e apontamentos. Obrigada por estar comigo durante essa etapa e por me guiar durante todo o meu trabalho. A professora Eline que me auxiliou desde o primeiro semestre a elaborar uma pesquisa desafiadora, porém possível de ser executada. A professora Adriana que trouxe debates e discussões de temas que formaram a base do meu trabalho e também por todo o aprendizado durante o estágio acadêmico. Ao professor Fernando, por sempre estar presente e aberto a ajudar a mim e aos outros alunos tanto na minha época da graduação quanto no mestrado, sendo para tirar dúvidas, para incentivar debates em suas aulas ou para nos socorrer após não entendermos alguma orientação. As professoras Selma e Joana que me proporcionaram uma experiência única e riquíssima, tanto para o meu trabalho quanto como pessoa, ao proporem uma disciplina que permitiu aos alunos de diferentes cursos, etnias, gêneros e etc a compartilhar suas vivências e trabalhos – além de gerar um espaço seguro de troca de opiniões.

Agradeço também os meus professores da UEG. A professora Cláudia, minha orientadora de pesquisa, da iniciação científica e do TCC, pois sem você não teria aprendido tanto sobre o centro de Goiânia e obrigada por sempre me incentivar a aprender cada vez mais. Nunca esquecerei das nossas orientações e de como você ficou feliz pela minha apresentação na banca de TCC. Ao professor Lucas Felício que foi o primeiro a me dizer que a minha curiosidade era um sinal para fazer um mestrado e seguir a vida acadêmica. Obrigada por ter participado da minha banca de TCC e ter me dito que minha escrita era poética. Não imaginei que após tantas aulas suas de História da Arte invadidas por mim para reassistir a matéria como ouvinte na turma 32, inclusões do meu nome de brincadeira na chamada, palestras, eventos, bancas assistidas e encontros não programados na cidade de Goiás, que aquela seria sua última frase de incentivo para mim. Que minha escrita e agradecimento te

encontre onde você estiver. A professora Aninha por ter feito parte da minha formação acadêmica e me ensinar que às vezes o que precisamos é de apoio, um você consegue e olhar o problema por um outro ângulo. Vocês são a minha inspiração e foram os gigantes que me permitiram enxergar além.

Agradeço também aos meus pais, Márcia e Onelito, por tornarem possível a minha dedicação aos meus estudos. Obrigada por estarem sempre presentes. Agradeço aos meus avós, pois sem suas histórias de como era Goiânia quando vieram de Minas pra cá contadas durante a minha infância e à minha irmã, Júlia, talvez eu não tivesse despertado a curiosidade para estudar mais sobre a cidade e sua formação. Ao Gabriel, meu parceiro, pois sem ele essa minha aventura teria sido muito mais difícil e menos divertida. A Fernanda, uma vez que, sem ela na minha vida, provavelmente eu não seria a profissional que sou hoje e sem a sua amizade não seria quem eu sou. Obrigada pelo apoio e por estarem sempre ao meu lado. A Natália por estar comigo em todas as minhas loucuras desde os 11 anos e sempre dizer "vai, você consegue realizar seus sonhos". Vocês duas são as minhas irmãs de outras mães que a vida me deu. As minhas parceiras de mestrado: Ana Vitória, Fátima e Jéssica. Sem vocês essa jornada teria sido muito mais difícil. Com vocês pude dividir as tristezas e comemorar as vitórias. Que nossa amizade continue mesmo após o fim do mestrado.

Agradeço também a todas as pessoas que durante minha visita a Rua 20 se dispuseram a falar comigo e contar suas histórias. Não colocarei seus nomes aqui para manter a privacidade e sigilo das entrevistas, mas deixo aqui o meu muito obrigada por tirarem alguns minutos da vida corrida de vocês para me ajudar e conversar comigo, contando suas memórias e permitindo o registro delas aqui nesse trabalho. Por último, agradeço pela paciência e auxílio das equipes que trabalham na biblioteca da UFG, da biblioteca do SEPLANH, do arquivo localizado na Praça Cívica, do MIS, da Academia Goiana de Letras e do IHGG por sempre me atenderem e me ajudarem nas minhas buscas. Obrigada pela disposição, interesse na minha pesquisa e frases de apoio durante todas as minhas visitas.

Sem vocês, nada disso seria possível. Muito obrigada a todos.

“Percorrendo a minha velha Rua 20, de tantas lembranças, devagarzinho vou lembrando o que resta dela dos meus tempos. O progresso chegou disparado, graças a Deus. Ele tem o seu lado positivo. Mas é preciso que a memória não desapareça com o crescimento. É preciso que relembremos sempre que a vida não começa nessa geração” (Frota Filho; Galli, 2020, p.7).

Resumo

Nessa dissertação se propõe estudar a Rua 20 – a primeira rua como conjunto edificado em Goiânia – quanto ao seu conteúdo histórico, simbólico e arquitetônico, em contraponto à sua atual condição de apagamentos e substituições. Como em muitas cidades brasileiras, o núcleo pioneiro da capital sofre com o fenômeno de degradação de centros urbanos com grandes mudanças, devido à especulação imobiliária e aos processos de deterioração, frutos do esvaziamento da centralidade original em decorrência do crescimento da cidade. Nesse sentido, esse trabalho tem como objetivo investigar as camadas históricas remanescentes e as transformações ocorridas na paisagem urbana dessa rua, com o aporte de documentos disponíveis em acervos, bibliotecas e reportagens. Com isso, serão analisados os elementos e conteúdos que permaneceram e estão vinculados ao imaginário dessa rua, quais destes sofreram apagamentos e quais foram ressignificados. A hipótese da pesquisa é que durante os processos de transformação da rua, houve uma ruptura com as representações tradicionais ligadas ao seu passado. Assim, o cotidiano e o significado atual foram impactados com a construção de novas representações no tempo presente. A metodologia adotada será a historiográfica, por meio das leituras de referências sobre o tema e utilizará como ferramentas de análise processos etnográficos e cartográficos, a partir de relatos e mapeamentos, para entender as novas dinâmicas e significados da Rua 20. Por fim, como contribuição, intenciona-se demonstrar a importância das camadas históricas e simbólicas que permearam a construção de Goiânia, chamando a atenção para o impacto das transformações ocorridas no cenário dessa rua em decorrência da ausência de políticas públicas patrimoniais relacionadas a esse objeto e como isso se reflete na memória de seus usuários.

Palavras-chave: Paisagem Urbana; Memória; Camadas históricas; Historiografia; Rua 20 – Goiânia.

Abstract

This dissertation aims to study Rua 20 – the first street built as a cohesive architectural ensemble in Goiânia – regarding its historical, symbolic, and architectural contents, in contrast with its current state of erasure and replacement. As in many Brazilian cities, the pioneering core of the capital suffers from the phenomenon of urban center degradation, marked by significant changes driven by real estate speculation and deterioration processes, stemming from the loss of original centrality due to urban expansion. In this context, the study seeks to investigate the remaining historical layers and the transformations that have occurred in the urban landscape of this street, drawing on documents available in archives, libraries, and news reports. The research will analyze the elements and contents that have persisted and that are linked to the street's collective imagination, identifying which of these have been erased and which have been reinterpreted. The research hypothesis posits that during the street's transformation processes, there was a rupture with traditional representations tied to its past. Consequently, its current meaning and daily use has been impacted by the construction of new representations in the present. The methodology adopted will be historiographical, based on the review of references on the subject, and will employ ethnographic and cartographic processes as analytical tools, using narratives and mappings to understand the new dynamics and meanings of Rua 20. Finally, this study aims to underscore the importance of the historical and symbolic layers that shaped Goiânia's construction, drawing attention to the impact of transformations in this street's landscape due to the lack of heritage public policies. It will also explore how this affects the memory of its users.

Keywords: Urban Landscape; Memory; Historical Layers; Historiography; Rua 20 – Goiânia.

Lista De Figuras

Figura 1: Plano Urbano de Goiânia (1933) – Attilio Correa Lima.

Figura 2: Rua 20. Década de 1940. Alois Feichtenberger.

Figura 3: Mapa de estudo realizado que demarcam as primeiras edificações da Rua 20, entre a Rua 3 e a Rua 10 que permaneceram.

Figura 4: Mapa de estudo realizado que demarcam as primeiras edificações da Rua 20, entre a Rua 3 e a Av. Paranaíba que permaneceram.

Figura 5: Mapa de estudo realizado para demarcar as primeiras casas da Rua 20, entre a Rua 10 e a Rua 3, e imagens de como estão esses pontos na atualidade.

Figura 6: Mapa de estudo realizado para demarcar as primeiras casas da Rua 20, entre a Rua 3 e Av. Paranaíba, e imagens de como estão esses pontos na atualidade.

Figura 7: Primeiras casas sendo construídas na Rua 20 em 1933.

Figura 8: Vista aérea da primeira rua a ser habitada em Goiânia a Rua 20, no Centro em Goiânia.

Figura 8.1: Primeiras residências da nova capital Goiânia em 05/06/1935.

Figura 9: Rua 20 entre a 21 e a 15 em 1938.

Figura 10: Mapa com as casas-tipo em Goiânia, produzido por Moura (2011) e editado com destaque para a Rua 20.

Figura 11: Mapa de estudo realizado para demarcar as casas-tipo da Rua 20, entre a Rua 10 e a Rua 3, e as imagens de como estão esses pontos na atualidade.

Figura 12: Mapa de estudo realizado para demarcar as casas-tipo da Rua 20, entre a Rua 3 e a Av. Paranaíba, e as imagens de como estão esses pontos na atualidade.

Figura 13: Construção da casa do Dr. Benjamim Vieira em 1933, posteriormente esse local se tornou a faculdade de direito e em 2024 faz parte do complexo da Justiça Federal.

Figura 14: Registro da antiga casa do Dr. Benjamim Vieira na Rua 20 no final da década de 1930. Na época da imagem nesse local funcionava a sede do governo provisório.

Figura 15: Uma solenidade na Faculdade de Direito da Rua 20 – casa ao fundo à direita – em 1966.

Figura 16: Foto da Ed. da Justiça Federal Rua 20, Quadra. 34 Lotes 19/21/31, Centro em 2006.

Figura 17: Atual Justiça Federal e Praça XI de Maio em 2024.

Figura 18: Primeira casa de Pedro Ludovico na Rua 20 em 1933.

Figura 19: Escola Normal na Rua 20 na década de 1940.

Figura 20: Casa *Berquó*, um dos primeiros comércios de Goiânia, na década de 1930.

Figura 21: Casa *Berquó* em 1947

Figura 22: Antiga casa *Berquó* na Rua 20 em 2024.

Figura 23: Estudantes e vida urbana na década de 1950 na Rua 20.

Figura 24: Rua 20 em 1935 sendo aberta com grandes residências.

Figura 25: Rua 20 na década 1930, com iluminação pública, mas sem meio-fio, calçada e asfalto.

Figura 26: Residência eclética na Rua 20, quadra 49, lote 49, em Março de 2013.

Figura 27: Casa histórica demolida no centro de Goiânia.

Figura 28: Residência eclética na Rua 20 em 1986.

Figura 29: Exemplo de casa Neocolonial na Rua 55, Quadra 138, Lote 1-9A em 2018 .

Figura 30: Residência da família Hermano na Rua 20, quadra 44, lote 20, na década de 1940.

Figura 31: Residência na Rua 20, nº220, quadra 49 e Lote 34 em 2006.

Figura 32: Casa do estilo normando escondida por muros na Rua 20, quadra 49 e Lote 34, Centro de Goiânia.

Figura 33: Antiga casa de Domingos Galvão Velasco e Zélia Bastos Galvão na Rua 20, Quadra 41, lote 67, número 459.

Figura 34: “Casa Colemar Natal e Silva”, esquina da Rua 20 com a Rua 15 em 2017.

Figura 35: Sobrado da família Gontijo na Rua 20 em 2019.

Figura 36: Casa modernista, quadra 41, Lote 59, número 417, na Rua 20.

Figura 37: Casa modernista na Rua 20 em 2006.

Figura 38: Casa modernista descaracterizada na Rua 20, Quadra 50 Lote 66, número 416, em 2024.

Figura 39: Casa modernista na Rua 20 no ano de 2011.

Figura 40: Terreno onde havia uma casa modernista na Rua 20 no ano de 2023.

Figura 41: Antigo Hospital Maria Auxiliadora na Rua 20 no ano de 2017.

Figura 42: *Stand* de vendas e o edifício *Katedral Sky Rooftop*, em 2023.

Figura 43: Vista aérea da catedral de Goiânia. 195?-?. Fotógrafo: Silvio Berto.

Figura 44: Vista aérea em 05.07.1942 fotografado por Antônio Pereira da Silva.

Figura 45: Vista aérea. Década de 1960. Fotógrafo: Alois Feichtenberger.

Figura 46: Vista aérea de Goiânia, com enfoque na catedral, na década de 1970 do fotógrafo Hélio de Oliveira.

Figura 47: Reportagem do Diário da Manhã, de 26 de agosto de 1983, da demolição da residência que pertenceu à família de Pardal dos Reis Gonçalves na Rua 20 com fotografia de Wagner Soares.

Figura 48: Fachada dos comércios escondidas por placa.

Figura 49: Rua 20 entre a Rua 21 e a Rua 15 em 2011.

Figura 50: Rua 20 entre a Rua 21 e a Rua 15 em 2023.

Figura 51: Última Casa-tipo da Rua 20, descaracterizada.

Figura 52: Sobrado projetado pelo arquiteto José Amaral Neddermeyer na década de 1930 localizado na esquina da Rua 20 com a Rua 21.

Figura 53: Ed. Comercial/Residencial, Rua 20 com a Rua 21, na quadra 42 e lote 34/49.

Figura 54: Sobrado na Rua 20 após várias reformas. Atualmente funciona um bar e restaurante nesse local, Bar do Gaúcho, na parte de baixo do sobrado.

Figura 55: Catedral Metropolitana de Goiânia.

Figura 56: Esquina da Rua 20 com a Rua 10.

Figura 57: *Stand* de vendas e da Praça XI de Maio em 2024.

Figura 58: Casal se encontrando no Coreto da Praça Cívica.

Figura 59: Desenho da vista da AGL e da casa modernista – realizado a partir de fotografias antigas antes da demolição em 2015.

Figura 60: Casa normanda em 2024 e antigo restaurante.

Figura 61: Prédio com 9 pavimentos. O pavimento térreo é comercial e os demais pavimentos são apartamentos. Primeiro prédio da Rua 20 construído na década de 1960.

Figura 62: Loja de móveis localizada na antiga Casa Berquó em 2025.

Figura 63: Edifício José Costa, número 755 na rua 20.

Figura 64: Loja fechada e sem utilização em 2023.

Figura 65: Novo uso inaugurado em 2024 (mesma localização da Figura 61).

Figura 66: Praça Antônio Lisita 1960-2018.

Figura 67: Praça Antônio Lisita em 2025.

Figura 68: Antiga casa modernista, atual To Bar em 2025.

Figura 69: *Center Print*, Rua 20, quadra 56, lote 132, número 1094.

Figura 70: Clínica Médica de Goiânia, na Rua 20, número 1095, em frente ao *Center Print*.

Figura 71: Colagem de manchetes de jornais sobre as mudanças atuais no centro de Goiânia.

Lista De Tabelas

Tabela 1: Resumo dos RE's da intervenção urbana

Lista de siglas

AGL: Academia goiana de letras

IEG: Instituto de Educação de Goiás

IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MIS: Museu da Imagem e do Som de Goiás

Senac: Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SEPLANH: Secretaria Municipal de Planejamento

UFG: Universidade Federal de Goiás

UNB: Universidade de Brasília

UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais

UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFPE: Universidade Federal De Pernambuco

Sumário

Introdução	1
1. Reflexões e conceitos sobre centros históricos.....	9
1.1. Paisagem urbana.....	9
1.2. Lugar e memória.....	14
1.3. Representações na construção do patrimônio.....	17
1.4. Degradação dos centros históricos e a intervenção urbana.....	21
2. A paisagem urbana da Rua 20.....	27
2.1. A Rua 20 na construção de Goiânia.....	32
2.2. As diversas modernidades da Rua 20.....	54
2.3. As transformações e permanências da Rua 20: uma discussão a partir das fotografias e da literatura pioneira	69
3. Entre passos e olhares: um percurso pela Rua 20	78
3.1. Memórias e transformações: cenas da Rua 20.....	79
3.2. Ao encontro de flores e estranhezas.....	89
3.3. Entre muros, placas e significados.....	104
4. Considerações Finais.....	119
Referências.....	123
Apêndice	131
Entrevista 1.....	131
Entrevista 2.....	135
Entrevista 3.....	137
Entrevista 4.....	140
Entrevista 5.....	145
Entrevista 6.....	148
Anexos.....	152
Anexo 1.....	152
Anexo 2.....	154
Anexo 3.....	155
Anexo 4.....	156
Anexo 5.....	157
Anexo 6.....	158
Anexo 7.....	173

Anexo 8.....	174
Anexo 9.....	175
Anexo 10.....	176
Anexo 11.....	177
Anexo 12.....	178

Introdução

As cidades planejadas não só abrigam grandes construções arquitetônicas, mas elas próprias são um monumento, por isso são o ápice do desejo de grandeza humana. Os idealizadores de cidades Alexandre Magno, Pedro, o Grande, Juscelino Kubitschek, Pedro Ludovico, e outros olharam para um lugar vazio e disseram "haja cidades" e apareceram Alexandria, São Petersburgo, Brasília e Goiânia, por exemplo. E como o Deus do Gênesis, eles viram que as cidades eram boas e admiraram os seus feitos (Oliveira; Mendonça; Chaul; Jaime, 2024, p. 13).

Na década de 1930, Pedro Ludovico Teixeira, apoiado nos ideais de Getúlio Vargas de interiorização e modernização do país, colocou em prática os planos de transferir a capital de Goiás. Com a oportunidade política e baseando-se em ideais de modernidade, concretizou-se a construção de uma nova cidade, tendo em sua condição, grandes desafios e adaptações a vencer. Nesse sentido, vale mencionar que Goiânia foi construída a partir de bases urbano-rurais. "Tratava-se de uma mentalidade urbana com os pés plantados em solo rural" (Oliveira; Mendonça; Chaul; Jaime, 2024, p.252). Mentalidade, essa, que se fazia presente no imaginário goianiense da década de 1930. Com isso, a cidade foi construída e legitimada pelo conhecimento técnico do urbanismo moderno, mas também foi uma das principais estratégias políticas de consolidação do poder ludoviquista que era composto por médicos, advogados e etc, mas que também eram donos de terras. "Em Goiânia, a eficiência da técnica e o pragmatismo da política estão misturados, sendo os principais responsáveis por uma visão ambivalente da capital: moderna e tradicional, cosmopolita e provinciana" (Oliveira; Mendonça; Chaul; Jaime, 2024, p. 89).

Os principais pontos criticados na antiga Vila Boa, atual Cidade de Goiás, e que se tornou fundamental para justificar a transferência da capital foram: em primeiro lugar a localização da cidade, que acarretou a escolha de um local "próximo à ferrovia, que tivesse abundância de água, bom clima e topografia adequada" (Oliveira; Mendonça; Chaul; Jaime, 2024); e em segundo a busca pela padronização e criação de normas que gerassem uma cidade ordenada a partir de princípios modernos, e isso foi possível devido a criação do Plano Diretor e da concepção do plano piloto que foram elaborados "de acordo com normas e determinação do Interventor (Relatório, 1930-1933)" (Oliveira; Mendonça; Chaul; Jaime, 2024). Assim, em 1933, iniciou-se o projeto do plano urbanístico de Goiânia (Alvares, 1942) para o

qual foi contratado o urbanista Attilio Corrêa Lima¹. O seu projeto partia de fundamentos racionais e modernizadores, em acordo com o pensamento urbanístico vinculado à época.

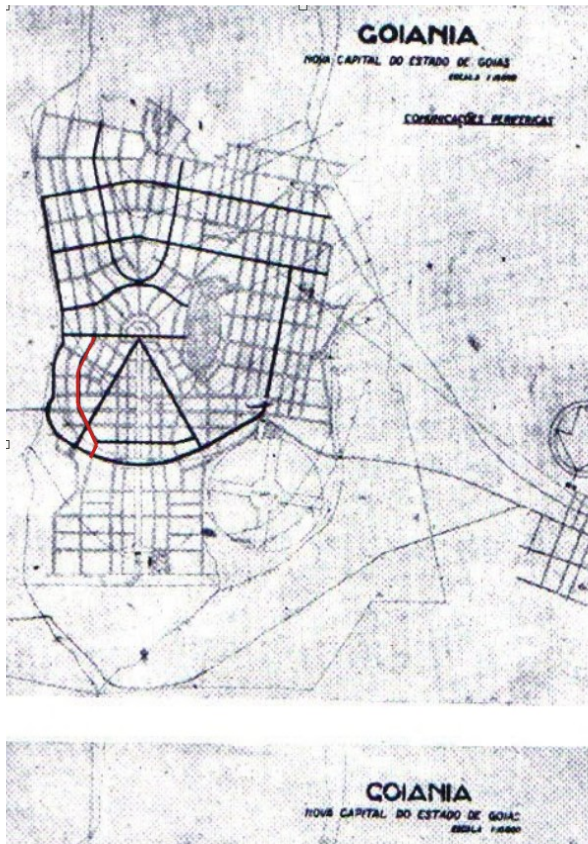
O traçado urbano de Attilio (Monteiro, 1938) foi pensado para que as avenidas principais convergissem para a Praça Cívica, o *core* do núcleo pioneiro (Figura 1). Para os autores, “é interessante destacar que Goiânia teve, no centro cívico, a origem de seu traçado: tudo convergia para lá e de lá partiam avenidas e ruas. Enquanto as cidades antigas tiveram suas origens nas capelas e igrejas que, com suas torres, as dominavam, Goiânia teve sua origem no Estado, no Poder Executivo” (Oliveira; Mendonça; Chaul; Jaime, 2024, p.36).

O seu conjunto arquitetônico foi planejado para ser composto por edifícios de usos misto, comercial e habitacional. Nessa região, no encontro entre as avenidas Anhanguera e Tocantins e na Rua 3, foi prevista a criação de edifícios culturais, tendo ênfase no Teatro Municipal de Goiânia. Para Manso (2010):

No desenho e no traçado viário, Attilio mostra-se atento à configuração do terreno, à necessidade do tráfego, ao zoneamento e ao loteamento – aplicativos desenvolvidos pelo movimento moderno – e, além de incorporar esses tópicos, privilegia as grandes perspectivas, estabelece o centro cívico e administrativo como elemento fundamental na composição, por ser visto de todos os pontos da cidade (Manso, 2010, p. 47).

¹Attilio Corrêa Lima (1901, 1943) era um engenheiro-arquiteto, urbanista e paisagista. Graduou-se engenheiro-arquiteto na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) na cidade do Rio de Janeiro em 1925. Em 1930, ele se formou como urbanista pela Sorbonne, no Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris (IUUP). Além disso, foi professor na ENBA na área de planejamento urbano.

Figura 1: Plano Urbano de Goiânia (1933) – Attilio Corrêa Lima.



Fonte: Celina Manso (2001). Editado pela autora com demarcação da Rua 20 em vermelho feito em 2025.

Goiânia, desse modo, foi concebida nas décadas de 1930 e 1940, e teve sua fundação e sua construção imagética inicial inseridos nos ideais de modernidade – ou modernidades, se considerarmos as várias linguagens adotadas para compor a paisagem urbana de suas ruas – almejando uma ruptura com o tradicional a partir da criação de novas representações. Com isso, a cidade acolheu diferentes possibilidades de expressão, traduzidas nos estilos e nas linguagens arquitetônicas – *Art Déco*, eclético, normando, neocolonial, missões e moderno – cujas características remetem aos ideais, às identidades e à vida social construída na cidade.

A modernidade possível que planejou a cidade foi o paradigma das incertezas, das oposições e dos desafios. Os primeiros edifícios que foram construídos na cidade também tentaram materializar estes anseios, em busca do moderno. Sintonizados com a produção dos grandes centros assumiram uma linguagem típica, na qual se podem perceber influências de diversas modernidades (Gonçalves, 2002, p.31).

Atualmente, ao analisar o Centro de Goiânia e ao aplicar as categorizações propostas por Vargas e Castilho (2009)², pode-se perceber que o Setor Central assume hoje características de um “centro diversificado”, por apresentar as funções de centro histórico, centro de mercado, centro tradicional, centro cultural e centro político. Essa capital, portanto, valoriza parte da sua história e da memória ao manter características existentes³ desde a sua fundação, como por exemplo, a permanência do centro administrativo e comercial nesse local e alguns edifícios originais, ainda que estejam passando pelo esvaziamento e degradação.

De acordo com relatos apresentados pelos autores Lima Filho e Machado (2007), a Rua 20 foi a primeira via construída em Goiânia a se conformar como um espaço urbano, já que foi a primeira a possuir um conjunto de edificações que compuseram uma paisagem definida (Figura 2). Assim, ela é marcada por símbolos históricos e, ainda hoje, pode-se observar algumas construções que foram projetadas em suas primeiras décadas.

Ela foi pensada para ser um apoio para a construção da nova capital. Nela foram implantados vários edifícios institucionais, como a Faculdade de Direito da UFG e “[...] provisoriamente, o Palácio, a Secretaria-Geral, o Escritório Central das Obras e a Diretoria-Geral da Fazenda, que necessitou ocupar 2 casas devido à extensão de seu programa, sendo uma para a Seção de Terras e outra destinada a residência do governador, Dr. Pedro Ludovico Teixeira” (Frota Filho; Galli, 2020, p. 98).

² Segundo os autores, o centro urbano pode ser categorizado como de negócios, de mercado, histórico, principal e tradicional. O centro de negócios é aquele cuja principal função gira em torno das atividades financeiras. O centro de mercado tem sua função de facilitar o comércio e geralmente é um ponto de conversão de trajetos dentro da cidade. O histórico é um local que valoriza o passado, através de suas edificações e monumentos importantes. O tradicional está relacionado a sua formação e a manutenção das suas características originais. Já o centro principal é aquele que possui as atividades vitais de um espaço urbano. No entanto, em um centro urbano pode ocorrer uma sobreposição dessas categorias gerando, assim, um “centro diversificado” (Vargas; Castilho, 2009), como o existente em Goiânia.

³ “Até o final da década de 1940, houve um grande controle da expansão urbana da cidade por parte do Estado, principalmente através de decretos e leis” (Gonçalves, 2002, p.111). O processo de maior transformação da paisagem dessa região se iniciou a partir das décadas de 1950 e 1960 (Vilarinho, 2018), causadas pelas políticas neoliberais presentes no Plano Diretor da época – Plano Diretor de Luís Saia (1962). No entanto, pode-se observar que apesar dessas mudanças proporcionadas pelos planos diretores, o projeto de zoneamento e as leis urbanas aprovadas para a capital durante as suas décadas de vida, mantiveram a permanência desses usos no local.

Ademais, tendo em vista a proximidade ao centro cívico e ao importante equipamento religioso e social – a Catedral Metropolitana – morar nessa região era estar perto dos acontecimentos importantes. Sendo assim, a partir de fotos da época, é possível observar que nos demais trechos, a rua era formada predominantemente por edifícios residenciais, térreos e assobradados.

Figura 2: Rua 20. Década de 1940. Alois Feichtenberger.



Fonte: MIS01344 – Acervo MIS|Goiânia – GO, 2023.

Dessa maneira, algumas das primeiras construções do núcleo pioneiro tiveram como objetivo abrigar alguns órgãos públicos e edifícios institucionais, cuja função era estimular a construção da capital, como o Palácio do Governo (1935), o Escritório Geral de Obras (1935), a Escola Normal (1938) e a Faculdade de Direito (1937) edificadas nesta rua. Além disso, foram construídas casas para funcionários do Estado, térreas e em dois pavimentos que, juntamente a outras construções, formaram a paisagem diversificada – tanto de usos quanto de estilos arquitetônicos – que materializaram esse momento na história goiana.

Devido à sua condição e ao contexto, a Rua 20 é um exemplo da construção e reconstrução em centros históricos. Ela é o amálgama de memórias e transformações. Ou seja, as representações de modernidade existentes nela, e as sobreposições de “*layers*” presentes em sua paisagem, carecem de estudos e documentação. Dessa maneira, a partir do estudo de sua arquitetura, pode-se observar as expressões do momento histórico e das pessoas que formaram Goiânia

em suas primeiras décadas, quais camadas arquitetônicas e históricas foram acrescentadas e quais os processos de modificações da paisagem urbana dessa rua.

Ao realizar a revisão dos conteúdos produzidos sobre a história desse bairro, percebe-se a existência de várias pesquisas com o foco em uma leitura macro da região central. No entanto, observa-se uma lacuna de produção sobre o micro como, por exemplo, pesquisas sobre algumas ruas, que têm suas características identitárias próprias, levando em conta sua paisagem urbana e o seu imaginário. Uma das ruas que não possuem um estudo mais aprofundado é a Rua 20. Com isso, essa pesquisa busca se debruçar sobre esse objeto, enquanto espaço representativo da história e da memória local.

Apesar de ainda ser possível observar algumas das construções remanescentes das primeiras décadas de Goiânia na Rua 20, essa região passa atualmente por um processo de transformação que ocorre de modo intenso, causado pela especulação imobiliária. Um dos motivos é a proximidade com o Setor Universitário, que gera demandas de moradias na região. A consequente verticalização – permitida pelo novo Plano Diretor (2023) – está acontecendo de maneira rápida e a procura por imóveis nessa localidade é um grande chamariz, causando impactos irreversíveis ao patrimônio existente, já degradado. Outros fatores que intensificam essa situação são o grande número de imóveis à venda, as políticas que favorecem as novas construções⁴ e as tecnologias atuais que permitem uma agilidade nas construções.

Essa pesquisa parte da tentativa de reconstrução da paisagem com base nas edificações originárias e contidas nas várias camadas históricas presentes nessa

⁴ Um dos pontos de maior mudança do novo Plano Diretor de Goiânia (2023) foi em relação ao adensamento. Nele, bairros com áreas críticas como o Jardim Goiás e o Setor Bueno tiveram restrições para reduzir o adensamento e gerar ocupações em outras áreas da cidade. Um dos locais apontados como região de interesse para um maior adensamento é a região central da cidade. Um dos argumentos para a aprovação do Plano Diretor foi que o adensamento populacional é um meio de revitalizar o Centro da capital, trazendo novos moradores para o local e, com isso, seria possível preservar a história da cidade. Não obstante, como defende Tadeu Arrais em entrevista ao Jornal Opção (Vera, 2023) “o Centro já tem vida e é povoado, por isso não é necessária essa revitalização. O que são necessárias, diz o professor, são medidas e programas que tornem a região atrativa para as pessoas”. O que essa mudança está causando, na realidade, são várias construções históricas à venda e sendo demolidas. Além disso, no dia 23 de outubro de 2023 foi apresentado o projeto de revitalização do Centro, que prevê uma isenção do IPTU para estacionamentos horizontais e verticais na região central. Para saber mais: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/centro-de-goiania-proposta-preve-isencao-de-iptu-por-15-anos-para-estacionamentos-verticais-e-horizontais-543229/>. Acessado em: 10/02/2025.

rua. Como problema de pesquisa, busca-se analisar quais são as transformações que podem ser percebidas nesse espaço. Como hipótese, defende-se que, durante esse processo de transformação, houve uma ruptura com as representações tradicionais e ocorreu a construção de novas representações no tempo presente, que podem ser observadas pelo cotidiano e pelo significado dos espaços para os seus usuários. Assim, vários locais que antes eram construções históricas, atualmente são terrenos vazios ou grandes empreendimentos que estão sendo construídos, gerando conflitos e tensões entre o patrimônio edificado e as novas obras. Com isso, é possível identificar elementos e representações das construções entre 1930 e 1960, no entanto, a maioria está à venda ou se encontra escondida atrás de placas ou muros.

Como objetivo geral, essa pesquisa busca investigar as camadas históricas e as transformações existentes na paisagem urbana da Rua 20. Os objetivos específicos são: fazer um resgate histórico do processo de formação dessa rua e suas modificações; investigar as diversas feições da arquitetura moderna na conformação de sua paisagem em suas primeiras décadas; identificar quais paisagens, camadas históricas e resquícios do passado podem ser encontrados atualmente na Rua 20; e gerar um comparativo entre as paisagens das primeiras décadas e os dias atuais.

A pesquisa iniciou-se com a revisão de literatura, por meio de artigos, livros e relatos já produzidos. Os conceitos que regem as ideias de paisagem urbana, lugar, memória e representação darão suporte teórico às análises pretendidas. A metodologia escolhida é a historiografia com o aporte de conteúdos já produzidos sobre a Rua 20 a partir de pesquisas documentais, bibliográficas e iconográficas. Serão utilizados também livros e reportagens que contém entrevistas com os moradores pioneiros da cidade, além de visitas de campo e observações realizadas no local, buscando assim, recuperar discursos e impressões que gerem uma discussão sobre a paisagem existente no local.

Além disso, por meio de uma análise etnográfica do lugar, serão comparadas as paisagens da atual da Rua 20 com as encontradas em antigos documentos (textos, fotografias e projetos) das primeiras décadas da construção de Goiânia disponíveis em acervos, bibliotecas e livros. Por fim, será realizado um mapeamento

dos estilos presentes na formação dessa rua, para a identificação das características dessas construções, como elas compunham a paisagem no passado e como estão esses locais atualmente, fazendo um comparativo a partir de fotografias, projetos, reportagens e literatura produzidos sobre o objeto.

A Rua 20 está passando por um novo processo de transformações que impacta o seu imaginário e a formação de memória histórica das futuras gerações, fenômeno este similar aos passados por outras ruas de centros históricos brasileiros, o que a torna, portanto, um local de interesse para se estudar esse processo de modificação da paisagem urbana e da sobreposição de camadas históricas em Goiânia. Por fim, esse trabalho pretende gerar discussões sobre as transformações ocorridas e a necessidade de uma melhor proteção do patrimônio edificado remanescente no lugar.

1. Reflexões e conceitos sobre centros históricos

A paisagem urbana, especialmente a dos centros históricos brasileiros, é um reflexo vivo da memória e história do lugar. Ela é formada tanto pelo patrimônio coletivo e material quanto pelas vivências cotidianas de seus usuários no espaço urbano e suas subjetividades. No entanto, a descaracterização, provocada pela degradação, abandono governamental e intervenções que desconsideram a real necessidade de preservação daquele espaço, leva a importantes questionamentos sobre como podemos preservar o patrimônio e em como ele é formado.

Este capítulo se organiza, assim, para explorar a relação entre paisagem urbana, a memória e o sentido do lugar, buscando refletir sobre como as representações moldam a construção do patrimônio e como as dinâmicas de intervenções urbanas podem influenciar – tanto de forma positiva quanto negativamente – na preservação dos centros históricos e no seu papel na vida urbana.

1.1. Paisagem urbana

Para Carsalade (2010), os centros urbanos históricos passaram por processos de desfiguração da sua paisagem por meio das legislações urbanísticas que estimulavam a substituição do patrimônio por novas construções. Para o autor, a paisagem é o reflexo de uma determinada “vida urbana” de seus usuários e, como tal, a sociedade deveria decidir o que se deve preservar e o que pode ser substituído. Para ele, a arquitetura é fundante, ao abrigar uso, é referencial, ao orientar e gerar uma identificação com o usuário, e é construtiva, ao compor a paisagem de um local.

Como discutido por Rossi (2001), os fatos urbanos são palimpsestos⁵ de memória coletiva, que compõem a sua tessitura histórica e constroem o significado do seu patrimônio. No entanto, em muitas cidades brasileiras, a paisagem dos

⁵ “Palimpsesto é uma palavra de origem grega, que em sentido literal significa ‘aquilo que se raspa para escrever de novo’ [...] Cidades também podem ser lidas como palimpsestos: elas resultam do acúmulo de sucessivos ‘textos’ parcialmente apagados, que guardam sentidos e memórias materiais de diferentes épocas (1). Compreender uma cidade exige habilidade para reconhecer e decifrar essas diferentes camadas de historicidade” (Jayo, 2018, n.p.). Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/drops/18.128/6972>. Acessado em: 14/02/2024.

núcleos pioneiros não é preservada e sofre com modificações causadas pelas políticas de substituição, que negligenciam os valores histórico, arquitetônico e simbólico dos edifícios, impactam o cotidiano de sua população e, muitas vezes, desconsideram as necessidades locais.

Já para Lynch (2006), a paisagem deve ser apreciada, lembrada e contemplada pelos seus usuários. Para ele, as pessoas e suas atividades fazem parte da paisagem da cidade e são tão importantes quanto às partes físicas e imateriais, uma vez que, “o observador deve ter um papel ativo na percepção do mundo e uma participação criativa no desenvolvimento de sua imagem” (Lynch, 2006, p.6).

Assim, a paisagem urbana pode ser entendida como o conjunto de elementos que compõem e organizam o espaço de uma cidade (Cullen, 1971), como as casas, edifícios, marcos e ruas. Ademais, a paisagem é uma construção coletiva e individual, uma vez que, ao significar e apropriar um lugar, estamos efetivamente construindo a paisagem.

No entanto, vivenciar a paisagem vai além de perceber o conjunto edificado que forma a cidade. Para Duarte e dos Santos (2020) cada lugar possui a essência da vida social e espiritual de seus habitantes. Ou seja, as memórias de várias gerações, as histórias e os marcos imateriais formam a paisagem tanto quanto os edifícios. Dessa maneira, o espírito desse lugar pode ser transmitido para futuras gerações, pois ele faz parte do cotidiano de sua população, e, assim,

É como se os lugares se assemelhassem a um poema, que carrega em si forma e sentimento próprios, mas que é capaz de despertar sentimentos dentro de nós quando nos dispomos a apreciar o poema com intenção. O espírito do lugar é construído com a colaboração das pessoas na relação social que elas mantêm com a natureza daquele lugar e em resposta às suas necessidades sociais ao longo do tempo, se revelando como sentimento de paisagem. Enfim, ele faz parte do cotidiano das comunidades (Duarte; dos Santos, 2020, n.p).

Além disso, esse espírito do lugar pode ser transmitido a partir da paisagem presente na memória, uma vez que, por serem uma construção coletiva e histórica, eles são “como uma estrela: um eco do que já vivemos no passado, mas que ainda existe dentro de nós, sobrevivendo ao tempo” (Duarte; dos Santos, 2020, n.p). Outra autora que discute esses pontos e os relaciona com os tempos da cidade é Pesavento (2012). Para ela:

O tempo das cidades é múltiplo e sempre em reconstrução, pois a cidade é uma reinvenção permanente do mundo no espaço: a partir do tempo do presente, em que são feitas as escolhas políticas e decididas as intervenções sobre o mundo urbano, a cidade se reconstrói continuamente, tendo como horizonte o passado e o futuro. [...] O presente da cidade, tempo de vida, é um momento no espaço em que se recupera o passado material e imaterial da urbe, para que as pessoas com ela se identifiquem, ancorado nela as suas referências históricas e de memória. Mas o presente das cidades também é o tempo em que o futuro deve ser pensado, em que planos e projetos de renovação do espaço constroem e antecipam, às vezes de modo utópico, um tempo em devir. Portanto, uma cidade inventa o seu passado e cria o seu futuro para explicar o seu presente (Pesavento, 2012, p.24).

A paisagem, assim, surge a partir da experiência sensível do mundo e é ela que dá sentido à nossa existência. Para Berque (2010), somos influenciados pela paisagem que nos envolve, ao mesmo tempo em que construímos a paisagem que habitamos, pois somos quem somos a partir da nossa relação com o mundo, e “se o que está a nossa volta também define aquilo que somos, então incorporamos as paisagens e nos tornamos paisagens [...]” (Duarte; dos Santos, 2020, n.p).

Já Ab’Saber (2003) considera a paisagem, em suas pesquisas, como um bem patrimonial coletivo, que é historicamente herdado ao longo da vida de uma comunidade. Para ele, herda-se não apenas o solo, mas as marcas históricas e temporais que vão sendo construídas através da interação entre as pessoas e o espaço. Com isso, esse conjunto de marcas, sendo imateriais ou materiais, constitui a identidade e gera um sentimento de pertencimento para um povo. Para o autor, é por essa razão que as pessoas que vivenciam o cotidiano de um lugar, reconhecem a importância dessa paisagem, se comprometem a conservá-la e buscam transmiti-la aos seus sucessores. Assim, o valor está no significado e nas memórias que uma população tem de um local e não exatamente no bem edificado presente naquele espaço.

Quando protegemos essas paisagens cotidianas e excepcionais, pretendemos conservar sua aparência física, mas também as práticas culturais particulares do lugar, como as celebrações e os rituais, por exemplo. Buscamos, assim, garantir à população do amanhã o direito de experienciar as paisagens que fazem parte de nossas vidas hoje, permitindo que eles reconheçam seu valor e até que lhes atribuam novos valores (Duarte; dos Santos, 2020, n.p).

Careri (2013) estuda a paisagem com enfoque no ato de caminhar. Para ele, foi a partir da caminhada que o homem constituiu a paisagem que o circunda e foi “caminhando que, no último século, se formaram algumas das características com as quais interpretam as paisagens urbanas que nos circundam” (Careri, 2013, p. 27). Dessa forma, surge o caminhar à deriva na cidade como uma forma de pensar, construir, vivenciar e interpretar a cidade. Com isso, a partir do ato de caminhar, conseguimos sentir e integrar a paisagem.

Ser errante é inato a todos nós, pois, bem antes de nos reunirmos em vilas e cidades, percorríamos o mundo caminhando, e todas as direções eram rotas, todos os lugares eram caminhos, e todo caminho era paisagem (Duarte; dos Santos, 2020, n.p).

Já Harvey (2014), aborda outro ponto de vista sobre a paisagem urbana. Para ele, a qualidade de vida se tornou uma mercadoria do capitalismo, no qual, aqueles que têm dinheiro, conseguem morar em um local com acesso à educação, atividades culturais, bem localizado, com infraestrutura e os com poder aquisitivo menor não conseguem suprir as suas necessidades básicas de moradia nas regiões mais centrais. Dessa maneira, apresenta-se, um novo modelo urbanístico, no qual, as paisagens urbanas são reflexos desse sistema e as políticas públicas têm como característica a venda de um determinado estilo de vida para ocupar uma região periférica da cidade.

No Brasil, agentes imobiliários enalteceram o sonho da casa própria, com a retirada da classe baixa das casas alugadas nas regiões centrais, e venderam para elas moradias afastadas dos locais de trabalho e lazer (Holston, 2013). Com isso, o centro poderia ser remodelado para abrigar apartamentos para a classe média, após passar por um processo de desapropriação, especulação imobiliária e gentrificação⁶. Dessa forma, as periferias se tornaram o único lugar possível para a moradia da classe trabalhadora de baixa renda morar (Harvey, 2014).

Assim, os espaços inutilizados ou degradados são revitalizados para a burguesia e para a classe média e os grupos originais daquele lugar são realocados/expulsos para outros bairros, geralmente, cada vez mais afastados do

⁶ Gentrificação (Vargas; Castilho, 2009) é um processo que modifica a paisagem urbana, por meio das mudanças de uso e de significados, justificados pela degradação e deterioração física do lugar. No início, acontecem investimentos para melhorar a infraestrutura e as características do espaço. Desse modo, atraem moradores com maior poder aquisitivo. Com isso, os habitantes desse lugar não conseguem se manter nele e precisam se mudar para outros bairros afastados do seu lugar original.

centro (Holston, 2013). Para que esse ciclo repetitivo seja possível, a periferia passa a ter que produzir uma infraestrutura para abrigar essas pessoas e, quando há uma consolidação do espaço, com a criação de ruas, saneamento básico e uma melhor qualidade de vida, elas são novamente retiradas do local devido ao aumento do custo de vida e cria-se uma nova organização para vender um novo espaço, uma nova periferia, fazendo, assim, o capital imobiliário circular (Harvey, 2014).

Por fim, outra pesquisadora que discute a mudança da paisagem a partir da especulação imobiliária é Otilia Arantes (2000). Para ela, a paisagem urbana é palco de transformações geradas pelo seu crescimento e impulsionadas pelo mercado imobiliário. De acordo com a autora:

Quando se fala hoje em dia, a torto e a direito, em “fazer cidade”, tamanho eufemismo vale bem a pergunta: quem de fato “faz a cidade”? A resposta, ao menos a partir dos anos 1990, parece inequívoca: naturalmente, as grandes empresas, com as mediações de praxe, é claro. Por isso, a mesma paisagem por toda parte, ou melhor, sem contar os simulacros na periferia [...] E assim por diante, vão as grandes corporações multinacionais, tratando de nos persuadir de que os verdadeiros protagonistas da cena mundial são as cidades, ou melhor, cidades cuja configuração seja propícia à valorização patrimonial que mais interessa a tais firmas no presente estágio de transnacionalização produtiva. Rentabilidade e patrimônio arquitetônico cultural se dão as mãos, nesse processo de revalorização urbana sempre, evidentemente, em nome de um alegado civismo [...] (Arantes, 2000, p. 30-31).

1.2. Lugar e Memória

Para Bresciani (2008), a cidade é formada por referências e elementos que compõem a estrutura física e fornecem símbolos para a construção de uma memória coletiva e, conseqüentemente, moldam o imaginário urbano. Para ela, “é a própria experiência do cidadão, este ser urbano plural, que constitui o imaginário moderno [...]” (Bresciani, 2008, p. 13).

Para Marc Augé (2001), lugar, ou espaço antropológico, é definido por sua relação identitária com as pessoas no seu entorno e compõe o patrimônio de uma cidade, enquanto um espaço que seria incapaz de formar uma identidade, uma memória, seria um “Não Lugar”. Para ele, esses espaços caracterizados como não lugares muitas vezes são apenas para passagens e possuem um tratamento impessoal. Ou seja, o não lugar é o oposto ao lar, ele é o espaço público de rápida circulação e que não gera uma conexão ou memória com o usuário (Augé, 2001).

Outra autora que relaciona memória e lugar é Schwarz (2023). Para ela, a memória de um povo constitui a história do lugar. Assim, grupos sociais imprimem suas memórias coletivas no espaço da cidade (Lepetit, 2001). E é por meio dessas imagens, que podemos ter a ilusão de revisitar o passado através do espaço presente, e é isso que define o conceito de memória. Já para Pesavento:

[...] o espaço urbano contém um tempo, detém uma história e uma memória e exige uma leitura, o que transforma a cidade em um livro de pedra, como já disse Walter Benjamin. Nesse sentido, cada forma, cada matéria, cada traço que marca a apropriação do espaço torna-se um texto que possui uma trama e que propõe um enredo a ser desatado. O tempo e o espaço são, pois, dimensões para analisar o fenômeno urbano, referenciais que possuem um sentido e que estão ligados em cada recorte do território, cada forma, cada matéria contém um tempo real que remete a atores, as práticas sociais e a significações. Do mesmo modo, cada momento do passado deixa marcas objetivas no espaço (Pesavento, 2012, p. 23).

Para Jacques (2018), no entanto, as percepções individuais inclinam-se a não seguir uma direção linear. E assim, o tempo se torna anacrônico e uma memória vai se entrelaçando a outra, se misturando e criando um quadro para a história, ao reunir conceitos que conectam significados pessoais e coletivos e formam uma narrativa urbana. Para Bosi (2003), ao descrever:

[...] a substância social da memória – a matéria lembrada – nos mostra que o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém

e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique. O tempo da memória é social, não só porque é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no modo de lembrar (Bosi, 2003, p. 29).

Assim, as referências e representações dos indivíduos que habitam a cidade é o que permite a formação de uma memória coletiva. Para Jeudy (2005), uma maneira de preservar as lembranças é por meio da conservação patrimonial, já que, com ela retira-se o peso da memória e cria-se uma garantia física e edificada contra o apagamento. Ou seja, o patrimônio material é composto pela sobreposição de camadas históricas e de memórias combinadas com a apropriação simbólica ou de uso do espaço construído (Carsalade, 2010). Dessa maneira, o patrimônio é o:

[...] elo que gera os lugares urbanos e que liga o cidadão à sua cidade. É como tal que ele impõe que as transformações se façam de maneira culturalmente sustentável, ou seja, respeitando as preexistências tanto materiais (edifícios, morfologias urbanas, meio ambiente) quanto imateriais (“pedaços, manchas, pórticos e trajetos”) e entendendo que há estreita correspondência entre ambas (Carsalade, 2010, p. 87).

Contudo, sem reconhecer os marcos presentes na cidade e sem formar uma conexão/identificação entre os cidadãos e o espaço, não há o desenvolvimento de um cidadão pleno e nem a formação de uma imagem clara consolidada na memória de sua população (Souza, 2008). Devido a isso, muito do patrimônio tombado das cidades são apenas institucionais, não gerando, assim, um reconhecimento por parte de sua população e sendo esquecido no âmbito da memória.

O cidadão não reconhece o patrimônio cultural que configura as ruas, um dos fortes elementos de representação social e formadores da identidade cultural, que pela sua presença pode e deve acionar o dispositivo da memória coletiva. Por muitas vezes, esse patrimônio, por ser desconhecido da população, se encontra tapado por placas de propaganda, ou em condições difíceis de ser percebido e valorizado pelo transeunte. Os valores são encobertos, e a memória empobrecida (Souza, 2008, p. 121).

Além disso, de acordo com Jeudy (2005), ao se tratar de memória, o tempo presente se mistura com imagens do passado, e com isso “a própria cidade impõe ao olhar a visão incerta de suas transformações, opondo-se à vontade de se reencontrar o que já foi” (Jeudy, 2005, p. 88). Por fim, para Pesavento (2012), a cidade pode ser percebida, utilizada e entendida a partir dos símbolos produzidos ao longo da história como: as marcas do tempo no espaço e significados que regulam

as dimensões materiais, sociais e do imaginário da população. E o patrimônio edificado busca gerar uma memória coletiva e representações urbanas do cotidiano e da história de um povo. Para ela:

A arquitetura e a história almejam, de certo modo, vencer o tempo, a permanência e a estabilidade. Em geral, a arquitetura inscreve no espaço formas que aspiram à durabilidade, salvo no caso da arquitetura do efêmero, que nos é contemporânea. A história, por sua vez, inscreve no texto uma narrativa que também visa a uma permanência, a do sentido. Ao mesmo tempo que tem como objeto a mudança das sociedades no tempo, a narração histórica pretende salvar o passado para o presente e registrar, para o futuro, um discurso que explica o tempo. A memória é, por definição, uma luta contra o esquecimento. Assim, a arquitetura, a memória e a história podem ser definidas como atividades humanas que lutam contra o tempo, que deixam traços que aspiram à durabilidade (Pesavento, 2012, p.25).

1.3. Representações na construção do patrimônio

A cidade, para Souza (2008), é uma representação dos interesses coletivos, “expressos pelo poder, pela classe dominante ou ainda pelas crenças e mitos, enfim, pela própria sociedade” (Souza, 2008, p. 108). Para ele, cada geração constrói sua própria definição de sociedade e cidadão, adotando sua ideia do que a cidade deveria ser. Dessa maneira, “cada geração deveria reescrever a sua história, porque, embora o passado não mude, o presente se modifica a cada geração” (Souza, 2008, p. 108), gerando, assim, suas próprias transformações e, conseqüentemente, criando sobreposições de camadas históricas em suas cidades. Essa visão é compartilhada por Bresciani (2008) através de suas ideias sobre discurso ficcional e histórico. Para ela:

[...] tanto o discurso ficcional como o discurso histórico, enquanto representação, trabalham com uma reinscrição do tempo. Dando voz ao passado, ficção e história proporcionam a erupção do ontem no hoje, numa intensidade temporal que, ao mesmo tempo que justapõe passado e presente, os reinscreve em uma nova instância. Esta representação de um tempo é que permite a leitura do passado pelo presente como um “ter sido”, da mesma forma figurando como passado e sendo dele distinto (Bresciani, 2008, p. 28).

Assim, o imaginário urbano é uma das forças que regulam a vida cotidiana coletiva, uma vez que, é a partir dele que a sociedade gera coletivamente a sua identidade, elabora uma representação de si, gera identificação e cria o código do modo de vida urbano (Bresciani, 2008). Ou seja:

Estes restos arcaicos, traços, resíduos, fragmentos de várias camadas de imagens que ligam o homem livre à cidade compõem representações globais da sociedade, ideias-imagens por meio das quais as sociedades, vale dizer, nós, os habitantes das cidades e os urbanistas que pensam e projetam as cidades, elaboramos uma auto-identidade individual e coletiva (Bresciani, 2008, p. 20).

Outro autor que aborda a permanente remodelagem do imaginário é Hiernaux (2012). Para ele, não é apenas a mudança de pensamento no tempo que gera essas modificações, mas “a confrontação crescente da realidade observada com a realidade mentalmente construída é o que faz com que os imaginários se reconfigurem permanentemente [...]” (Hiernaux, 2012, p. 57).

Para Jeudy (2005), o valor patrimonial concedido àquele que é reconhecido como patrimônio, refere-se a uma forma de reivindicar o bem material como

participante da constituição identitária de uma sociedade. Para ele, esse papel de “marca” garante autenticidade e reconhecimento perante a importância de manter aquele bem para formação de uma memória coletiva futura. Com isso, o dever de memória – o é preciso não esquecer – deveria ser o reflexo do “entusiasmo coletivo porque se transformou em prazer de reconhecimento de si mesmo naquilo que estava em vias de desaparecer” (Jeudy, 2005. p. 28). No entanto, nem sempre essa é a realidade do patrimônio tombado.

Ademais, a arquitetura não deve ser entendida apenas pelo viés construtivo e técnico, mas pela vivência que confere afetividade com o espaço (Pallasmaa, 2013). Assim, não apenas a materialidade da arquitetura proporciona uma relação física com o espaço, mas cria uma conexão humana tecida e imaginada entre a construção e o usuário (Pallasmaa, 2013). Dessa maneira, a relação entre espaço e usuário se baseia na formação de símbolos e memórias que geram espaços de afeto, no qual, as suas transformações impactam no cotidiano da cidade.

Outra autora que utiliza e se apoia nessa ideia é Leitão (2014). A autora defende que os “espaços de memória” são “espaços privilegiados de afeto” e se tornam presentes no dia a dia de seus usuários e, com isso, o impacto que pode ser gerado pelas suas transformações afetam o patrimônio histórico tanto para os seus usuários como para as gerações futuras.

[..] o ser humano se relaciona com o mundo estabelecendo relações simbólicas, mas não se conhece suficientemente qual a implicação desse fato para a arquitetura e, menos ainda, o que pode significar, psiquicamente, intervir em espaços de memória, em espaços que, de simples espaços do abrigo, se transformaram em espaços privilegiados do afeto (Leitão, 2014, p.14).

Para Hall (2016), a representação cultural se dá por meio da linguagem, um dos principais meios para a construção de memória. Essa prática é definida a partir da criação de conceitos, coletivos ou individuais, presentes na mente humana. Ou seja, a linguagem espelha os conceitos criados pela sociedade, concedendo signo e significado para as representações, a partir de suas imagens, sons, textos, entre outros códigos relevantes para a estruturação cultural do indivíduo (Hall, 2016). Wunenburger (2007) também defende essa visão em que o imaginário é:

Um conjunto de produções, mentais ou materializadas em obras, com base em imagens visuais (quadro, desenho, fotografia) e linguísticas (metáfora, símbolo, relato), formando conjuntos coerentes e dinâmicos, referentes a

uma função simbólica no sentido de um ajuste de sentidos próprios e figurados (Wunenburger, 2007, p. 11).

A cidade, desse modo, é um meio de ler a sociedade (Ferrara, 2008). Assim, o espaço urbano é o texto em que é possível discutir e entender a arquitetura como uma linguagem. Para Ferrara (2008), as representações imaginárias atuam como “metáforas da cidade” (Ferrara, 2008, p. 200). Para ela, essas representações do imaginário:

[...] não podem ser determinadas a priori por alguma maneira específica do fenômeno urbano, mas, sendo indeterminadas, são contínuas porque diretamente aliadas a uma tomada de consciência do sentido lógico mais profundo da experiência cotidiana que tem a cidade e seu modo de vida como pano de fundo (Ferrara, 2008, p. 200).

Ademais, a interpretação das representações no tempo histórico depende de uma série de fatores, como as relações sociais, a relação da arquitetura com a cidade, a construção dos significados no imaginário, o seu contexto histórico, entre outros. Assim, como defende Pesavento (2002), o imaginário presente na arquitetura apesar de remeter a outro tempo, pode ser interpretado a partir do presente, sendo assim um suporte para a memória social da cidade.

Dessa maneira, quando os indivíduos que pertencem a um espaço não conseguem perceber, identificar, questionar e interpretar as imagens visuais de uma cidade, isso significa que as representações contidas nela são fracas, seus significados imperceptíveis e os seus “marcos” não refletem a sua sociedade. E os verdadeiros “marcos” presentes na memória e no imaginário, muitas vezes não são preservados. Assim, quando a arquitetura é desvinculada de seu contexto e não é experienciada pelo indivíduo, a edificação acaba por ser atrelada apenas no campo da mente – não havendo, assim, uma representação edificada – e não produz afetividade e uma conexão do usuário com o espaço.

Para Ferrara (2008), o imaginário da cidade pode ser entendido a partir da vivência e da experiência construída de seus usuários com o espaço citadino, uma vez que, a imagem urbana é polissensorial, resgatando assim, símbolos, marcas e significados que são fragmentos que, ao serem lidos e juntados, produzem uma “metáfora da cidade” (Ferrara, 2008). Ou seja, o espaço urbano é o texto em que é possível discutir e entender a arquitetura como linguagem.

Para que a paisagem urbana existente seja retratada é necessário, assim, construir uma imagem do lugar, por meio de depoimentos do passado e da comparação com o presente. No entanto, nem sempre o patrimônio das cidades consegue ter a sua imagem consolidada na memória de sua população. Goiânia é um desses casos ao se tratar do seu tombamento, de acordo com Mello e Vaz (2015):

[...] se voltarmos ao tombamento do centro histórico e de seus edifícios percebe-se que não há o mesmo retorno, ou seja, os goianienses não cultivaram uma memória compartilhada, porque lhes faltou uma imagem de cidade a ser da mesma forma desejada e reverberada. Os sonhos e desejos de Pedro Ludovico redundaram numa memória social em que todos se viam imbuídos de construir aquela cidade. Atualmente, não há reverberação, e os moradores de Goiânia não estabelecem conexões de pertencimento com o acervo tombado e pouco com a cidade como um todo (Mello; Vaz, 2015, p. 10).

Por fim, conclui-se que, ao desconsiderar a imagem e a memória coletiva de seus habitantes, gera-se um tombamento institucional e, com isso, considerando “a esfera do simbólico, poder-se-ia afirmar que uma cidade sem memória, sem história e sem passado é uma cidade sem identidade e sem alma” (Pesavento, 2012, p.36).

1.4. Degradação dos centros históricos e a intervenção urbana

Para Vargas e Castilho (2009), uma cidade contemporânea é constituída por um centro, que é composto por um conjunto de atividades terciárias, culturais, públicas e religiosas, e subcentros que são gerados pela expansão da cidade, degradação e deterioração desse primeiro centro. Para Memoli (2012), esses espaços centrais são reflexos das representações de uma sociedade, antro de valores simbólicos e patrimoniais enraizados na memória dos moradores.

Como já citado, um centro urbano pode passar por processos de deterioração e degradação. No primeiro caso, ele é o equivalente a piorar e inferiorizar o lugar (Vargas; Castilho, 2009). Enquanto a deterioração está ligada a problemas físicos e estruturais gerados por danos ou falta de manutenção, a degradação abrange também problemas sociais – ou seja, quando ocorre o empobrecimento e marginalização da população que ocupa essa região – e perda de usos em seu conceito. Nos dois casos, acarreta um rebaixamento econômico do local e envolve perda de função original dos edifícios existentes, havendo, assim, uma necessidade de intervenção e modificação do centro urbano (Pesavento, 2012).

Ao analisar o processo de intervenção urbana, Vargas e Castilho (2009), os classificam por tipos e períodos, sendo eles: Intervenção Urbana, Preservação Urbana e Reinvenção Urbana. A Intervenção Urbana é um processo datado entre a década de 1950 à 1970 e tem a política estabelecida de construir para renovar. Ela ficou conhecida como renovação urbana e foi aplicada quando havia a necessidade de uma rápida reconstrução dos lugares afetados. Os principais resultados desse processo foram: as ruas com usos exclusivos para pedestres, semelhantes às Ramblas espanholas e os Bulevares franceses, e a gentrificação intensificada pela mescla entre poder público e privado na reconstrução.

O segundo tipo de intervenção aconteceu entre as décadas de 1970 e 1990 e foi denominado Preservação Urbana (Vargas; Castilho, 2008). Processo que valorizava a memória e visava a restauração de edifícios históricos e os incorporava aos usos existentes. Nesse período, a mudança do centro continuou sendo gerada por projetos feitos por gestão compartilhada público-privado que geraria identidade e

orgulho cívico. Esse tipo de intervenção foi aplicado principalmente nos Estados Unidos, com destaque para a cidade de Boston e o Pier 17 em Nova York.

O terceiro tipo é a Reinvenção Urbana (Vargas; Castilho, 2008). Ela aconteceu após a década de 1980 e foi marcada pelo Planejamento de Mercado, que pensava nas necessidades dos compradores atuais e futuros, pelo marketing urbano. Ele se baseava em uma reconstrução da imagem dos espaços públicos e gerou o processo de cidade-mercadoria e o planejamento estratégico, uma vez que visava o lucro ao em vez do produto e necessidades locais.

Para Vargas e Castilho (2008), ele surgiu devido à preocupação com o deslocamento de poder central para o local, deixando os centros desocupados e sem um uso efetivo para a cidade. Esse tipo de intervenção se preocupou mais com a imagem passada do que com as necessidades do lugar (Arantes, 2011). Ademais, além de ser aplicado no centro e manter a história da cidade, recuperou áreas obsoletas estratégicas (Vargas; Castilho, 2008).

Um exemplo desse tipo de intervenção é Barcelona. Com a aproximação das Olimpíadas de 1992 na cidade, foi iniciada uma série de intervenções pontuais, para melhorar o espaço público e ligar os bairros, através da construção de equipamentos em áreas obsoletas (Arantes, 2011). Para essas intervenções, foi criado um sistema, conhecido como modelo Barcelona, para promover eventos na cidade e torná-la um centro internacional. Esse modelo gerou um ciclo, no qual, acontecimentos geram um desenvolvimento urbano que gera crescimento econômico, o que, conseqüentemente, impulsiona novos acontecimentos. Esse processo tinha a cultura como protagonista e gerou privatizações de áreas públicas, especulação imobiliária, descaracterização da cidade, gentrificação e projetos feitos por arquitetos globais e midiáticos (Arantes, 2011).

Em relação a reocupação do centro nesse terceiro tipo (Vargas; Castilho, 2008), pode-se dizer que ela foi bem-sucedida, uma vez que, ocorreu uma forte participação da sociedade para uma melhoria do ambiente já construído – um exemplo disso é o projeto Viva o Centro⁷ em São Paulo. No entanto, intrínseco à reinvenção urbana, ocorreu um processo de gentrificação, devido à ligação entre

⁷ Projeto que conta com a organização não governamental da Associação Viva o Centro e que busca organizar atores privados, instituições públicas e ações locais para construir um processo sustentado e duradouro de recuperação da área central. Um exemplo de projeto é o Corredor Cultural do arquiteto Paulo Mendes da Rocha (Vargas; Castilho, 2008).

poderes público e privado. Em muitas cidades, devido à especulação imobiliária, as pessoas que ali viviam não conseguiam se manter naquela região – processo esse relatado por Harvey (2014).

As análises geradas pelos processos de intervenção já existentes, de acordo com Vargas e Castilho (2008), apontam, portanto, que o interesse em investir no centro é grande, devido a sua infraestrutura já instalada e completa, além de um grande potencial, uma vez que há um consenso nessa necessidade de intervenção. No entanto, há pouca habilidade e interesse em entender as necessidades desse lugar, ou seja, essas intervenções estão distantes das demandas e necessidades locais, o que gera a gentrificação e perda de características locais (Vargas; Castilho, 2008).

Logo, ao intervir em um centro urbano, a postura a ser adotada é considerar as demandas locais, as características do centro, potencializar usos e ocupações já existentes, e as áreas escolhidas para melhorias devem ser relacionadas ao transporte coletivo – priorizando assim o coletivo em vez do individual. Dessa forma, evitaria a gentrificação, a descaracterização do local e a intervenção não teria necessidade de utilizar “ambientação cenográfica” (Arantes, 2011) nos centros urbanos. Ou seja, quaisquer ações em centros históricos devem refletir e ser reconhecidas por sua população, sob pena de ser um mero cenário. Consideração, essa, que nem sempre foi realizada quanto às mudanças e intervenções realizadas no centro de Goiânia como pode ser entendida ao decorrer do trabalho.

Atrelada à intervenção e apropriação do centro urbano surgiu a discussão de manutenção da memória e história do local. É nesse contexto que surge o prefixo RE aplicado a movimentos voltados à preservação de lugares já existentes (Vasconcellos; Mello, 2009). De acordo com Vasconcellos e Mello (2009), o primeiro desses movimentos foi a Renovação Urbana. Um exemplo desse é o Plan Voisin⁸ (1925) projeto de Le Corbusier para Paris.

Com a Carta Italiana del Restauro de 1972 surge a reestruturação urbanística. Ela aborda assuntos como a relação funcional, tecnológica e de uso da cidade e do centro histórico. Exemplo de sua aplicação são as ações acontecidas no Rio de

⁸ Esse projeto tinha como base a tábula rasa, utilizada pelo Movimento Moderno, e que causaria um prejuízo social ao desfazer os laços dos habitantes com o lugar e também gerou um prejuízo morfológico, ou seja, uma perda das características existentes.

Janeiro na década de 80. Assim, estes “planos atendiam a reivindicações das comunidades quanto às questões especulativas, de uso, proteção ambiental e cultural” (Vasconcellos; Mello, 2009, p. 67), no entanto, de acordo com d’Arc, para se chegar a essa intervenção, ocorreu uma grande crise devido ao abandono dos centros urbanos, que provocaram a expansão e fragmentação do tecido urbano.

Em 1995, com a Carta de Lisboa, surge a reabilitação urbana. Essa carta apresenta esse conceito como uma estratégia de gestão urbana e o traz como um sinônimo para requalificação urbana. Ela é mais criteriosa do que a revitalização urbana e prioriza manter a identidade e as características do local (Vasconcellos; Mello, 2009).

No final do século XX, começou-se a falar de regeneração urbana. Ela visava recuperar a economia e o tecido urbano, mas sem rompê-lo. Para Vasconcellos e Mello (2009), foi nessa época que surgiu a preocupação com o meio ambiente e a necessidade de preservar e conservar⁹ o que já existia na paisagem. Os RE’s (Tabela 1), dessa maneira, estão ligados a transmitir e manter integralmente a cultura, a memória e a história de um local para o futuro. Outra autora que discute esse ponto é Pesavento (2012). Ela vê a recuperação como uma forma de preservar o patrimônio edificado para futuras gerações.

⁹ A preservação é o meio legal de proteção contra danos ou degradação de um lugar enquanto a conservação é o meio de dar uso para um local e garantir sua participação econômica (Vasconcellos; Mello, 2009).

Tabela 1: Resumo dos RE's da intervenção urbana.

Nome	Período	Características	Exemplo / Carta patrimonial
Renovação urbana	Final do século XIX e início do século XX	Base: tabula rasa; Prejuízo morfológico; Prejuízo social.	Plan Voisin Carta de Atenas, 1933
Reestruturação urbanística	Década de 70	Proteção ambiental e cultural; Pensa no uso e função da cidade e do centro urbano.	Rio de Janeiro A carta Italiana del Restauro, 1972
Requalificação/ Reabilitação urbana	Surge em 1995	Requalificar a cidade existente através de intervenções múltiplas destinadas a valorizar as potencialidades sociais, econômicas e funcionais, a fim de melhorar a qualidade de vida das populações residentes;	A carta de Lisboa, 1995
Revitalização urbana		Relançar a vida econômica e social de uma parte da cidade em decadência; Aplica-se a todas as zonas da cidade sem ou com identidade e características marcantes.	Carta de Lisboa, 1995
Regeneração urbana	Década de 80	Recuperar a economia e o tecido urbano, mas sem rompê-lo; Preservar e conservar o que já existia na paisagem.	Carta do Rio, 1992 Docas londrinas

Fonte: Letícia Ribeiro, 2019.¹⁰

Assim, ao intervir e recuperar um centro urbano, para as autoras Vargas e Castilho (2009), perpetua-se a história ali existente, criar-se um espírito de comunidade e pertencimento, valoriza-se a estrutura e os investimentos já estabelecidos, e é possível gerar novos empregos, dinamizar a economia urbana e melhorar a qualidade de vida já consolidada naquele local.

O centro de Goiânia passou e ainda passa por processos de expansão e transformação. Nos últimos anos, no entanto, retomou-se a discussão sobre a necessidade de novas intervenções e de uma forma melhor de se preservar o

¹⁰ Fonte das informações que compõe a tabela: Vasconcellos; Mello, 2009, p. 61-74.

patrimônio do Setor Central. Enquanto isso, a paisagem que compunha essa região está sendo modificada e as transformações impactam diretamente a memória e a relação entre os usuários e a cidade. E nem sempre leva-se em consideração a história ali existente. E esses acontecimentos, também estão presentes e podem ser acompanhados através da trajetória de transformações da Rua 20 – da sua paisagem e dos seus estilos arquitetônicos – além da permanência ou destruição de suas construções, uma vez que,

O passeio pela Rua 20 e pelo centro urbano de Goiânia oferece uma diversidade de estilos e formas que refletem o ideário moderno. Trata-se da expressão de um momento de grande densidade de significados para a cultura e arquitetura brasileiras. Falar de estilos é falar sobre modos de expressão de grupos ou períodos a partir de elementos constantes ou semelhantes da produção artística e arquitetônica de uma população numa determinada época. Os estilos arquitetônicos apresentam peculiaridades artísticas produzidas de acordo com certos princípios, num certo período, por determinado povo, segundo técnicas específicas. Expressam, pois, categorias de pensamento e referências culturais. [...] Muitas das edificações da nova capital foram executadas por construtores (engenheiros-arquitetos) que se serviam de “cartilhas de estilos”, mostruários oferecidos aos proprietários, com um variado cardápio de opções decorativas. Essa prática trazia os exemplos que figuravam nas grandes cidades brasileiras, possibilitando a disseminação de uma multifacetada paisagem arquitetônica sobre a cidade moderna (Lima Filho; Machado, 2007, p.112).

Assim, investigar os relatos existentes sobre a Rua 20, como os apresentados pelos autores (Frota Filho; Galli, 2020), se faz necessário para identificar a paisagem existente e quais foram as suas modificações. Como defendido por Certeau, “estamos ligados a este lugar pelas lembranças... É pessoal, enfim é isso que faz o espírito de um bairro” (Certeau, 2006, p. 189), de uma rua, de um lugar.

2. A paisagem urbana da Rua 20

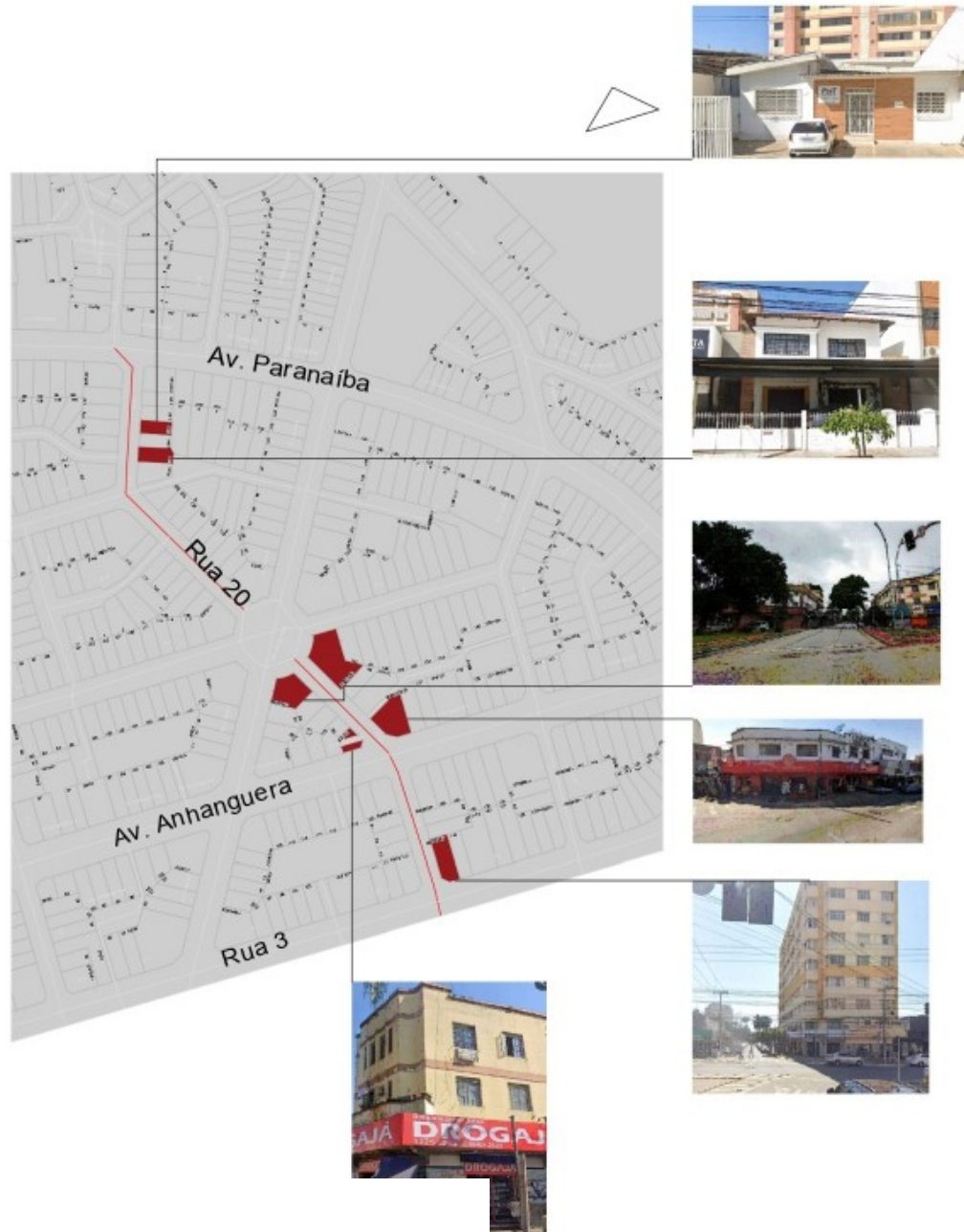
Esse capítulo é um estudo sobre a formação e consolidação da Rua 20, no Centro de Goiânia, a partir dos diferentes tópicos abaixo. Serão abordadas as primeiras décadas da Rua 20 a partir da historiografia, mostrando a localização a partir do mapeamento (Figura 3, 4, 5 e 6) das principais representações arquitetônicas no núcleo pioneiro e os equipamentos institucionais que gravitam em suas proximidades. Nesse capítulo, pretende-se mostrar o início da construção dos edifícios, quando foram iniciados os projetos das casas-tipos, quando os principais edifícios comerciais e institucionais que fizeram parte da memória desta rua foram construídos, quais foram os seus primeiros usos e quais deles ainda estão presentes no local, possibilitando uma retrospectiva da formação do lugar.

Figura 3: Mapa de estudo realizado que demarcam as primeiras edificações da Rua 20, entre a Rua 3 e a Rua 10 que permaneceram. ¹¹



¹¹As imagens da Rua em 2023, 2024 e 2025 utilizadas no mapa podem ser vistas ao decorrer do texto.

Figura 4: Mapa de estudo realizado que demarcam as primeiras edificações da Rua 20, entre a Rua 3 e a Av. Paranaíba que permaneceram.¹²



Legenda

Edifícios das primeiras décadas que resistem

F

¹² As imagens da Rua em 2023, 2024 e 2025 utilizadas no mapa podem ser vistas no decorrer do texto.

Figura 5: Mapa de estudo realizado para demarcar das primeiras casas da Rua 20, entre a Rua 10 e a Rua 3, e imagens de como estão esses pontos na atualidade¹³



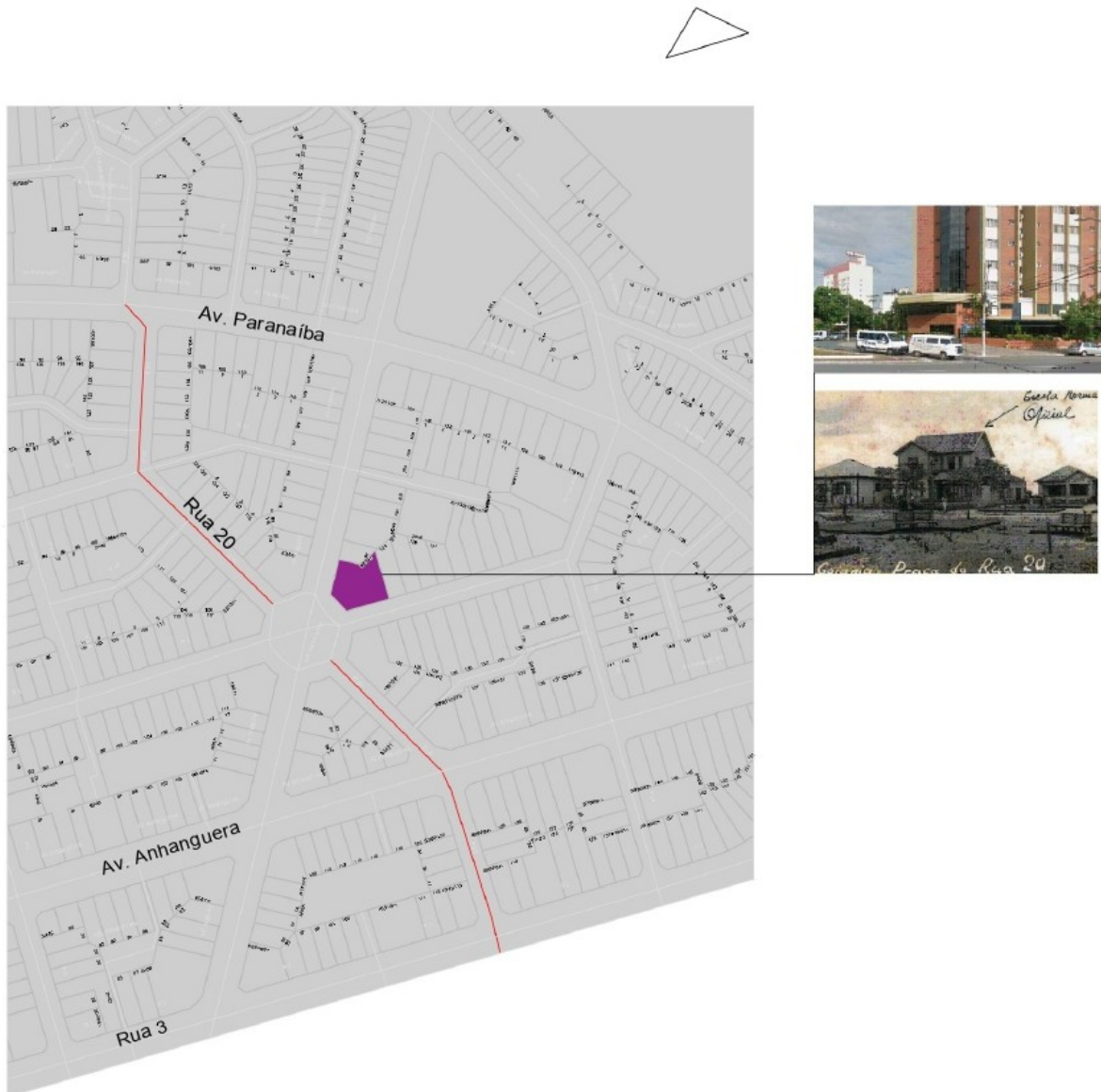
Legenda

- Pontos das edificações demolidas
- Pontos existentes, porém quase irreconhecíveis

Fonte: Letícia Ribeiro, 2025.

¹³ As imagens da Rua utilizadas nos mapas podem ser vistas no decorrer do texto.

Figura 6: Mapa de estudo realizado para demarcar das primeiras casas da Rua 20, entre a Rua 3 e Av. Paranaíba, e imagens de como estão esses pontos na atualidade¹⁴



Legenda

- Pontos das edificações demolidas
- Pontos existentes, porem quase irreconhecíveis

Fonte: Letícia Ribeiro, 2025.

¹⁴ As imagens da Rua utilizadas nos mapas podem ser vistas no decorrer do texto.

2.1. A Rua 20 na construção de Goiânia

Goiânia, planejada na década de 1930, foi uma experiência desafiadora em seu processo de urbanização. A cidade era um canteiro de obras, segundo Daher (2012) em seu livro “Goiânia, uma utopia europeia no Brasil”. Isso significou vencer os desafios e cuidar de sua implantação e operacionalizar o processo em pleno interior do país. O papel da Rua 20 na história de Goiânia é, principalmente, de ter sido o local escolhido para a materialização das primeiras residências e da promoção da urbanidade, do convívio, dos encontros das pessoas, por isso essa rua é uma representação dos processos ocorridos em Goiânia em um amplo arco temporal.

Sua localização no tecido urbano do núcleo pioneiro demonstra a fácil articulação dessa rua com o centro cívico, suas relações de proximidade com o Colégio Lyceu, com a Catedral Metropolitana, com a Avenida Goiás – principal eixo comercial do traçado – e com a Avenida Anhanguera – eixo comercial leste-oeste, de ligação com Campinas – com as instalações do Mercado Central antes de sua construção, com o Café Central – ponto de encontro de negociantes locais, com o Grande Hotel, onde as celebridades se hospedavam em visita, dentre outros elementos. Portanto, sua conexão é estratégica e favorável à gradativa construção e habitação de outras ruas. Como pode ser observado no mapa, a Rua 20 é extensa, iniciando-se na Rua 10 e cruzando a Avenida Anhanguera. Possui vários trechos que permitem o entendimento de todo o percurso, no entanto, o trajeto é fragmentado por várias barreiras de cruzamentos, dificultando a compreensão do todo. O início da Rua 20 se deu na porção mais próxima do centro cívico, tentando formar um conjunto que permitisse a visualização da cidade concretizada.

Como primeira rua a possuir uma composição urbana formada (Figuras 7, 8, 8.1 e 9), a Rua 20 abrigou as casas-tipo, construções para os funcionários, que estimulariam as outras construções, à medida que a cidade ia se materializando. Entre as décadas de 1930 e 1960, foram escolhidos para compor o seu cenário os estilos arquitetônicos: *Art Déco*, normando, eclético, neocolonial e moderno, para expressar a modernidade da época e uma ruptura com a tradição do então centro governamental Vila Boa.

Os referidos estilos em suas diversas variações, ou a simplificação e hibridismo dos mesmos, serão posteriormente ilustrados. Os estilos arquitetônicos ou, melhor dizendo, sua mescla, foram escolhidos para compor não apenas a paisagem, mas também o imaginário coletivo e gerar uma cartilha de modelos a serem seguidos, por meio das casas-tipo (Moura, 2011). Assim, muitas edificações projetadas para a nova capital foram elaboradas por engenheiros-arquitetos seguindo uma “cartilha de estilos” que foram apresentadas para os proprietários na construção de Goiânia – uma espécie de cardápio de formas e opções de decoração por meio de casas-tipo modelo – seguindo exemplos de construções presentes em outras grandes cidades brasileiras (Mahler; Silva, 2007).

As casas-tipo especiais ou casas-tipo modelo, dizem respeito às primeiras moradias que de fato foram erguidas em Goiânia, ainda em 1935, as casas da Rua 20. Tais residências, que nascem com a função de servir de “modelo” às demais construções da cidade, tiveram um padrão de acabamento elevado e dispunham de todos os elementos característicos das moradias salubres e modernas construídas em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. A feição das novas construções procurava distanciá-las o máximo possível das moradas tradicionais da antiga capital [...] (Moura, 2011, p. 60).

Figura 7: Primeiras casas sendo construídas na Rua 20 em 1933.



Fonte: Teixeira, 2025.¹⁵

¹⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10230479537946526&set=pb.1062013192.-2207520000&type=3>. Acessado em: 05/01/2025.

Figura 8: Vista aérea da primeira rua a ser habitada em Goiânia a Rua 20, no Centro em Goiânia.



Fonte: Goiás tem história¹⁶,2025.

Figura 8.1: Primeiras residências da nova capital Goiânia em 05/06/1935.



Fonte: Goiânia, ontem e hoje¹⁷,2025.

¹⁶Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CjsniD3ONe1/>. Acessado em: 17/04/2025.

¹⁷Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=808728381469848&set=pb.100069980796491.-2207520000>. Acessado em: 07/03/2025.

Figura 9: Rua 20 entre a 21 e a 15 em 1938.



Fonte: Frota Filho; Galli, 2020, P. 146.

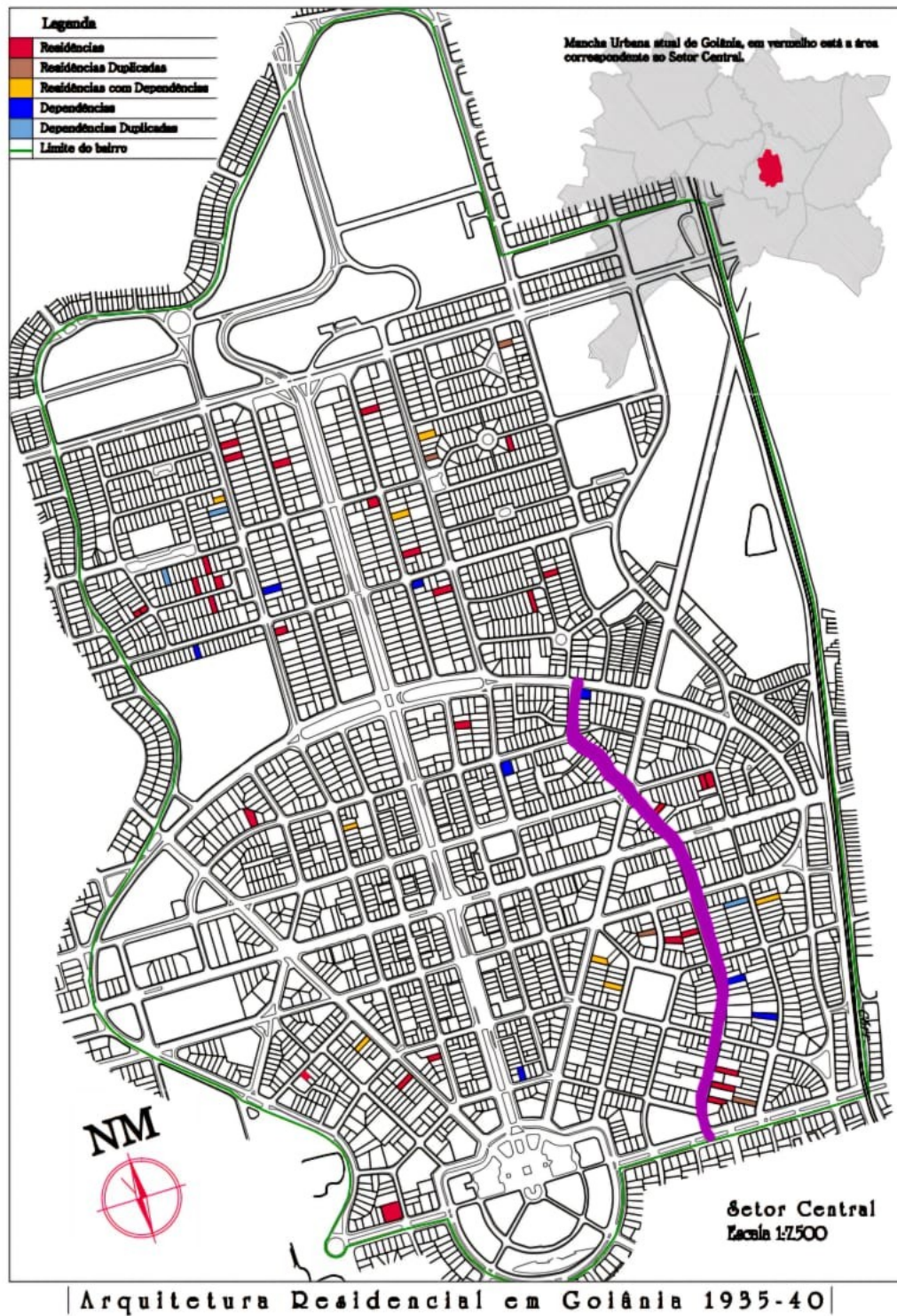
De acordo com o Relatório da Superintendência Geral das Obras feito em 1936 e Monteiro (1938), as características dessas residências eram: fundações de pedra com argamassa, contrapiso, alvenaria de tijolos autoportantes (25 cm de espessura e as internas com 15 cm), telhados com estrutura em madeira e telha plana tipo Marselha, calhas e rincões de cobre com chapa de no mínimo 12, revestimentos externos de *fulget*, janelas de madeira com vidros nos quartos e sala, janelas basculantes de vidro em banheiros e cozinhas, portas em madeira, piso da sala e quartos em tacos de ipê, ladrilhos nas áreas molhadas (banheiros, cozinhas e varandas), revestimento interno nos banheiros e na cozinha na altura de 150 cm de estuque-lustro, escadas internas em madeira e escadas externas de concreto revestido em ladrilho e cimento colorido no espelho, instalações para água quente e fria, forro interno com sancas de massa, muros com desenhos diferentes em cada residência e pintura das paredes internas com desenhos modernos. Assim, as casas-tipo modelo possuíam esse padrão construtivo, diferenciando-se apenas pelo seu estilo escolhido (Moura, 2011).

Nas poucas imagens obtidas sobre esse tipo, notamos que mesmo nas casas térreas, de menores dimensões, uma atenção especial era dispensada às fachadas, que procuravam nos modelos difundidos pelas revistas, cinema e outros meios de comunicação do período, os elementos constituintes das novas habitações (Moura, 2011, p. 73).

De acordo com Moura (2011), é importante destacar que as moradias particulares almejavam estabelecer uma diferenciação de estilo. Na Rua 20, haviam seis casas-tipo e uma dependência, construídas nessa época e que é possível encontrar informações em trabalhos já realizados, como a dissertação de Moura (2011), e nos arquivos públicos¹⁸. Abaixo nos mapas (Figura 10, 11 e 12) é possível observar onde elas estariam atualmente, no núcleo pioneiro e na Rua 20, se elas não tivessem sido demolidas, uma vez que, apenas uma delas permanece existente (Figura 11) – apesar de descaracterizada.

¹⁸Para mais informações ver anexos 1 e 6.

Figura 10: Mapa com as casas-tipo em Goiânia, produzido por Moura (2011) e editado com destaque para a Rua 20 em roxo.



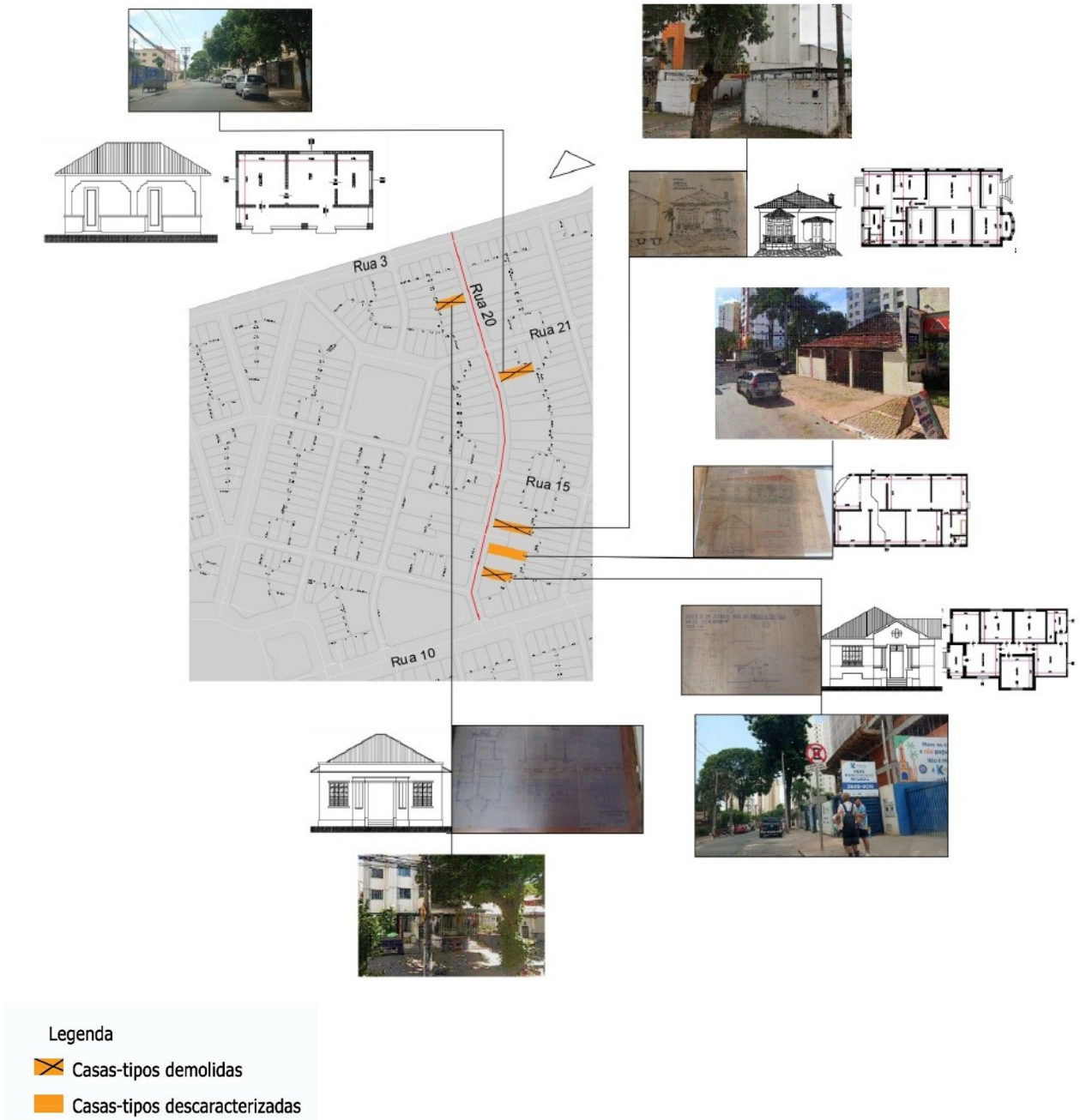
Fonte: Moura, 2011, p. 117; editado por: Letícia Ribeiro, 2025.

Assim, essas casas da Rua 20 possuem um valor histórico e cultural ao serem construções fundantes e utilizadas como referência de construção no contexto do núcleo inicial da cidade. Além das casas-tipo modelos edificadas nesta época em Goiânia, de acordo com Moura (2011), foram executadas também casas-tipo para funcionários em outras ruas do centro, com destaque para a Rua 7 e a Rua 1, e casas-tipo para operários no Bairro Popular. Elas possuíam características semelhantes às casas-tipo modelo construídas na Rua 20, no entanto, apresentavam uma simplificação em suas plantas e fachadas. De acordo com Oliveira, Mendonça, Chaul e Jaime (2024), elas:

[...] foram implantadas para acomodar altos funcionários do governo e técnicos, com usos do solo definidos, com afastamentos laterais e frontais do terreno; banheiro e cozinha integrados ao corpo da edificação. Havia construções térreas e de dois pavimentos, com maior número de quartos. Pelo hábito ainda dos fogões a lenha, permitia-se construir no lote edículas para auxiliar a cozinha interna. Várias famílias com maior poder aquisitivo construíram suas casas com características *Art Déco*, quase todas demolidas. Em diferentes classes sociais, encontramos outras tipologias de linguagens do eclétismo, o neocolonial, o normando e missões; esses moradores queriam caracterizar suas residências no ambiente. Com o advento da chegada da estrada de ferro e a construção de Brasília, Goiânia foi saindo do patamar do eclétismo para o modernismo, com influências de Le Corbusier e outros mestres internacionais da arquitetura moderna (Oliveira; Mendonça; Chaul; Jaime, 2024, p.186).

A intenção dos fundadores era gerar uma paisagem arquitetônica multifacetada e moderna por meio da liberdade de escolha de elementos. No entanto, como apontado por Mahler e Silva (2007), devido à dificuldade de mão de obra especializada, isso teve como consequência uma mistura aleatória de características que dificultou a formação de exemplares típicos das linguagens adotadas. Foram executadas, assim, construções complexas e híbridas, que tiveram como parâmetro de classificação na análise desse trabalho, a predominância dos elementos apresentados.

Figura 11: Mapa de estudo realizado para demarcar as casas-tipo da Rua 20, entre a Rua 10 e a Rua 3, e as imagens de como estão esses pontos na atualidade¹⁹





Fonte: Letícia Ribeiro, 2025.

¹⁹Para melhor visualização das imagens do mapa, ver Anexo 1 e o Anexo 6. As imagens da Rua em 2023, 2024 e 2025 utilizadas no mapa podem ser vistas no decorrer do texto.

Figura 12: Mapa de estudo realizado para demarcar as casas-tipo da Rua 20, entre a Rua 3 e a Av. Paranaíba, e as imagens de como estão esses pontos na atualidade²⁰



Legenda

-  Casas-tipos demolidas
-  Casas-tipos descaracterizadas

Fonte: Letícia Ribeiro, 2025.

²⁰Para melhor visualização das imagens do mapa, ver Anexo 1 e o Anexo 6. As imagens da Rua em 2023, 2024 e 2025 utilizadas no mapa podem ser vistas no decorrer do texto.

Entramos aqui em um ponto importante para entendermos essa rua em suas primeiras décadas: a localização privilegiada de alguns exemplos presentes nas Figuras 3, 5 e 11. Morar nos edifícios localizados nas quadras mais próximas à Catedral, conferiram status a esse trecho a Rua 20 (entre a Catedral e a Rua 15), tendo em vista a proximidade ao centro governamental – tanto o provisório que foi instalado na Rua 20 entre 1935 e 1937, quanto ao centro cívico – e ao importante equipamento religioso e social que movimentava a região. Nessa região, moravam as personas mais influentes da nova capital (Figura 13), como é possível observar em relatos como o da professora Ofélia Monteiro:

A vida social de Goiânia era muito intensa, muito animada, muita festa, e as reuniões sociais eram feitas na casa do Dr. Benjamim Vieira, que era um dos membros do governo, que morava também na Rua 20. Ele morava na casa que foi a Faculdade de Direito e que agora já não sei o que é mais. As reuniões aconteciam aos domingos, com a presença de funcionários mais categorizados. Colemar era onde funcionava a Secretaria da Fazenda, depois havia um lote vizinho, em seguida, as casas de Câmara Filho, Celso Hermínio, Dr. do Bispo. Foi na casa do Pardal dos Reis que se instalou o governo, conhecido como Palacinho. No lote vago, próximo à casa do Dr. Colemar Natal e Silva, construímos a nossa casa, onde hoje mora o meu genro, Dr. Pereira Zeka (Frota Filho; Galli, 2020, p.61).

Figura 13: Construção da casa do Dr. Benjamim Vieira em 1933, posteriormente esse local se tornou a Faculdade de Direito e em 2024 faz parte do complexo da Justiça Federal.



Fonte: Goiânia, ontem e hoje²¹, 2024.

Figura 14: Registro da antiga casa do Dr. Benjamim Vieira na Rua 20 no final da década de 1930. Na época da imagem nesse local funcionava a sede do governo provisório.



Fonte: Goiânia, ontem e hoje²², 2025.

Figura 15: Uma solenidade na Faculdade de Direito da Rua 20 – casa ao fundo a direita – em 1966²³.



Fonte: Goiânia, ontem e hoje²⁴, 2024.

²¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=863378722671480&set=pb.100069980796491.-2207520000>, Acessado em: 25/11/2024.

²² Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=416562274019796&set=pb.100069980796491.-2207520000>. Acessado em: 02/01/2025.

²³ Para ver mais foto da Faculdade de Direito na década de 1960, ver anexo 12.

Figura 16: Foto da Ed. da Justiça Federal Rua 20, Quadra. 34 Lotes 19/21/31, Centro em 2006.



Fonte: Silva, 2006, p.82.

Figura 17: Atual Justiça Federal e Praça XI de Maio em 2024.



Fonte: Letícia Ribeiro, 2024.

Essa rua abrigou, nas primeiras décadas, também edifícios com finalidade institucional, como o prédio da antiga Faculdade de Direito da UFG – atualmente a Justiça Federal. Em seus primeiros anos, esse prédio foi utilizado como casa por

²⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10230415625828763&set=p.10230415625828763&type=3>. Acessado em: 05/09/2024.

Benjamim Vieira (Figura 13). Em 1935, ela se tornou sede provisória do governo goianiense (Figura 14) – como mostra o relato abaixo dos autores Oliveira, Mendonça, Chaul e Jaimes – até 1937, quando a Faculdade de Direito (Figura 15) veio para Goiânia. Apenas a partir do final da década de 1960 (Figura 16), com a construção do anexo, o seu uso se tornou a Polícia Federal, que permanece nesse local até a data desse trabalho (Figura 17). Se observarmos as imagens ao longo das décadas, percebe-se que ocorreram mudanças em sua fachada. As principais são: o muro, que antes era baixo e hoje é alto e gradeado, e o telhado, que possuía águas maiores que hoje, tendo assim, passado por uma mudança de tipo de telhas cerâmicas e diminuindo a sua inclinação.

Concomitante à Faculdade de Direito, por um curto período na década de 1950, até se fixar na Vila Nova (em 1956)²⁵, esse edifício abrigou também a Escola Normal, como mostra o relato dos autores Lima Filho e Machado. Anteriormente, a Escola Normal existia em outro prédio também na Rua 20 (Figura 19) a partir de 1938 – local em que anteriormente foi a primeira casa de Pedro Ludovico Teixeira (Figura 18) e posteriormente, em 1935, abrigou uma das sedes do governo até 1938 – algumas casas abaixo desse ponto estudado, em frente à praça Antônio Lisita.

Em novembro de 1935, o governo, que se instalou em duas casas da Rua 20, onde em uma delas mais tarde se estabeleceu a Faculdade de Direito, tinha de providenciar as coisas mais simples na cidade, até mesmo uma granja para fornecer produtos hortifrutigranjícolas (Oliveira; Mendonça; Chaul; Jaime, 2024, p. 326-327).

A Escola Normal, atual Instituto de Educação, ao ser transferida da Cidade de Goiás, em 1938, foi instalada provisoriamente na Rua 20, após o Palácio do Governo e outras repartições se mudarem para a Praça Cívica. Funcionou também na Faculdade de Direito por algum tempo e em outros prédios centrais até se fixar na Vila Nova, no local em que se encontra até hoje. [...] A Faculdade de Direito, vinda da Cidade de Goiás, instalou-se em 1937 ao lado da Praça da Rua 20. Estava assegurada assim a formação da elite intelectual. Os estudantes, por mais de 30 anos, se reuniram em frente à Faculdade, utilizando-se da Praça como cenário natural de suas também naturais reivindicações (Lima Filho; Machado, 2007, p. 178).

²⁵ Atualmente, a Escola Normal se chama IEG (Instituto de Educação de Goiás) e permanece na Vila Nova. Para saber mais, acesse: <https://curtamais.com.br/goiania/listamos-para-voce-as-escolas-mais-antigas-de-goiania/>. Acessado em: 09/02/2025.

Figura 18: Primeira casa de Pedro Ludovico na Rua 20 em 1933²⁶.



Fonte: Goiânia, ontem e hoje²⁷, 2024.

Figura 19: Escola Normal na Rua 20 na década de 1940.



²⁶Para ver mais imagens dessa construção, ver anexo 12.

²⁷Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=855885723420780&set=pb.100069980796491.-2207520000>. Acessado em: 25/11/2024.

Fonte: Goiânia, ontem e hoje²⁸, 2024.

Outro local importante nos primeiros anos dessa rua, que permanece existente até 2025, é o prédio da antiga Casa Berquó (Figuras 20, 21 e 22). Foi inaugurada na década de 1930, há mais de 90 anos, pelo doutor Antenor Berquó a convite de Pedro Ludovico Teixeira, tendo sido um dos primeiros comércios de Goiânia, marcando o início do desenvolvimento da nova capital. Localizada na antiga Rua 20, com sua característica terra vermelha²⁹ e na esquina da Avenida Anhanguera – local onde se encontra até hoje o maior volume de edifícios comerciais da rua – a loja não era apenas um empreendimento comercial, mas um símbolo do progresso e da modernidade, refletido em sua arquitetura *Art Déco*. Ele foi projetado como um sobrado de uso misto, cujo térreo funcionava o comércio e na parte superior a casa da família. Apesar das transformações que descaracterizaram sua fachada original, a Casa *Berquó* permanece viva na memória afetiva da cidade e no legado de sua família, representando um elo entre o passado pioneiro de Goiânia e sua identidade atual.

Figura 20: Casa *Berquó*, um dos primeiros comércios de Goiânia, na década de 1930.



²⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=793896316286388&set=pb.100069980796491.-2207520000>, Acessado em: 25/11/2024.

²⁹ Na época de inauguração e em seus primeiros anos, a Rua 20 não era asfaltada, com isso os moradores se lembram do chão da loja estar sempre vermelho. Para saber mais:

<https://www.facebook.com/100069980796491/posts/830642169278469/?mibextid=xfxF2i&rdid=7ggcwMmrFARxV2Ys#> e <https://curtamais.com.br/goiania/um-dos-primeiros-comercios-de-goiania-esta-guardado-na-memoria-afetiva-da-cidade/> Acessado em: 25/11/2024

Fonte: Goiânia, hoje e ontem³⁰, 2024.

Figura 21: Casa *Berquó* em 1947.



Fonte: Curta mais, 2024.³¹

Figura 22: Antiga casa *Berquó* na Rua 20 em 2024.



Fonte: Goiânia, hoje e ontem³², 2024.

A variedade de usos e a predominância residencial (Figuras 3, 4, 5, 6, 11 e 12), ao longo de sua história agregaram valor ao cotidiano da Rua 20, promovendo sua urbanidade. Para Jacobs (2007), para se ter uma urbanidade diversa, é necessário contar com a presença de alguns elementos como a vitalidade, a vida nas ruas e a interação entre os usuários e os espaços urbanos (Figura 23). Em

³⁰Disponível em: <https://www.facebook.com/100069980796491/posts/830642169278469/?mibextid=xfxF2i&rdid=7ggcwMmrFARxV2Ys#>. Acessado em: 18/12/2024.

³¹Disponível em: <https://curtamais.com.br/goiania/um-dos-primeiros-comercios-de-goiania-esta-guardado-na-memoria-afetiva-da-cidade/>. Acessado em: 20-12/2024.

³²Disponível em: <https://www.facebook.com/100069980796491/posts/830642169278469/?mibextid=xfxF2i&rdid=7ggcwMmrFARxV2Ys#>. Acessado em: 18/12/2024.

entrevista feita pelos autores Frota Filho e Galli (2020), Maria Lúcia Félix Bufaiçal afirma:

A rua, muito diferente do que é hoje, era totalmente residencial. Por ela, descíamos para ir à matinê no Cine Goiás e Santa Maria, depois íamos tomar sorvete na Fonte Expresso, voltando pelo mesmo caminho para visitar minha avó. Havia a Faculdade de Direito, onde minha mãe estudou e meu pai dava aulas. Havia as procissões que passavam por ali, tomei parte em algumas; havia a Dinah Aguiar, amiga de minha mãe, pessoa doce e frágil. Na adolescência, muitos amigos meus, colegas de Liceu, quando não moravam, faziam ponto pelas redondezas; a missa das 7, na Catedral, aos domingos, era um "point" para encontros e "namorinhos". O Caio Jardim, meu amigo querido, morava vis-a-vis com a Casa Paroquial.[...] Havia, como até hoje, um hospital, Hospital Maria Auxiliadora³³, onde uma vez, pelo menos, minha mãe foi internada para tratar a depressão. [...] A Rua 20 era apenas uma rua, como tantas, mas as histórias que deixou, o lado bom e o lado triste que estavam em seu ar, pregados em seus muros, morando em suas árvores, é que tinham significado (Frota Filho; Galli, 2020, p. 290-291).

Figura 23: Estudantes e vida urbana na década de 1950 na Rua 20.



Fonte: Goiânia, ontem e hoje³⁴, 2024.

Com isso, é possível observar que o caminhar era fundamental para a construção da paisagem e foi “a partir deste simples ato que se desenvolveram as mais importantes relações que o homem estabeleceu com o território” (Careri,

³³Atual *stande* de vendas do edifício *Katedral Sky Rooftop* (Figuras 39 e 40).

³⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=825525479790138&set=pb.100069980796491.-2207520000>. Acessado em: 25/11/2024

2013). Sendo assim, entramos em um elemento essencial para a rua, não apenas para definir um local, mas também gerar uma identidade, representação, significado e características próprias: o homem, o ser urbano. Ou seja, o espaço ganhou “significado e valor em razão da simples presença do homem, seja para acomodá-lo fisicamente, como o seu lar, seja para servir como palco para as suas atividades” (Tavares, 2020).

E em Goiânia, em seus primeiros anos, tanto os relatos coletados dessa época, como a passagem abaixo, quanto às imagens dos primeiros anos (Figura 23. 24 e 25), nos transmitem essas relações e conexões entre o homem e o espaço urbano. Neles é possível observar como eram as primeiras construções da cidade. Na figura 24 e 25 é possível observar a Rua 20 sendo aberta para comportar as novas construções com o seu entorno ainda com vegetação natural.

A gente se sentiu como se estivesse morando numa grande fazenda, muito moderna, em casas modernas, com água, luz etc. As casas foram surgindo. Primeiro, as casas da Rua 20, depois as casas da Rua 14 e da Rua 15, fechando todo o quarteirão até a Rua 19. Depois, os particulares começaram a fazer suas casas, e a nossa maior distração, e também de D^{ra}. Dona Gercina e de muitas outras pessoas, era a de sair a andar por aquelas campinas para ver se havia começado uma nova construção. E era aquela alegria quando a gente via que estava nascendo mais uma casa, e a gente se indagava de quem era, quem será que estava mandando construir (Frota Filho; Galli, 2020, P.59-60).

Figura 24: Rua 20 em 1935 sendo aberta com grandes residências.



Fonte: Goiânia, ontem e hoje³⁵, 2025.

Figura 25: Rua 20 na década 1930, com iluminação pública, mas sem meio-fio, calçada e asfalto.



³⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=849659500710069&set=pb.100069980796491.-2207520000>. Acessado em: 02/01/2025.

Fonte: Daher, 2012, p.220.

Dessa maneira, essa rua se tornou um elemento essencial para a cidade, juntamente com a Rua 24, que também recebeu construções no período inicial de construção da cidade. É através da rua que a sociedade desenvolve o sentido de coletividade e de urbanidade, sobretudo em um período de implantação e de povoamento da cidade. Ali eram os encontros, ali havia movimento. Assim, é possível ler e entender a cidade partindo da condição que a rua é “espaço abrigado: espaço que vive todo habitante da cidade”, sendo o “coração das sociedades (não das cidades)” (Moreno, 1998). Para Tavares (2020), a rua pode ser entendida como o espaço resultante do conjunto de arquiteturas que configuram a paisagem, sendo lida como o espaço que permite a união e a conexão entre diversas “salas”. Essa ideia também é compartilhada por Lefebvre (1991) que entende a rua como “lugar (topia) do encontro, sem o qual não existem outros encontros possíveis nos lugares determinados (cafés, teatros, salas diversas)” (Lefebvre, 1991, p. 29).

Para Gehl (2013) a vida urbana é influenciada pela qualidade do espaço público. Para ele, ao se realizar um ambiente externo às edificações de qualidade, aumenta a frequência de atividades opcionais realizadas a pé. Complementar a essa ideia, Tavares (2020) afirma que esse fato pode explicar, por exemplo, o motivo das cidades tradicionais serem mais “vibrantes e cheias de gente na rua: a arquitetura e espaço público alinhavam-se de tal forma que faziam jus ao habitar e estar em casa em todas as partes” (Tavares, 2020).

No século XXI, no entanto, temos uma visão diferente sobre o significado da rua presentes nos relatos. Para Flávio Tavares (2020), a maioria dos seres urbanos definiria a rua como um espaço pelo qual transitamos para ir a algum lugar. “Diria além, é o espaço pelo qual circulam os carros e as pessoas; nessa ordem [...]” (Tavares, 2020). Assim, considerando o carro como o elemento principal da formação de uma via. Dessa maneira, ao analisar o que é uma rua, o autor (Tavares, 2020) considera que o seu significado, na atualidade, se encontra entre as definições de espaço e lugar. No qual, o espaço pode ser definido como a distância

entre dois pontos pré-escolhidos ou uma área demarcada e o lugar é um espaço ocupado, habitado.

Na Rua 20, como pode-se observar nas imagens (Figuras 23, 24 e 25), é possível perceber que os seus elementos foram se modificando ao longo de sua vida. Em seus primeiros anos, ela era composta por amplo espaço de circulação de pedestre, bastante arborização e, devido aos muros baixos, havia uma ampla visibilidade da paisagem, tanto no sentido das casas para a rua, permitindo a existência e segurança dos “olhos para a rua”³⁶ de Jacobs (2007), quando da rua para o terreno e implantação das habitações. O espaço de entrada para casa, portanto, servia como um local de transição visual e física entre o espaço público e o ambiente privado, e a rua era além de um espaço de passagem, tendo uma variedade de usos e espaços de convivência. Sua vida urbana ia além da circulação, sendo um local de encontro, de descanso e de estar (Figura 23).

Além disso, nas primeiras décadas de formação dessa região, essa via era composta por várias casas-padrão em sua paisagem (Figura 24 e 25) que auxiliaram na composição do seu conjunto urbano. No entanto, com o processo de verticalização, que será abordado nos próximos capítulos, elas foram derrubadas para a construção de novos edifícios.

[...] governo construiu uma série de casas-padrão, onde funcionou o palácio do governo estadual, a Faculdade de Direito, o Conservatório de Música, ficando as demais como residências para os funcionários que chegavam da antiga capital. Mais tarde essas casas foram vendidas, conforme registrou Monteiro (1938, p. 151): Os primeiros prédios concluídos foram os dez destinados a funcionários e o Jardim de Infância. Os dez prédios foram construídos na rua 20. Foi essa a primeira rua de Goiânia (Lima Filho; Galli, 2007, p.249).

Ainda hoje, mesmo tendo passado por um processo de transformação ao longo de seus 91 anos de existência, é possível observar parte de seu conteúdo histórico, arquitetônico e simbólico, resquícios das primeiras décadas da construção da cidade. O conjunto da Rua 20, de um modo geral, devido aos processos de

³⁶ Em seu livro, *Morte e vida das grandes cidades* (Jacobs, 2006) a autora defende o conceito “olhos para a rua” ao definir a expressão como o fato de contemplação e visibilidade realizada pelas pessoas de dentro de suas casas para o espaço público – de forma consciente ou inconsciente – gera uma vigilância natural. E para isso, deveria-se criar uma conexão entre o espaço público e privado, além de espaços urbanos convidativos e fachadas voltadas para a rua.

substituição, perdeu a coesão original, que por meio da sua morfologia urbana, constituiu a primeira porção habitada da nova capital. E como já discutido e observado por outros pesquisadores, o Centro de Goiânia, devido a essa falta de coesão se tornou um local visto muitas vezes como desagradável e perigoso. Para os autores do Projeto Goiânia 21:

O verdadeiro motivo do desprestígio é a ausência de conforto físico e visual. Não existe incentivo para a permanência da população no centro, principalmente à noite. Há uma desordem brutal na iluminação; um jogo desconexo de luz e sombra, luz em cima de árvore, sombra de árvore no chão. O resultado é um cenário lúgubre e inseguro (Grupo quatro, 1998, p. 25).

Portanto, em 2024, muito do seu patrimônio histórico está escondido ou descaracterizado, causando o declínio da vitalidade e segurança da rua. Além disso, passa despercebido ao visitante, que essa porção do núcleo pioneiro e seu primeiro conjunto edificado tivesse sido palco de tantas histórias, memórias e identidades e que carregasse representações tão variadas do repertório arquitetônico moderno em seu passado.

2.2. As diversas modernidades da Rua 20

Como já mencionado, para formar a paisagem do Centro de Goiânia, e conseqüentemente da Rua 20, foram escolhidos diferentes estilos, entre eles o eclético, com características predominante do eclético sintético, neocolonial – estilo missões e o neocolonial ibero-americano – estilo normando, *Art Déco* e moderno, que eram divulgados em revistas de decoração da época. Para Caixeta e Mendonça (2021), independente da linguagem escolhida, as residências apresentam importantes sinais de modernização: a presença de jardins frontais; a liberação do edifício do lote, devido à presença dos recuos frontais e laterais; presença na edificação do banheiro e da cozinha no ambiente interno da construção; instalações hidráulicas complexas; a utilização do concreto armado em sua construção; uso de telha francesa; revestimentos nas paredes da cozinha e do banheiro em ladrilho; ambientes, como sala, quarto e corredores, com piso em taco; janelas basculantes para cozinha e banheiro; e a utilização de normas e padronizações para a construção pensando na qualidade de vida de seus moradores, como por exemplo a área das aberturas das janelas que deveriam ser de no mínimo um sexto do ambiente.

O primeiro estilo tratado é o eclético. Ele representa na arquitetura uma posição de incerteza e tem um propósito deliberado de não assumir apenas uma estética ou conceito em sua construção (Mahler; Silva, 2007). De acordo com Pedone (2002), o eclético se valeu de elementos adequados aos novos tempos para produzir uma nova arquitetura, ao contrário do historicismo, que buscava reviver o passado construindo representações da história com o repertório de estilos antigos.

O ecletismo goiano, possui, assim, como principal característica, além da estética, a inovação nos materiais de construção como o uso do tijolo queimado como elemento de vedação, o gesso para o forro em toda a edificação e a utilização de ladrilho hidráulico no piso. Tecnologias, essas, que também eram aplicados em outras linguagens arquitetônicas na construção de Goiânia, pois essas eram as inovações que o mercado da construção civil trouxe e que foram oferecidas para os

pioneiros nesse primeiro momento de formação da capital. De acordo com Caixeta e Mendonça (2021):

As principais características que diferenciam as residências categorizadas como eclético-sintéticas, em relação às casas-tipo que adotam um vocabulário eclético em sua ornamentação, são a organização espacial e a composição volumétrica fora do padrão tipológico das casas-tipo. A existência de elementos decorativos, por vezes com referência à arquitetura clássica, nas platibandas e frontões; a presença de contornos trabalhados e gradis decorados e a combinação de elementos arquitetônicos inspirados no barroco, no neoclássico e em estilos exóticos, ligados à tradição arquitetônica de regiões mais longínquas, como por exemplo o recurso conhecido como “chineses”, já presentes na tradição colonial e barroca brasileira, também são características dessas casas. No entanto, os elementos decorativos nelas empregados de um modo geral são bastante simplificados e muitas das vezes trabalhados com tal liberdade que chegam ao pastiche, por inventar soluções estilísticas inexistentes no passado (Caixeta; Mendonça, 2011, p. 103).

Exemplos desse estilo que fizeram parte da Rua 20 são as casas presentes nas Figuras 26, 27 e 28. As duas em 2024 encontram-se demolidas. A primeira é a casa construída no início da década de 1940 por Oscar Sabino de Freitas (Figura 26) e demolida em 2013 (Figura 27). Essas residências eram um dos poucos bens desse estilo arquitetônico nessa rua. No entanto, devido às políticas que “[...] privilegiavam momentos históricos onde supostamente havia se chegado a uma excelência estilística em detrimento de outros períodos” (Carsalade, 2010, p.81) casas das primeiras décadas de Goiânia foram desvalorizadas e demolidas – assim como em vários outros centros brasileiros.

Figura 26: Residência eclética na Rua 20, quadra 49, lote 49, em Março de 2013.



Fonte: Silva, 2006, p.100.

Figura 27: Casa histórica demolida no centro de Goiânia.



Fonte: O popular, 2013³⁷.

Figura 28: Residência eclética na Rua 20 em 1986.³⁸



Fonte: Caixeta, 2021, p. 55.

³⁷ Disponível em: <https://opopular.com.br/cidades/casa-historica-demolida-no-centro-de-goiania-1.348466> Acessado em:06/01/2024.

³⁸ Não foi descoberto a localização exata dessa casa.

Já o estilo neocolonial, presente nas construções residenciais entre as décadas de 1930 à 1950 (Figura 29), compunha o imaginário da época como expressão de desejo de uma modernidade conservadora, valorizava a tradição e fazia uma ligação entre o antigo – por meio do estilo – e novo – devido a utilização de novas técnicas – (Mello, 1996).

Surgiu como um produto já digerido e estereotipado. Foi, basicamente, um fenômeno residencial. Não trazia em si nenhuma identificação com a arquitetura barroca produzida em Goiás Velho, Pirenópolis ou Pilar de Goiás; cidades de grande importância na época da mineração. As residências neocoloniais em nada lembravam os casarões coloniais goianos – modelo a ser superado pelo novo padrão de moradia da capital. [...] Apesar de serem habitadas por famílias de alto poder aquisitivo, para os padrões goianos da época, estilisticamente, essas casas não eram muito sofisticadas. Aproximavam-se muito do que Carlos Lemos chamou de 'neocolonial simplificado', fenômeno paulistano difundido após a Segunda Guerra Mundial (Mello, 1996, p.132).

Suas características eram o madeiramento aparente (com largos beirais de cachorros), telhas de cerâmicas tipo francesa ou telhas de capa e canal de cerâmica, frontões curvos, vergas de arcos abatidos nas portas e janelas setecentistas, painéis com azulejos decorados, arcadas maciças em arco pleno e reboco grosso com relevos (Mahler; Silva, 2007).

Figura 29: Exemplo de casa Neocolonial³⁹ na Rua 55, esquina com a Rua 80, Quadra 138, Lote 1-9A em 2018.⁴⁰



Fonte: Caixeta; Mendonça, 2021, p. 122.

³⁹Não foi encontrada nenhuma foto antiga de casa com características predominantes neocoloniais na Rua 20, no entanto, no anexo 1 é possível ver projetos com essas características.

⁴⁰Em 2025, nesse local funciona um estacionamento. Ela foi demolida em 2019.

De acordo com Caixeta e Mendonça (2021), ao se tratar de construções com predominância neocolonial em Goiânia, muitos autores não diferem entre o neocolonial ibero-americano e o neocolonial hispano-americano. Esse segundo é o conhecido também como estilo missões (Figura 30) – sendo subdividido em mexicano ou californiano. A partir de suas pesquisas, a autora percebeu que há um número maior de residências do estilo de missões do que do estilo Neocolonial ibero-americano em Goiânia. No entanto, em sua maioria, essas residências estão classificadas apenas como Neocolonial, não havendo assim essa diferenciação e subclassificação.

Figura 30: Residência da família Hermano na Rua 20, quadra 44, lote 20, na década de 1940.



Fonte: Frota Filho; Galli, 2020, p.224.

Para as autoras (Caixeta; Mendonça, 2021), o estilo missões de modo geral se diferenciava do neocolonial pela adoção de “torres ‘esquineiras’ com volumes cilíndricos salientes, varandas com aberturas em arcos marcando os acessos, colunas salomônicas ou ‘panzudas’, desenhos em alto-relevo de cimento contornando arcadas e marcando a base do corpo das casas, que simulam ser de pedras; gradis de ferro forjado e chaminés falsas” (Caixeta; Mendonça, 2021, p.108). Além disso, na capital, esse estilo se associava a elementos culturais portugueses na composição arquitetônica, se destacando pela assimetria do conjunto, por acabamentos rústicos (como reboco e pedra assentada de forma grosseira), beirais reduzidos, elementos em madeira e ferro fundido e telhado com duas empenas

gerando destaque para a fachada. Para Moura (2021), ele veio como uma “tentativa de personalização das moradias” (Moura, 2011, p.73). Na Rua 20, o estilo missões se fez presente na residência da Família Hermano (Figura 30).

Outro estilo presente nas primeiras décadas da Rua 20 (Figura 31, 32 e 33) é o Neo-normando, que evoca elementos da região da Normandia, na França. Ele tem como características o conjunto de estacas e caibros aparentes em madeira, o enxaimel (no Brasil, esses detalhes foram feitos em massa), telhado bastante inclinado, geralmente com telhas tipo francesa ou telhas de ardósia, janelas que se abrem na região das águas do telhado – com presença de mansardas geralmente no sótão – e possuem as mesmas técnicas construtivas do neocolonial (Mahler; Silva, 2007).

Figura 31: Residência na Rua 20, n°220, quadra 49 e Lote 34 em 2006.



Fonte: Mahler; Silva, 2007, p. 117.

Para Mahler e Silva (2007), a escolha desse estilo representa um anseio burguês de se diferenciar e tornar a paisagem ainda em construção mais interessante, distinta no conjunto edificado. “Os exemplos que representam o estilo normando se diferenciam dos demais estilos, principalmente pela volumetria e forte inclinação dos telhados” (Mahler; Silva, 2007, p. 116). Para Mello (1996), esse estilo foi uma tentativa para trazer ao Brasil os recantos pitorescos franceses que eram visitados pelas famílias de alto poder aquisitivo. Para a autora, as casas normandas

e neocoloniais se diferenciavam entre si apenas estilisticamente, pois eram habitadas pelo mesmo grupo social e o seu programa e disposição interna eram similares. Além disso, esse estilo remete às casas de campo europeias, ainda que aqui esteja inserido em meio urbano.

Figura 32: Casa do estilo normando escondida por muros na Rua 20, quadra 49 e Lote 34, Centro de Goiânia.



Fonte: Letícia Ribeiro, 2024.

Figura 33: Antiga casa de Domingos Galvão Velasco e Zélia Bastos Galvão na Rua 20, Quadra 41, lote 67, número 459.



Fonte: Letícia Ribeiro, 2023.

Ademais, segundo Mahler e Silva (2007), os elementos neo-normandos poderiam ocorrer em construções de formas aleatórias, sem se encaixar nesse estilo. Um exemplo desse fenômeno é o antigo prédio da Faculdade de Direito (Figuras 13 à 17) que apresentava características volumétricas de uma casa-tipo, mas também possui “elementos que remetiam ao vocabulário enxaimel na fachada principal” (Caixeta; Mendonça, 2021, p.116).

O *Art Déco* se fez presente entre as décadas de 1930 à 1950 em edifícios públicos e residenciais no cenário brasileiro e goiano. Para Mahler e Silva (2007), ele representa a ruptura com a modernidade conservadora e teve como objetivos: o desejo de ser moderno, a geometria adequada à produção industrial e a simplicidade com foco na funcionalidade, além de uma certa nostalgia retrô, com o uso de guarnições e adornos revisitados.

Para Oliveira (2014), o *Art Déco* chega a Goiás com a representação do discurso oficial, vinculado ao projeto da construção da modernidade. Por esse motivo, foi utilizado não apenas em edifícios públicos, como os da Praça Cívica, mas também em casas de figuras importantes em Goiânia, como Pedro Ludovico Teixeira e Colemar Natal e Silva. Esse foi o estilo arquitetônico com maior peso político nesse período, por estar atrelado à justificativa de mudança e modernização da capital, negando assim, as estruturas administrativas e estilo arquitetônico colonial, que era atrelado ao coronelismo regional da Cidade de Goiás. Esse estilo em Goiânia é marcado pela volumetria geométrica, simétrica e imponente. Seus elementos incluíam altos e baixos-relevos em massa, escalonamentos, frisos geométricos, linhas e planos definidos, predomínio dos cheios sobre os vazios e valorização do acesso centralizado (Manso, 2004). Para a autora, essas são características do *Art Déco* que são mais encontradas em Goiânia.

A utilização desses recursos de ornamentação, tais como platibandas que escondiam os telhados tradicionais ou frisos em alto-relevo na alvenaria e junto às esquadrias era, ao gosto popular, uma forma de representar a mudança e o progresso nas fachadas. [...] de certa maneira, o *Art Déco*, correspondeu ao apelo popular uma arquitetura de baixo custo e com formas e elementos simples de reproduzir (Vargas; Mello, 2014, p. 444).

Devido a questões técnicas e econômicas, as construções nesse estilo em Goiânia tiveram uma simplificação de elementos, mantendo principalmente a volumetria geométrica (Mahler; Silva, 2007). A imagem resultante transmite poder e

autoridade por ter sido adotado em grande parte dos edifícios públicos governamentais do início do século XX no Brasil (Vargas; Mello, 2014). Na Rua 20, o principal exemplo que contém elementos parciais dessa estética é a Casa Colemar Natal e Silva (Figura 34) que atualmente abriga a Academia Goiana de Letras (AGL).

Figura 34: “Casa Colemar Natal e Silva”, esquina da Rua 20 com a Rua 15 em 2017.



Fonte: Frota Filho; Galli, p.125, 2020.

Nas décadas de 1950 e 1960, sob a influência da construção de Brasília, a cidade passou a inserir elementos modernos, presentes nos projetos de Niemeyer para a capital federal (Mahler; Silva, 2007). As linhas retas, as concepções funcionalistas, a ornamentação reduzida, uso de pilotis, telhados ocultos por platibandas, a utilização de concreto armado, os painéis envidraçados, a estrutura dominó e jogos de volumes foram aos poucos sendo absorvidos pelos goianienses (Mahler; Silva, 2007).

Ingenuamente, elementos parciais de projetos modernistas foram recortados e inseridos em episódios da arquitetura residencial na cidade, como ocorreu também em outros casos no Brasil afora. Na Rua 20, figuram duas casas que exemplificam o referido maneirismo estilístico no imaginário da cidade, que apesar de apresentar elementos que caracterizam a arquitetura moderna racionalista, como a limpeza estética e a volumetria pura, no entanto, essas casas não possuem outras características importantes que identificam e destacam essa arquitetura na

paisagem, se comparadas às características ornamentais dos outros estilos. A primeira é a casa é a antiga casa da família Gontijo (Figura 35 e 36) – na Quadra 41, Lote 59 e número 417 – e a segunda é, atualmente, a associação Goiana de Micro e Pequenas Empresas (Figura 37 e 38) – na Quadra 50, Lote 66 e número 416.

Figura 35: Sobrado da família Gontijo na Rua 20 em 2019.



Fonte: Frota Filho; Galli, p.303, 2020.

Figura 36: Casa modernista, quadra 41, Lote 59, número 417, na Rua 20.



Fonte: Letícia Ribeiro,2024.

Figura 37: Casa modernista na Rua 20 em 2006.



Fonte: Mahler; Silva, p.122, 2007.

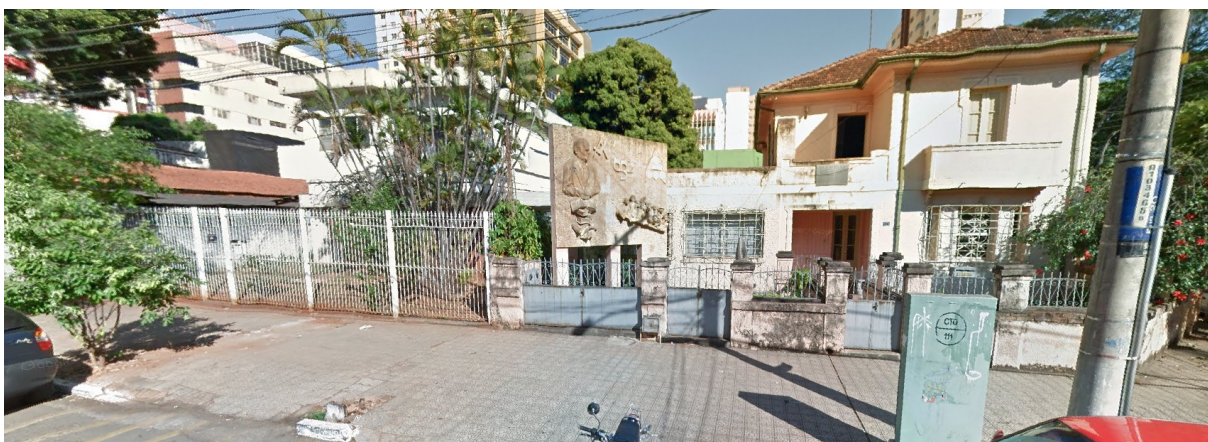
Figura 38: Casa modernista descaracterizada na Rua 20, Quadra 50 Lote 66, número 416, em 2024.



Fonte: Letícia Ribeiro,2024.

Atualmente, poucas construções da década de 1940 à 1960 ainda compõem a paisagem da Rua 20, devido às transformações sofridas nessa via. No entanto, relatos de antigos moradores e imagens antigas revelam o contexto e a composição do imaginário dessa época. Um exemplo dessa sobreposição na paisagem é a casa modernista (Figura 39) que foi comprada pelo Academia Goiana de Letras (AGL), e estava localizada lado da AGL – possui alguns elementos do estilo *Art Déco* (figura 34) e se encontra na Rua 20, número 159, quadra 34 e lote 25. O terreno foi comprado com a intenção de ser local da construção de uma nova sede do órgão (O Popular, 2018). Devido a essa compra, em 2014 a edificação deixou de ser uma casa e se tornou a sede do Movimento Muda – Ocupação em Arte Urbana. A casa permaneceu quase intocada, tendo apenas a intervenção de artistas no local, até 2018 quando foi demolida. Atualmente, o terreno é um espaço vazio (Figura 40) e sem uso mesmo após cinco anos de sua demolição⁴¹.

Figura 39: Casa modernista na Rua 20 no ano de 2011.



Fonte: Street View⁴², Goiânia – GO.

⁴¹Para saber mais: GODINHO, Dayrel. Imóvel antigo é demolido na Rua 20, em Goiânia. O Popular. Goiânia, 8 de ago. 2018. Cidades. Disponível em: <https://opopular.com.br/cidades/imovel-antigo-e-demolido-na-rua-20-em-goiania1.1591452>. Acesso em: 13/08/2023

⁴² Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/QjGDthkcQD4kgJ2DA>. Acessado em: 16/08/2024.

Figura 40: Terreno onde havia uma casa modernista na Rua 20 no ano de 2023.



Fonte: Leticia Ribeiro, 2023.

De acordo com entrevistas feitas pelo jornal O Popular (2018), na época da demolição, a casa, apesar de não ser tombada, tinha um papel social e compunha a memória dos usuários da região. Para Maria Ester de Souza, uma das entrevistadas e coordenadora da Comissão de Política Urbana e Ambiental do Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Goiás:

As edificações construídas pelo homem ao longo do tempo fazem referência à história independente de ser tombado, ou não. O tombamento é o meio de resguardar a história [...] Enquanto não houver uma política de estímulo para os donos de patrimônios antigos, vários prédios serão destruídos (O Popular, 2018, n.p).⁴³

Um outro caso, que é o resultado de sua construção e reconstrução – acumulando, assim, memórias e transformações no cotidiano de seus usuários – é o antigo Hospital Maria Auxiliadora (Figura 41) na Rua 20. Ele foi demolido e, atualmente, no local, foi construído um *Stand* de vendas de apartamentos decorados do empreendimento do edifício que será construído ao lado, o *Katedral Sky Rooftop* (Figura 42), como referência à presença da Catedral Metropolitana de Goiânia nas

⁴³Para saber mais: GODINHO, Dayrel. Imóvel antigo é demolido na Rua 20, em Goiânia. O Popular. Goiânia, 8 de ago. 2018. Cidades. Disponível em: <https://opopular.com.br/cidades/imovel-antigo-e-demolido-na-rua-20-em-goiania1.1591452>. Acesso em: 13/08/2023

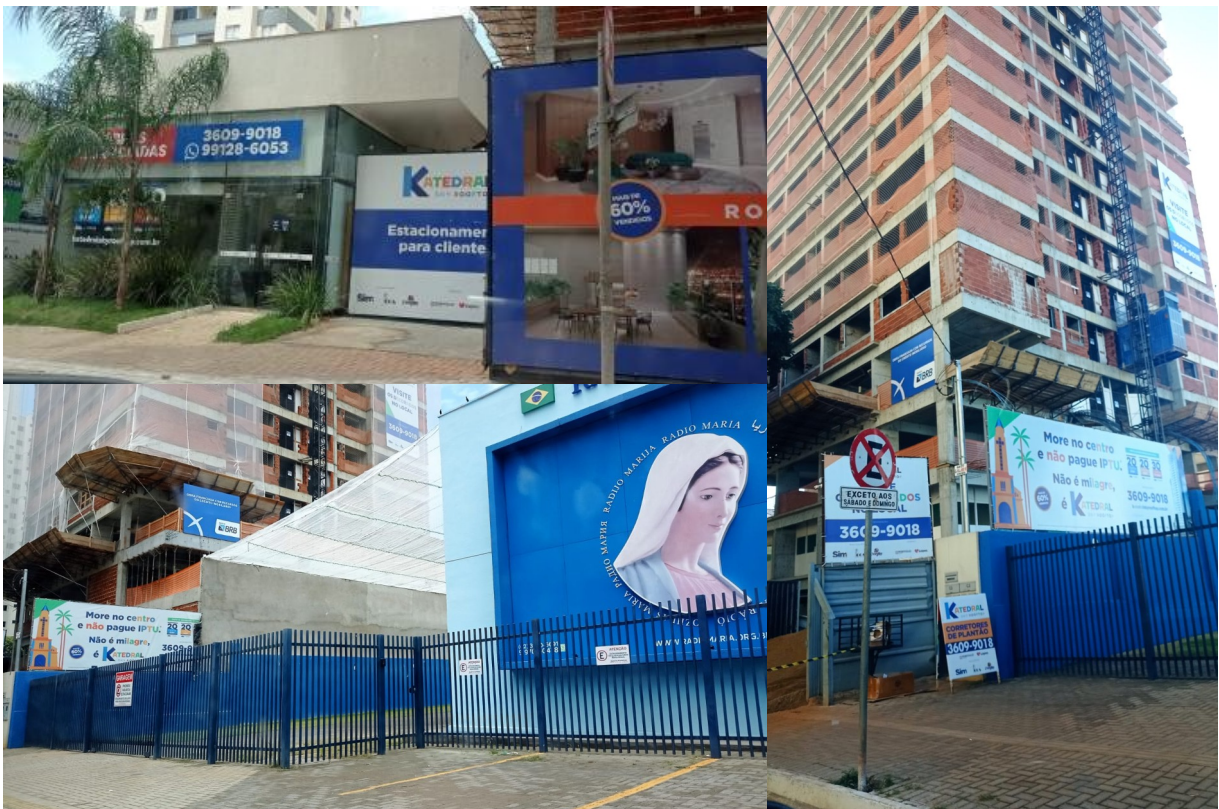
proximidades. Além disso, nessa rua, casas que faziam parte do patrimônio e da memória goianiense foram demolidas com base no argumento de substituição e valorização de outros estilos arquitetônicos como apresentado pelo autor Carsalade (2010).

Figura 41: Antigo Hospital Maria Auxiliadora na Rua 20 no ano de 2017.



Fonte: Street View⁴⁴, Goiânia – GO, 2023.

Figura 42: Stand de vendas e o edifício *Katedral Sky Rooftop*, em 2023.



⁴⁴ Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/twc5X4gRZNFpZNsYA>. Acessado em: 05/01/2024.

Fonte: Letícia Ribeiro, 2023.

Por último, outro ponto importante a ser discutido é a sobreposição de camadas históricas. Conceito esse discutido por Soja (2004). Ele defende que a cidade é um espaço formado pela sobreposição de “*layers*” diferentes. Para o autor o que acontece é que os novos processos de urbanização sobrepõem as camadas antigas presentes no espaço e se conectam com elas de forma complexa. A Rua 20 é um desses casos em que esse espaço é o resultado de sua construção e reconstrução, acumulando, assim, memórias e transformações no cotidiano de seus usuários.

Assim, para se entender a cidade, é essencial separar as camadas presentes na paisagem e entender como elas foram modificadas e como se conectam (Soja, 2004). Ou seja, para estudar o patrimônio material é essencial vê-lo como o resultado da sobreposição de inúmeras gerações que vivem nas cidades. Dessa forma, o patrimônio urbano é o produto de suas intervenções, das suas apropriações, tanto de uso quanto simbólico, e das relações da população com seu espaço físico – o imaginário formado pelo povo, a memória e a evolução histórica. Sendo assim, para Carsalade (2010) “a ausência de uma investigação das culturas locais acaba gerando erros nas estratégias de implementação e gestão” (Carsalade, 2010, p.82).⁴⁵

⁴⁵ Essas demolições podem ser acompanhadas a partir das fotos do Street View. Esse ponto foi mostrado na figura 35 a 42.

2.3. As transformações e permanências da Rua 20: uma discussão a partir das fotografias e da literatura pioneira

A cidade surge aqui como guardiã das passagens do tempo mapeando os lugares que guardam vestígios da memória coletiva vivida. Nela, herdamos as narrativas constituídas por gestões políticas anteriores elucidadas nos projetos sociais dos habitantes cidadãos [...]Soma-se ao fato de que muitos dos projetos patrimoniais de memória urbana encerram em si valores éticos de continuidade da humanidade a partir de uma lógica de contrato natural, tendo na revitalização de áreas comuns o esforço da continuidade humana (Eckert, 2002, p. 82).

Para Eckert (2002), para se estudar as transformações é necessário entender quais lugares guardam vestígios do passado que podem ser encontrados na atualidade e quais políticas foram adotadas pela cidade durante a sua existência. Goiânia iniciou o processo de expansão e transformação acelerada da paisagem nas décadas de 1950 e 1960, durante o período que Mello denominou “fase de consolidação” (Mello, 1996). Esse fenômeno aconteceu em função de vários fatores, conforme detalhado pela autora. O crescimento decorrente de políticas neoliberais que possibilitaram lançamentos de novos loteamentos afastados do centro, foram estimulados pelo mercado imobiliário, possibilitados pela associação público-privada e incentivados pelo Plano Diretor da cidade vigente na época. Um autor que descreve sobre esse momento da cidade é o Gonçalves (2002):

Até o final da década de 1940, houve um grande controle da expansão urbana da cidade por parte do Estado, principalmente através de decretos e leis. As questões vinculadas a parcelamentos, comercializações e doações de terras foram realizadas pelo Departamento de Venda e Terras, órgão do governo. Na verdade, podemos considerar tal zelo como medida salutar, que em muito contribuiu para a implantação de parte do Plano de Urbanização de Goiânia, combatendo a especulação imobiliária durante o “nascimento” da cidade. A queda do Estado Novo e a consequente mudança política que aconteceu contribuíram para que surgisse nos anos 50 uma outra realidade [...] (Gonçalves, 2002, p.111).

Além dos apontamentos anteriores, para Oliveira, Mendonça, Chaul e Jaime (2024) Goiânia conseguiu controlar o crescimento de forma moderada até a década de 1950. No entanto, com a estrada de ferro chegando na região em 1951, com as políticas de interiorização propostas por Getúlio Vargas, a inauguração em 1955 da Usina Rochedo e por último a construção de Brasília em 1960, o crescimento populacional da cidade culminou na necessidade de mais moradias. Como vemos no depoimento de Elis, era inevitável essas transformações espontâneas na jovem

capital, uma vez que, o planejamento previa um crescimento muito menor do que aconteceu nos primeiros anos de Goiânia.

Planejava-se uma cidade que levaria 100 anos para atingir a população de 50.000 habitantes. Inicialmente o projeto previa uma população de 15.000 almas, um absurdo, pois Goiás, com dois séculos, tinha apenas 9.000! Em seis anos, as previsões estavam largamente ultrapassadas: em 1940, existiam em Goiânia 18.000 habitantes; em 1950, isto é, 12 anos depois, aqui já moravam 50.000, que se prognosticou ser alcançado só daí a 100 anos! (Élis, 1987, p. 65).

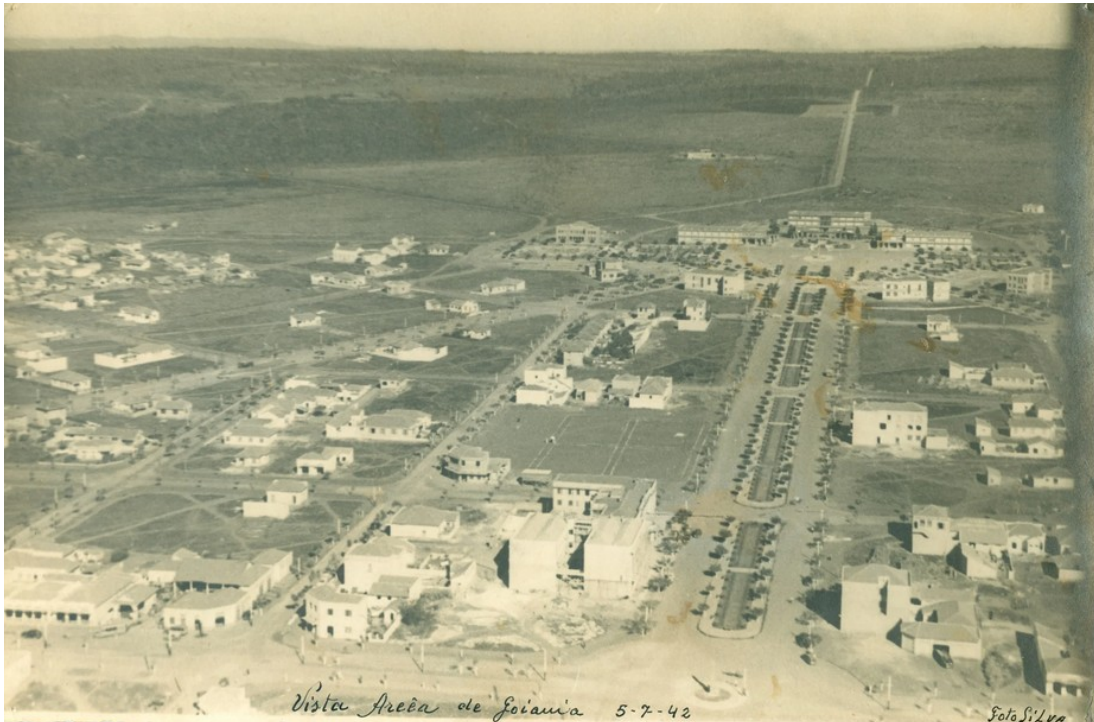
Com isso, houve a necessidade de expandir de forma inesperada, sendo criados, assim, novos loteamentos de forma orgânica, muitas vezes sem planejamento e sem infraestruturas prévias, contribuindo para a desestruturação do espaço urbano da cidade.

O crescimento exagerado da população a partir da década de 1960 transformou a cidade, fazendo com que adquirissem problemas iguais a qualquer outra sem planejamento. Goiânia cresceu e ainda cresce em "manchas de azeite", em áreas conurbadas com municípios vizinhos. O único traço que ficou como herança do caráter do Setor Central foi o costume de repetir nos novos centros de bairros as praças circulares entrelaçadas por grandes avenidas, os temas do asterisco e das largas avenidas serpenteantes, muito bem acomodadas no terreno com amplos passeios e refúgios centrais arborizados (Oliveira; Mendonça; Chaul; Jaime, 2024, p. 163-164).

Outra consequência desse crescimento populacional no âmbito urbano foi o processo de maior transformação da paisagem, que se iniciou a partir da verticalização das ruas do centro de Goiânia na década de 1960 (Vilarinho, 2018) causadas pelas políticas presentes neste Plano Diretor, que incentivaram os grandes empreendimentos (Gonçalves, 2002). Ao analisarmos imagens tiradas entre as décadas de 1940 e 1970 (figura de 43 à 46) na região da Rua 20 é possível notar essas modificações em que, apesar de ainda ser possível visualizar resquícios da horizontalidade, característica do projeto inicial do centro, observa-se um volume significativo dos condomínios verticais. Além disso, é possível identificar que foi nesse período que a torre da Catedral foi construída⁴⁶, finalizando assim, a construção da Igreja. Em 1970, já é possível observar um número considerável de prédios na região (Figura 45).

⁴⁶ Ver anexo 9 para ver imagem da torre sendo construída.

Figura 43: Vista aérea em 05.07.1942 fotografado por Antônio Pereira da Silva.



Fonte: Goiânia, ontem e hoje⁴⁷, 2025.

Figura 44: Vista aérea da catedral de Goiânia. 195?-. Fotógrafo: Silvio Berto.



Fonte: MIS00937, Acervo MIS|GO, Goiânia – GO.

⁴⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=732960322379988&set=pb.100069980796491.-2207520000>. Acessado em: 07/03/2025.

Figura 45: Vista Aérea. Década de 1960. Fotógrafo: Alois Feichtenberger.



Fonte: AF1653, Acervo MIS|GO, Goiânia – GO.

Figura 46: Vista Aérea de Goiânia, com enfoque na catedral, na década de 1970 do Hélio de Oliveira.



Fonte: Goiânia, hoje e ontem⁴⁸, 2025.

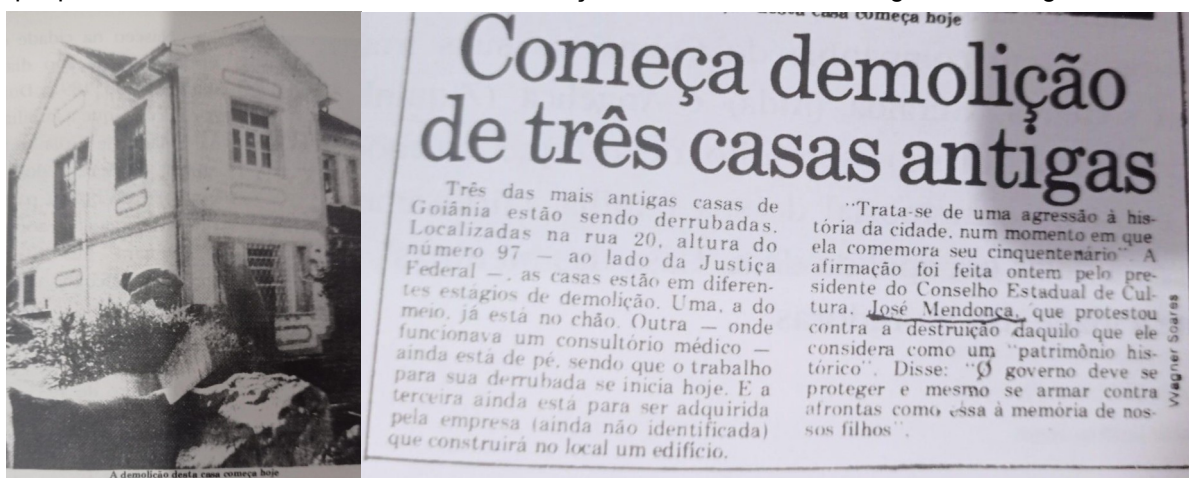
⁴⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=823327346676618&set=pb.100069980796491.-2207520000>. Acessado em: 06/01/2025.

Para Vilarinho (2018), na década de 1980, iniciou-se um processo de abandono pela classe média e de alta renda do Setor Central. Esses habitantes se mudaram para os bairros Oeste, Bueno e Marista. Assim, o centro entrou em estado de declínio social pelo rápido esvaziamento e desvitalização, em função da dispersão da população para a periferia e o conseqüente surgimento de subcentros devido à sua descentralização. Nesse processo, essa região foi classificada como um local já estruturado e consolidado. Dessa forma, o interesse privado voltou-se para as novas regiões, o centro passou a ser visto mais como espaço de atividades comerciais, administrativas e de serviços – gerando assim um uso característico diurno e um esvaziamento durante a noite – e o seu patrimônio foi degradado e/ou deteriorado.

Na Rua 20, casas que faziam parte do patrimônio e da memória goianiense foram demolidas com base nesse argumento. Isso é possível de acompanhar pelas reportagens realizadas, como mostram as Figuras 47 e 71. Outro exemplo encontrado foi o relato abaixo, presente em uma entrevista feita pelos autores Frota Filho e Galli (2020) à família Freitas, e que se pode observar a perda de um exemplar da década de 1940 para a formação de memória e diversidade histórica da Rua 20:

[...] Nesta casa, o casal Oscar Sabino de Freitas e Amelina José de Freitas residiu até o seu falecimento. Ela, em 1973, e ele, em 1982. De toda forma, a filha Daura Sabino de Freitas permaneceu residindo na casa até a segunda metade da década de 1980. A residência, depois de décadas fechada, sem interesse de pessoas para sua locação, sem unidade familiar para sua preservação, sem contar com o apoio do município do Estado para o seu tombamento, foi simplesmente desmanchando-se "Nas dobras do tempo". Era a casa, em toda a extensão da Rua 20, a última das construções do início da década de 1940. Foi, infelizmente, demolida em 2013. Na Rua 20, só resta, em 2020, o sobrado que pertenceu a Colemar Natal e Silva, construído entre 1933 a 1935, atual sede da Academia Goiana de Letras, derradeira testemunha arquitetônica do logradouro batismal do urbanismo goianiense de alvenaria (Frota Filho; Galli, 2020, p.130-131).

Figura 47: Reportagem do Diário da Manhã, de 26 de agosto de 1983, da demolição da residência que pertenceu à família de Pardal dos Reis Gonçalves na Rua 20 com fotografia de Wagner Soares.



Fonte: Frota Filho; Galli, 2020, p.77.

Dessa maneira, a Rua 20 passou por muitas transformações ao longo das décadas, que impactaram a sua paisagem, a sua identidade e o seu cotidiano, o que a torna um exemplo da fragilidade de sua condição urbana do ponto de vista histórico e da valorização patrimonial, fenômeno este similar aos existentes em outras cidades brasileiras. Tratar a cidade, ou parte dela, como patrimônio é discutir modos de aliar a preservação de seus espaços existentes com as demandas da atualidade, tanto físicas quanto sociais (Valva, 2017). No caso da Rua 20, o impacto na paisagem não foi considerado por quem autorizou as demolições, apesar das discussões ocorridas e das críticas na mídia local. Assim, é possível observar o apagamento da paisagem, que um dia ancorou o início de uma nova cidade, como atestam os relatos dos moradores pioneiros da região.

Depois havia o rito oficial mesmo, de se abrigar nas casas da Rua 20, que era uma rua transitória, mas necessária. Nela estavam concentrados valores considerados importantes: a igreja (na Rua 20 morava o Bispo e ao lado foi construída a catedral de Goiânia), o Palácio do Governo, a Faculdade de Direito e o Conservatório de Música, o Jardim de Infância, entre outros. Portanto, morar na Rua 20 era morar perto do poder e do prestígio (Lima Filho; Galli, 2007, p.251).

No entanto, infere-se que, nem as edificações institucionais – como as primeiras sedes do Governo (Figuras 14 e 18) – puderam evitar o fenômeno de transformação da primeira rua da cidade. De permanência, pouco se manteve. Um exemplo, que encontra-se nos textos produzidos que mostra a busca e interesse por preservar os patrimônios goianienses, é o texto “O mogno da Rua 20” de Teles

(2005) que foi escrito em abril 1995⁴⁹, sobre o edifício atual da Justiça Federal com o seu majestoso mogno presente nessa Rua.

Quem passa pela Rua 20, logo após o cruzamento da Rua 15, no centro de Goiânia, verá à direita, um gigantesco mogno plantado bem defronte da antiga Faculdade de Direito, prédio tombado pelo patrimônio histórico, engolido e descaracterizado pela Justiça Federal. A árvore foi plantada nos anos cinquenta pelos alunos da vetusta Faculdade, em protesto à política do governo federal que entregava, de mão beijada, o mogno da Amazônia aos americanos, no rumoroso caso da Rio-Impex.

Árvore de lei, de vida-longa, o nosso mogno está perto de completar 40 anos. Enquanto os galhos se espriam elegantemente, e a copa atinge uma altura considerável, suas raízes se agarram fraternalmente ao solo goiano. É a árvore da resistência! Poderá viver outros 40 anos, se a Justiça Federal deixar, pois tudo se move e remove nesse trecho mais tradicional de Goiânia, onde caem casas históricas, levantam-se espigões, e derrubam-se o palacinho, onde Pedro Ludovico instalou provisoriamente o Governo goiano.

Daqui, do sobradinho da Academia Goiana de Letras, o único prédio histórico desse trecho que resistirá a ganância dos especuladores, jogo meus olhos sobre o mogno, admiro a sua beleza plástica, e imagino o quanto ele seria útil na Amazônia, agasalhando animais e pássaros. Como ele já passou os limites dos fios da Celg, quando teria sua copa decepada, acredito que seu futuro está nas mãos da Justiça Federal que um dia poderá justiça-lo, por entender que ele – o mogno – impede o crescimento de sua burocracia (Teles, 2005, p. 91-92).

Já em 2024, como em muitas outras cidades brasileiras, os elementos que caracterizavam a Rua 20 foram esquecidos e são encontrados apenas em fotos ou na memória de seus moradores mais antigos. A Rua se transformou do “espaço da sociedade” para “espaço do carro”. Dessa maneira, na sociedade goianiense, assim como em outras cidades urbanizadas, o “trânsito automobilístico, as pessoas e as coisas se acumulam, se misturam sem se encontrar. É um caso surpreendente de simultaneidade sem troca, ficando cada elemento na sua caixa, cada um bem fechado na sua carapaça” (Guerra, 2015, p.45)

Para Tavares (2020) essa transformação aconteceu na segunda metade do século XX no Brasil. Época essa, como pode ser comprovado por imagens aéreas (Figuras 43 a 46), em que a região central de Goiânia passou a ser verticalizada e perdeu grande parte das suas características arquitetônicas e urbanísticas que compunham a sua paisagem em seus primeiros anos.

⁴⁹ O Livro é uma coletânea de textos. Esse em específico foi escrito em 1995, mas a publicação do livro aconteceu em 2005.

[..] as cidades brasileiras do início do século 20 eram essencialmente dos pedestres e das carruagens de tração animal e dos bondes. Esse *mix* modal proporcionava uma convivência pacífica entre pedestres e veículos (essencialmente o bonde), criando uma ambiência de “escala humana” ao espaço público. No entanto, esse movimento não durou muito, já que, na segunda metade do século, os carros tomaram as ruas brasileiras e os pedestres foram obrigados a tomar o seu espaço limite nas calçadas, valorizando a ideia da “cidade barroca”, que tem nesse tipo de avenida o seu símbolo principal, a “avenida barroca”. Nesta, a sociedade se dividiu na rua em dois grupos: os proprietários dos veículos na pista e os pedestres na calçada. Essa nova ordem foi tão apreendida e reproduzida nas nossas cidades que chegamos a ter um símbolo delas materializado na nova capital do país planejada: a Brasília Barroca [...] Assim, nós brasileiros entendemos a rua hoje: um espaço de passagem e, “diga-se de passagem”, cada vez mais rápido; seja pela velocidade dos carros, seja dos pedestres, com medo dos assaltos (Tavares, 2020, s.p.).

Atualmente, as casas se encontram escondidas atrás de muros (Figura 32), geralmente altos e com portões fechados, os comércios tiveram suas fachadas descaracterizadas por placas (Figura 48), e muitas vezes, com a intenção de “trazer para o século XXI” suas fachadas, passaram por reforma que tiraram os elementos originais de sua construção (Figura 38) e os edifícios institucionais, apesar de manter a maior parte de suas características em suas fachadas, encontram-se fechados através de grades e tiveram a conexão entre a edificação e a rua interrompidos. E os espaços de permanência e de encontros, se tornaram escassos e exclusivos de praças, tornando, assim, a rua um espaço de passagem. E como defendido por Leitão (2014):

Fazer do espaço público um mero espaço de circulação é dar-lhe um papel menor na configuração urbanística de uma cidade. [...] É o estar que possibilita o encontro com o outro, o reconhecimento e o respeito às suas diferenças, a discussão das ideias no sentido que os gregos deram a isso. É o estar, ainda, que permite a realização da festa, a alegria do namoro, a celebração coletiva da vida humana na sua plenitude. Quem circula está apenas de passagem, tem como destino um outro lugar, não constrói nenhum vínculo maior com o espaço pelo qual se move. Quem vivencia o estar se compromete com o lugar, dialoga com o vizinho, se identifica com a paisagem que o envolve, tornando-a parte de si mesmo (Leitão, 2014, p. 105).

Figura 48: Fachada dos comércios, escondidas por placa.



Fonte: Letícia Ribeiro, 2023.

Assim, atualmente, passa despercebido ao visitante dessa região, que essa porção do núcleo pioneiro e, conseqüentemente, seu primeiro conjunto edificado, foi palco de tantas histórias, memórias e identidades carregando, assim, representações tão variadas do repertório arquitetônico moderno. Assim, além de perder representações físicas da história urbana, essas mudanças na paisagem – causadas pelas demolições e descaracterizações – nos prejudicaram, como sociedade, pois dificultam e impossibilitam a formação de memórias para as próximas gerações, gerando uma perda de identidade e reconhecimento espacial, além de modificar o cotidiano dos usuários que frequentavam esse espaço.

3. Entre passos e olhares: um percurso pela Rua 20

A partir dos mapas realizados no capítulo anterior (um dos principais produtos dessa pesquisa), do trabalho de campo e da iconografia, serão produzidas análises da paisagem urbana. Esse método se baseia na associação do mapeamento do espaço – ferramenta da cartografia – e da etnografia para gerar estudos de paisagem e dos imaginários do local.

Dessa maneira, a cartografia entra como um método para auxiliar o pesquisador a traçar o seu caminho enquanto “apreende e é apreendido pelas circunstâncias. Como em um mapa a ser desenhado, o pesquisador pode seguir um percurso sem um final claramente definido, e as ações e reações dessa paisagem se conectam e criam novos significados para a investigação” (Lemos; Oliveira, 2017, p.45). Já a etnografia contribuiu nesse trabalho para que o pesquisador fosse inserido na realidade social do espaço estudado, sendo assim, possível compreender os elementos cotidianos da Rua 20. Assim, foram utilizados os pontos da etnografia defendidos por André (2012, p. 28-29):

1) uso de técnicas tradicionais da Etnografia como observação participante, entrevistas e análise documental pelo pesquisador; 2) interação entre o pesquisador e o objeto pesquisado, sendo o pesquisador o principal instrumento para coleta e análise de dados; 3) ênfase no processo, naquilo que está acontecendo e não no produto ou nos resultados finais; 4) preocupação com o significado; 5) trabalho de campo em contato direto e prolongado com o objeto de estudo; 6) descrição e indução, o pesquisador tem acesso a dados descritivos que são por ele reconstruídos em forma de palavras ou transcrições literais; 7) busca formulações de hipóteses, conceitos, abstrações e teorias (André, 2012, p. 28-29).

Combinando então, essas duas ferramentas⁵⁰, temos o subcapítulo 3.1 que aborda teorias desses conceitos e as transformações da Rua 20 através de um comparativo descritivo e iconográfico da paisagem da Rua 20. Já os subcapítulos 3.2 e 3.3 buscam encontrar resquícios do passado enquanto narra a paisagem atual encontrada nessa via – relatos esses, coletados em várias visitas de campo realizadas. Além disso, nesses relatos é possível observar a experiência de vivenciar o cotidiano, uma vez que, estar em campo, apesar de muitas vezes

⁵⁰A etnografia e a cartografia combinadas como ferramentas de pesquisa também foram usadas juntas no trabalho “Mapa Mental do Centro de Goiânia-GO: um olhar a partir das mudanças visuais do espaço Geográfico” feito pela autora Pereira (2021).

cansativo, era emocionante – e tornava-se ainda mais empolgante a cada nova descoberta realizada. Estar em campo, foi essencial para entender o cotidiano dessa rua, como as relações entre passado e presente se fazem existentes e quais elementos permanecem existentes na memória e no dia a dia dos usuários. E, assim, o pesquisador se torna, um narrador personagem ao se inserir e faz parte da paisagem pesquisada.

3.1. Memórias e transformações: cenas da Rua 20

Analisar a paisagem de uma cidade é uma tarefa complexa, pois esse objeto é entremeado pelas transformações oriundas das dinâmicas do e no passar do tempo. Uma rua é uma porção de cidade, com um intervalo espacial definido, mas com o intervalo temporal abrangente, cujos processos, muitas das vezes, extrapolam a possibilidade de documentação. Por isso é necessário entender a sua carga simbólica e histórica, recompor sua paisagem e, a partir daí, incorporar leituras multilaterais e vozes extra-oficiais.

Para se estudar uma cidade e, conseqüentemente, desvelar suas transformações, é necessário “coletar, arquivar, interpretar dados e segredos abertos” encontrando “uma forma visual ordenada ou caótica para representar os fluxos de informação” (Mesquita, 2012, p. 126). As camadas envolvidas e as temporalidades são, portanto, inúmeras e os documentos históricos possibilitam a aproximação inicial para estudos dessa natureza.

No entanto, muitas vezes eles são incompletos e insuficientes para abarcar os processos urbanos ocorridos ao longo do tempo. Dessa maneira, torna-se necessário complementá-lo e elenca-se o mapeamento como procedimento de entendimento e de construção de uma narrativa que permita estudar o cotidiano, para incluir vozes não oficiais e informações subjetivas acerca do objeto. Para Santos (2012), mapear é um processo coletivo e “social”, ou seja, ele gera uma relação de poder entre quem o produz e quem é cartografado nesse processo. Para ele:

[...] pensar no espaço é o pensar com o espaço. Neste caso, o objeto cartográfico é instrumento de identidade e articulação, e também de disputa nas leituras e representações da realidade que servem de base para

tomadas de decisão e ações. [...] Cada mapa produzido trata-se, portanto, de uma leitura contextualizada da realidade (Santos, 2012, p. 4-5).

Essa também é a visão defendida por Crampton e Krygier (2006). Para eles, o mapa é um instrumento de poder, já que o seu desenho é realizado e motivado a partir de preocupações práticas estatais. Segundo os autores, os estudiosos devem se preocupar mais com o olhar capaz de codificar os elementos urbanos e as identidades produzidas, do que com o resultado – a estética e em como mapear – focando, assim, no processo, nas invisibilidades que podem ser percebidas e no entendimento gerado.

Já para Jameson (1991), a representação da imagem está relacionada à própria condição de existência em que o “senso de lugar e a construção ou reconstrução de um conjunto articulado, pode ser retida na memória e o indivíduo pode mapear e remapear [...]”, (Jameson, 1991, p. 51). Sperling (2016) complementa que as práticas cartográficas podem captar processos emergentes e conformações o que são invisíveis pelos meios consensuais por meio do olhar treinado de seus estudiosos.

Ademais, um ponto importante para se destacar é que a neutralidade não é possível de se manter na produção de cartografias. Desse modo, nas mãos do capitalismo e das instituições, os mapas são instrumentalizados para mostrar e executar a realidade escolhida pelos poderes vigentes na cidade. Assim, “mapear de maneira diferente significa redefinir mapas de maneira crítica” (Mesquita, 2018, p. 30), mantendo o foco no que quer entender ou evidenciar. Com isso, consegue-se justificar escolhas políticas, os controles privados sobre os espaços públicos e legitimar marcos urbanos e bens comuns (Mesquita, 2018), como por exemplo a escolha do patrimônio histórico que deve ser tombado, valorizado e protegido em uma cidade.

A partir dessas ideias infere-se que, ao se tratar de transformações de um centro urbano – ou no caso deste estudo, de uma rua – os marcos de memória e elementos pontuais representativos do cotidiano podem ser identificados e lidos a partir das relações presentes no tecido urbano (Lynch, 2006). E para isso, um fato importante a ser considerado é que, no século XXI:

A relação do homem com o espaço tem deixado de ser percebida pelo corpo; o que tem mediado essa relação é a máquina: o carro, o vagão, a janela". perda dos "tradicionais componentes" da rua, em prol de uma desmedida elevação do *status* do circular, que sozinho não consegue gerar uma animação social e econômica. Esse novo *status* gera, ao revés, um engaiolamento humano, onde as pessoas têm o carro como uma verdadeira armadura que os protege dos "perigos" diretos da rua. Esse fenômeno é paradoxal, pois essa proteção faz com que se imagine estar fora da rua, embora espacialmente a ocupe [...] (Guerra, 2015, p. 45).

No entanto, nem sempre esses locais, que estão presentes no imaginário coletivo, são representados nos mapas e estudos cartográficos, uma vez que, devido à institucionalização, muitas vezes a história oficial é narrada a partir do ponto de vista que favorece decisões políticas preestabelecidas e torna, no caso da arquitetura, o patrimônio pessoal.

É por isso que, na Rua 20, se encontram fragmentos de um passado representado pelos casarões, como a Casa de Colemar Natal e Silva, de Pereira Zeka, a casa eclética dos Sabino, a casa estilo normando de Hélio Naves e, aqui e acolá, os brises-soleil e traços retos das casas modernistas. Mas encontraram-se também os edifícios que colocaram abaixo da antiga Cúria e da Casa do Bispo, do Palacinho de Pedro Ludovico e tantos outros. A Rua 20 expressa por excelência a metamorfose da cidade. Daí sua fisionomia tão distante de qualquer intenção de tombamento federal ou de qualquer atitude patrimonial dos poderes estadual (que se restringiu a tomar uma casa⁵¹) e municipal (Lima Filho; Machado, p.256).

E assim a Rua 20 vai acumulando histórias, que querem ser contadas, vistas e entendidas. Como mostra o relato abaixo, que conta um dos principais eventos históricos que aconteceu nessa rua e as entrevistas existentes feitas à professora Ofélia Monteiro, e que poucas pessoas conhecem. Neles é possível identificar uma narrativa coletiva e histórica importante do início da Rua 20, que muitas vezes é descartado e esquecido junto com o patrimônio edificado.

Na manhã de 2 de abril de 1968, um dia depois da morte de um lavador de carros, confundido com o líder estudantil Euler Ivo, assassinado pelas forças de repressão, em Goiânia durante uma passeata estudantil de protesto, a Catedral estava lotada de estudantes, que lá se refugiaram com medo da reação ditatorial. Sem respeitar o solo sagrado da instituição, agentes da ditadura invadiram a Catedral, com o pretexto de que havia estudantes portadores de bombas – coquetel molotov. Na invasão, foi atingido por um tiro nas costas o acadêmico de Direito, Telmo de Faria, e com um tiro no pé a acadêmica de Belas Artes, Maria Lúcia Jayme. Enfrentando a animosidade dos policiais, Dom Antônio Ribeiro de Oliveira colocou os dois estudantes feridos numa camionete e, sob a vigilância de dois soldados armados fuzis, levou-os ao Hospital Santa Helena, onde foram socorridos pelo médico José Fleury Curado. Na tarde desse mesmo dia, 2 de abril de

⁵¹As casas tombadas atualmente na Rua 20 são a antiga Faculdade de Direito e a Academia Goiana de Letras. Disponível em: https://www.goiania.go.gov.br/shtml/seplam/anuario2012/patrimonio%20historico/Diagnóstico_Final%20PACH%20Goiânia%202009.pdf Acessado em: 21/02/2025.

1968, havia sido programada a celebração de uma missa na Catedral pela morte do lavador de carros assassinado. Apesar dos policiais na Catedral e na residência episcopal, a missa foi celebrada por Dom Antônio Ribeiro de Oliveira (Frota Filho; Galli, 2020, p. 192-193).

Quando cheguei a Goiânia, tive uma grande decepção. Pensei que ao chegar já encontraria várias ruas formadas e só encontrei um trecho de rua, a Rua 20, naquele trecho que fica perto da Catedral, onde existiam 10 casas, que o Dr Pedro mandara construir. Logo depois, Dr. Pedro assinou contrato com uma construtora chamada Lar Nacional, acho que de São Paulo, para a construção de casas para os funcionários públicos, porque os funcionários que vieram com a mudança estavam morando em Campinas, pois não havia acomodação em Goiânia. Para isso, ele comprou uma jardineira para fazer o percurso de Campinas até Goiânia, numa distância de 5 quilômetros, passando pelo meio do mato. Essa jardineira levou o nome de "Tareca"⁵², pelo seu péssimo estado de conservação. Fomos morar numa das casas da Rua 20. Havia uma feira onde se compravam os alimentos, e o mais era encontrado em Campinas. [...] As casas foram surgindo. Primeiro, as casas da Rua 20, depois as casas de Rua 14 e da Rua 15, fechando todo o quarteirão até a Rua 19. Depois, os particulares começaram a fazer suas casas, e a nossa maior distração, e também de Dr. Pedro e dona Gercina e de muitas outras pessoas, era a de sair a andar por aquelas campinas para ver se havia começado uma nova construção. E era aquela alegria quando a gente via que estava nascendo mais uma casa, e a gente indagava quem era, quem será que estava mandando construir. Geralmente, nesses passeios, encontrávamos o Dr. Pedro e dona Gercina, que estavam fazendo também o mesmo percurso e com a mesma intenção. Naquele começo de Goiânia, todos eram pessoas conhecidas, que vieram da Cidade de Goiás (Frota Filho; Galli, 2020, p. 59-61).

O primeiro grande processo de transformação na Rua 20 foi a verticalização da região central, processo que ocorreu a partir da década de 1960, de acordo com Vilarinho (2018) e Gonçalves (2002) – apoiadas pelas novas políticas, que incentivavam grandes empreendimentos – parte das casas foram substituídas por edifícios de apartamentos e poucas casas das primeiras décadas permaneceram (Figura, 3, 4 5, 6, 11 e 12).

Até o final da década de 1940, houve um grande controle da expansão urbana da cidade por parte do Estado, principalmente através de decretos e leis. As questões vinculadas a parcelamentos, comercializações e doações de terras foram realizadas pelo Departamento de Venda e Terras, órgão do governo. [...] A queda do Estado Novo e a consequente mudança política que aconteceu contribuíram para que surgisse nos anos 50 uma outra realidade, na qual, diversas circunstâncias foram se sucedendo simultaneamente, dificultando a compreensão de quem procura entender como se deu a construção do espaço urbano de Goiânia nas décadas de 1950 e 1960 (Gonçalves, 2002, p.111-112).

⁵² Para ver imagem, veja anexo 7.

No início dos anos 2000, algumas casas originais em estilo eclético já estavam abandonadas, como pôde ser percebido durante as visitas de campo do projeto de pesquisa denominado “Antropologia na Cidade”, coordenado pelo professor Manuel Ferreira Lima Filho, na época, professor da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Esse projeto culminou com a escrita do livro “Formas e Tempos na Cidade”, com várias abordagens antropológicas, geográficas e arquitetônicas acerca da do centro de Goiânia. E, utilizando o abandono como justificativa, várias edificações foram demolidas nas ruas do Centro. De acordo com Silva (2006):

As Ruas 20, 24, 15, 74, 72, 55, 25, e outras, não fugiram à regra, também foram bastante impactadas, já os seus traçados originais ainda perduram imutáveis, mas a maioria das edificações da época da construção da cidade já foi demolida, dando lugar a outro tipo de uso, principalmente o comercial, como farmácias e estacionamentos para veículos. Essas ruas eram basicamente residenciais, salvo algumas poucas de outro uso. Dessas edificações residenciais, algumas ainda resistem, sobrando-nos exemplares da arquitetura original da época. É difícil encontrar nestas ruas um conjunto arquitetônico coeso, e sim edificações isoladas, mas que ainda são muito representativas e que devem ser preservadas, não só pela sua representatividade arquitetônica, mas também por serem marcos de nossa memória sociocultural e histórica (Silva, 2006, p. 86-87).

No entanto, apesar das edificações antigas terem sido derrubadas, alguns terrenos ainda não receberam um novo uso, como pode ser visto nas Figuras 38 e 50. Nas imagens abaixo é possível observar uma casa eclética que foi demolida em 2013 (Figura 49) e atualmente construíram apenas um muro no local e o terreno permanece sem utilização (Figura 50).

Figura 49: Rua 20 entre a Rua 21 e a Rua 15 em 2011.



Fonte: Street View⁵³, Goiânia – GO, 2023.

⁵³ Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/M7tuaoY5QJHzHEaB7>. Acessado em: 06/01/2025.

Figura 50: Rua 20 entre a Rua 21 e a Rua 15 em 2023.



Fonte: Letícia Ribeiro, 2023.

Figura 51: Última Casa-tipo da Rua 20, descaracterizada.



Fonte: Letícia Ribeiro, 2023.

Um exemplo dessa substituição que já ocorreu nesse local por um grande empreendimento com as casas demolidas que ficavam em frente à Catedral

Metropolitana (Figura 3, 5 e 11). A partir do mapeamento realizado, observa-se que, das casas-tipo que fizeram parte da fundação da Rua 20, apenas uma ainda se encontra existente (Figura 11 e 51), porém está descaracterizada e de acordo com usuários entrevistados e com as visitas de campo feitas por esse trabalho, já é possível ver um movimento de venda nesta casa.

Pergunta: Você ou sua família presenciaram, no passado, a demolição ou substituição de algum exemplar histórico nessa rua ou no bairro?

Resposta: Não me lembro de assistir presencialmente essas demolições nessa rua, mas eu sei que em frente a catedral tinha casas antigas, me lembro vagamente delas, e foram demolidas para construir um prédio de alto padrão no local. E a casa nessa quadra que ainda existe, em uma visita anterior estava com placa de venda, apesar de no dia de hoje não ter mais, não sei se foi vendida, mas se foi, é possível que foi para o empreendimento e com isso a cidade terá mais uma perda.⁵⁴

Outro exemplo é a casa modernista, que posteriormente abrigou o Hospital Maria Auxiliadora (Figura 41), foi demolida para permitir a construção do *stand* de vendas e apartamentos decorados (Figura 42) que dá apoio ao empreendimento de alto padrão *Katedral Sky Rooftop* – o primeiro de muitos que ocorrerão nos próximos anos nessa via. Outras edificações que resistiram, como pode ser observado nas Figuras 52, 53 e 54, atualmente, estão escondidas atrás de muros, placas ou construções para abrigar os novos usos.

⁵⁴ Para ler a entrevista completa ver Apêndice: Entrevista 2, na p. 134 desse trabalho.

Figura 52: Sobrado projetado pelo arquiteto José Amaral Neddermeyer na década de 1930 localizado na esquina da Rua 20 com a Rua 21.



Fonte: Facebook chamado Fotos de Cidade de Goiás e Goiânia, 2024. ⁵⁵

Figura 53: Ed. Comercial/Residencial, Rua 20 com a Rua 21, na quadra 42 e lote 34/49.



Fonte: Silva, 2006, p.207.

⁵⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1057581813036171&set=a.519445830183108> Acessado em: 05/01/2025.

Figura 54: Sobrado na Rua 20 após várias reformas. Atualmente funciona um bar e restaurante nesse local, Bar do Gaúcho, na parte térrea do sobrado.⁵⁶



Fonte: Letícia Ribeiro, 2023.

Assim, após entendermos os elementos que compõem essa rua, entramos no cotidiano da Rua 20 atual – de 2023 à 2025. O trabalho de campo realizado por esse, teve como objetivo, além de documentar, a partir da iconografia produzida, produzir um documento (tópicos 3.2 e 3.3) de relatos, utilizando a escrita etnográfica como uma ferramenta, que mostre o momento atual da rua e funcione como uma narrativa da paisagem. Dessa maneira, adentramos numa rua dinâmica – que

⁵⁶ Esse foi um dos locais citados pelos entrevistados como locais de encontro há mais de 10 anos. Alguns exemplos de seu cotidiano foram: “O bar do Gaúcho, na Rua 20 com a Rua 21, que é um lugar que eu sempre tive o hábito de ir muito, ir lanchar um pastel ou comer no fim de semana, é um lugar que eu sempre frequentei muito. [...] E o encontro com a minha família e amigos, sempre foi muito no Bar do Gaúcho.” Apêndice: Entrevista 4, p. 138; “Minha maior lembrança antiga em relação a essa rua é em relação a catedral. Como agora moro aqui, eu e agora minha família e amigos passamos a frequentar bastante a rua. O ponto mais frequentado é o Bar do Gaúcho II (rua 20, esquina com a 21), há também o Assado do pão, as drogarias.” Apêndice: Entrevista 5, p. 143.

passou e ainda passa por transformações – e que está novamente em um período de verticalização, com novas construções e conflitos entre o passado histórico e as modificações realizadas que pode ser observados nos textos produzidos abaixo.

3.2. Ao encontro de flores e estranhezas

Era sábado de manhã e fazia um sol “de rachar”. Goiânia estava passando por mais uma onda de calor e mesmo assim optei por continuar meu trabalho de campo na Rua 20, pois precisava encontrar algo que me inspirasse em minha pesquisa. Precisava sentir a alma daquela rua. Buscava alguma coisa que destravasse a minha escrita e minha curiosidade. Essa rua é uma representação – é um elemento de estudo – dos processos ocorridos no centro de Goiânia. Mas será que apenas os seus elementos construtivos refletem essas transformações ou é possível observar algo no seu cotidiano a partir das observações?

O meu ponto de partida foi em frente à Catedral Metropolitana (Figura 55). Iniciei minha caminhada (Figura 56) nesse marco, pois, para mim, ele é um dos pontos mais importantes dessa rua, devido a relevância dessa edificação e a proximidade com a Rua 10 e a Praça Cívica. Começo essa caminhada, assim como inicio esse texto: sem saber o que encontraria como resultado. De acordo com Oliveira (1996), o pensar e o escrever são indissociáveis, uma vez que, “é no processo de redação de um texto que nosso pensamento caminha, encontrando soluções que dificilmente aparecerão ‘antes’ da textualização [...]” (Oliveira, 1996, p.29). No entanto, o caminhar e o escrever também são semelhantes nesse aspecto. Para iniciar-se uma escrita ou uma caminhada em campo, nem sempre temos todas as observações – no primeiro caso – ou os dados – no segundo caso – concluídos e analisados. Sempre encontramos surpresas pelo caminho e a busca se torna uma investigação a ser decifrada, em que a cada instante podemos encontrar a faísca que nos permitirá entender o todo.

Figura 55: Catedral Metropolitana de Goiânia.



Fonte: Letícia Ribeiro, 2024.

Na porta da Igreja observo duas crianças brincando e três pessoas conversando mais ao fundo, uma delas veste uma batina. Provavelmente os adultos vieram falar com o padre. Talvez buscando se confessar ou algum outro serviço da Igreja, pois não parece estar acontecendo uma missa no local. A Catedral fica em uma “praça” ou largo que nada mais é do que um espaço gramado com várias palmeiras e um pátio de estacionamento. É um local pouco sombreado, devido às plantas escolhidas para o paisagismo, e talvez por isso não tenha pessoas passeando com os seus cachorros nessa manhã ou descansando nela – apenas pessoas de passagem são vistas por mim nesse local tanto hoje quanto nas minhas visitas anteriores e isso foi apontado para mim nas entrevistas também.

[...] Sempre pensei na rua 20 como um marco de passagem na cidade. Apesar de sempre admirar a catedral enquanto passava lá, rumo ao trabalho, nunca parei pra de fato entrar.⁵⁷

⁵⁷Para ver a entrevista completa: Apêndice, Entrevista 1, p.129 desse trabalho.

A rua 20 é facilmente utilizada como referência de conexão entre ruas principais e situação de edifícios como o Sesc Centro da rua 19, o Mercado Central da Rua 3, pontos de alimentação como as sanduicherias da Rua 10, o Tô Bar e o Esquina Restaurante em pontos diferentes da rua 20, com os quais tenho maior contato. [...] A rua 20 para mim é referência de passagem com segurança e tranquilidade a pé, de bicicleta ou de carro. ⁵⁸

Em frente à Catedral tem uma farmácia (Figura 56). Ela fica na esquina da Rua 10 com a Rua 20 e, desde que me lembro, esse lugar sempre teve uma drogaria ali – mesmo mudando de nome ao longo dos anos. Quando vejo uma farmácia nesta localização de quadra, sempre recordo das placas de aluguel de lojas de esquina, onde está escrito “alugo para farmácias” ou “bom ponto para farmácia”. Não sei o motivo ao certo, talvez pela maior visibilidade, mas há uma crença que farmácias de esquina não vão à falência e que o melhor uso para essa localização na quadra é esse – muitas vezes penso que essa ideia pode ser um dos motivos de existir uma farmácia a cada quadra de Goiânia e grande parte delas ficam em esquinas.

Figura 56: Esquina da Rua 20 com a Rua 10.



Fonte: produzido por Letícia Ribeiro, 2024.

Ao lado da farmácia fica uma rádio católica chamada Radio Maria, que foi inaugurada em 2018, no local onde ficava a antiga Casa Paroquial (vendida e

⁵⁸Para ver a entrevista completa: Apêndice, Entrevista 3, p.135 desse trabalho.

reformada/descharacterizada em 2018) em frente à Catedral⁵⁹. Em seguida está o empreendimento *Katedral Sky Rooftop*. O prédio está em construção desde 2022 e, com isso, acarretou uma grande transformação na paisagem dessa região como pode ser observado nas entrevistas realizadas abaixo. Antes, nesse local, havia um restaurante (demolido em 2019), uma distribuidora de bebidas (demolida em 2020) e o hospital psiquiátrico Maria Auxiliadora (demolido em 2021)⁶⁰. Atualmente, há apenas um *stand* de vendas ocupando esses 3 terrenos. Nessa manhã não tinha ninguém dentro do *stand* e na obra. O silêncio reinava nesse local sendo quebrado apenas pelos carros que passam na Rua 10.

Eu lembro da construção da *Katedral sky rooftop*, que fica ao lado da Drogasil, em frente à Catedral Metropolitana. Ele foi uma construção que chamou atenção desde o início, acho que foi um dos primeiros prédios novos a serem construídos aqui na Rua 20 e no centro, e agora ele já está finalizando. E eu vi que a construção desse edifício modificou um pouco a dinâmica da rua, até mesmo a questão dos moradores, questão do que achar dessa mudança, e ele foi o pontapé inicial dessas construções. Em volta aqui do meu quarteirão estão sendo levantados vários outros prédios e tudo iniciou com o edifício *Katedral*. [...] Em relação às modificações da paisagem, tem muitas casas antigas sendo destruídas, construtoras comprando essas casas para fazer prédios maiores, mais modernos, arranha-céus mesmo. Na minha casa, em frente e ao lado do meu prédio, tem dois terrenos que foram comprados e estão sendo construídos novos prédios com mais de 20 andares.⁶¹

Sempre acharei estranho ver prédios novos, com portarias de vidro, garagens, e multicâmeras de segurança, no centro de Goiânia. [...] Em alguns trechos, a rua 20 atualmente parece ter sido recortada do Marista ou do Bueno.⁶²

A rua segue em frente vazia. De pessoas, quero dizer, pois vejo um grande número de veículos estacionados próximos ao meio fio – grande parte dos prédios da região do centro não tem garagem, uma vez que, no passado, na época de sua construção, era raro se ter carros na capital⁶³ – e há poucas pessoas andando por

⁵⁹ Para mais informações: ver Figura 41 e 42.

⁶⁰ Para saber mais: VERA, Fabrício. Adensamento urbano: o fenômeno pode deixar Goiânia (mais) caótica. *Jornal Opção*. Goiânia, 2023. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/reportagens/adensamento-urbano-o-fenomenopode-deixar-goiania-mais-caotica-531248/> Acesso em: 01 de dezembro de 2023.

⁶¹ Para ver a entrevista completa: Apêndice, Entrevista 4, p.138 desse trabalho.

⁶² Para ver a entrevista completa: Apêndice, Entrevista 1, p.129 desse trabalho.

⁶³ Na segunda metade do século XX, época do início da verticalização do centro de Goiânia, o carro não havia se popularizado. Com isso, as construções verticais não possuíam garagem e quem tinha automóvel, o estacionava na rua, pois as ruas brasileiras eram um espaço “essencialmente dos pedestres e das carruagens de tração animal e dos bondes” (Tavares,2020). Não sendo comum os edifícios possuírem garagens devido a baixa demanda.

essa via no fim de semana. No meu trajeto eu cruzo com apenas com umas 15 pessoas, apesar de já ser quase 10 horas da manhã. Refletindo sobre isso, percebo que provavelmente esse fato é um reflexo do processo de esvaziamento do centro da cidade, causado pelo crescimento de Goiânia. Com isso, as pessoas que antes moravam no centro, foram morar em outros bairros na década de 1980 e o centro passou a ser um espaço mais voltado para atividades comerciais, administrativas e de serviço⁶⁴. Assim, as pessoas que permaneceram morando na região, acabaram indo para outros locais da cidade nos seus momentos ociosos.

No entanto, a Rua 20, nesta manhã de sábado, apesar das poucas pessoas transitando pelo local, ainda mantém o clima residencial. E logo descendo a rua, vizinhos, que pela conversa moram nos prédios em frente, se cumprimentam. Isso fica claro não apenas para mim, mas para as pessoas que encontro no caminho.

Lembro-me de passear e tirar algumas fotos. Sinto que foi um dia tranquilo, mas o local estava bem vazio. O local tinha vários carros estacionados, mas poucas pessoas no local. Era um dia ensolarado. A rua 20 me passa a sensação de ser uma rua residencial do interior, calma, tranquila e segura. Acho que é uma das ruas mais seguras do centro. [...] No momento o centro passa a impressão para mim de querer apagar o passado e substituir por novas construções.⁶⁵

E é sobre isso que esse trabalho busca refletir: encontrar nesta rua os resquícios do passado e como eles se articulam no cotidiano atual. Assim, como Rocha e Eckert (2013) defendem, a cidade tem sua própria história a ser contada “[...] nem a melhor nem a pior do mundo, simplesmente histórias que configuram rastros de referências práticas e simbólicas em que se reconhece ou se constrange nas ruas que perambula, lugares que conhece ou desconhece, espaços que a ele sensibiliza ou desgosta, contextos que o atraem ou lhe são indiferentes. (Rocha; Eckert, 2013, p. 21). E como tal, esse olhar busca encontrar os símbolos ainda presentes na rua.

Ao lado do *stand* de vendas (Figuras 51 e 57), está a última casa-tipo construída na Rua 20, nas primeiras décadas da nova capital. No entanto, ela está descaracterizada e escondida atrás de muros. Atualmente, ela foi reformada e é

⁶⁴ Para saber mais: ASSUNÇÃO, Marília. Centraliza: projetos de lei para isenção de impostos são finalizados para irem à Câmara. Jornal Opção. Goiânia, 2023. Disponível em: <https://diariodegoias.com.br/centraliza-projetos-de-lei-para-isencao-de-impostos-sao-finalizados-para-irem-a-camara/373197/> Acesso em: 05/01/2024.

⁶⁵ Para ver a entrevista completa: Apêndice, Entrevista 2, p.133 desse trabalho.

possível ver uma placa de vende-se – como em muitas outras nessa rua – na grade do portão. Em frente há apenas edifícios de apartamentos, resultado da rápida verticalização que aconteceu nessa região na década de 1960.

Figura 57: Stand de vendas e da Praça XI de Maio em 2024.



Fonte: produzido por Leticia Ribeiro, 2024.

Ao lado, seguindo o sentido à Avenida Anhanguera há uma praça, que corta a Rua 20 em dois trechos. O nome dela é Praça XI de Maio. Nela é possível perceber que os mobiliários estão bem degradados, mas durante o dia há uma lanchonete funcionando. Ela possui uma estrutura semelhante a um *pit dog*. Nesse momento, na região, é possível ver a dona dentro do estabelecimento e duas senhoras sentadas conversando na outra metade da praça. Atravesso a rua e me sento próximo a elas em um elevado onde está instalado o poste de luz da praça.

Para Oliveira (1996), para se entender um local e um povo, é preciso saber ouvir. Segundo a autora, as explicações e informações dadas por aqueles que vivenciam a comunidade é o que permite um pesquisador a gerar uma compreensão da dinâmica de vida daquele local. Para isso, além de treinar o olhar, o pesquisador precisa treinar os ouvidos, pois “tais explicações nativas só poderiam ser obtidas por meio da ‘entrevista’, portanto, de um Ouvir todo especial, (...) para isso, há de se

saber ‘Ouvir’” (Oliveira, 1996, p. 19). E é por esse motivo que, nesse momento, me proponho a sentar e ouvir.

Percebo que elas estão conversando há bastante tempo naquele local. No entanto, não se conheciam antes. Uma delas fala para a outra: “Minha sogra morou muitos anos nessa Rua. Em um edifício chamado Castellamare que fica logo ali à frente. Foi um dos primeiros a ser construído aqui. Hoje ela mora na Rua 24, no mesmo prédio que a filha dela, minha cunhada. Mas a minha filha cresceu vindo aqui. Ali na esquina da Rua 15, se não me engano, tinha um hortifrúti que sempre frequentamos⁶⁶. Tem até uma foto dela quando pequena nesse local. Acho que essa foto tá lá na sala da tia dela. Essa rua faz parte da história da minha família. E você, mora aqui há muito tempo?” A conversa se desenrola para outros cantos, pois a mulher não é de Goiânia e sim de Rio Verde e está ali aguardando dar o horário para fazer um exame em uma clínica que fica ali na região.

Esse encontro me lembrou de uma reportagem que li recentemente no SEPLANH (Secretaria Municipal de Planejamento Urbano e Habitação) e de histórias reunidas que encontrei no Arquivo da Praça Cívica ao fazer minha pesquisa. Para mim, praças são “sinônimos” de encontros e boas conversas. E essa, ao longo das décadas, foi uma das funções acumuladas por esse ponto da Rua 20. Quando a capital foi transferida para cá, a Faculdade de Direito da UFG foi transferida para o prédio que fica em frente a essa praça. Assim, não era raro encontrar alunos discutindo política (como pode ser visto no relato abaixo), se apropriando do espaço, estudando ou se divertindo entre aulas nesse local. Atualmente, nesse prédio funciona a Justiça Federal.

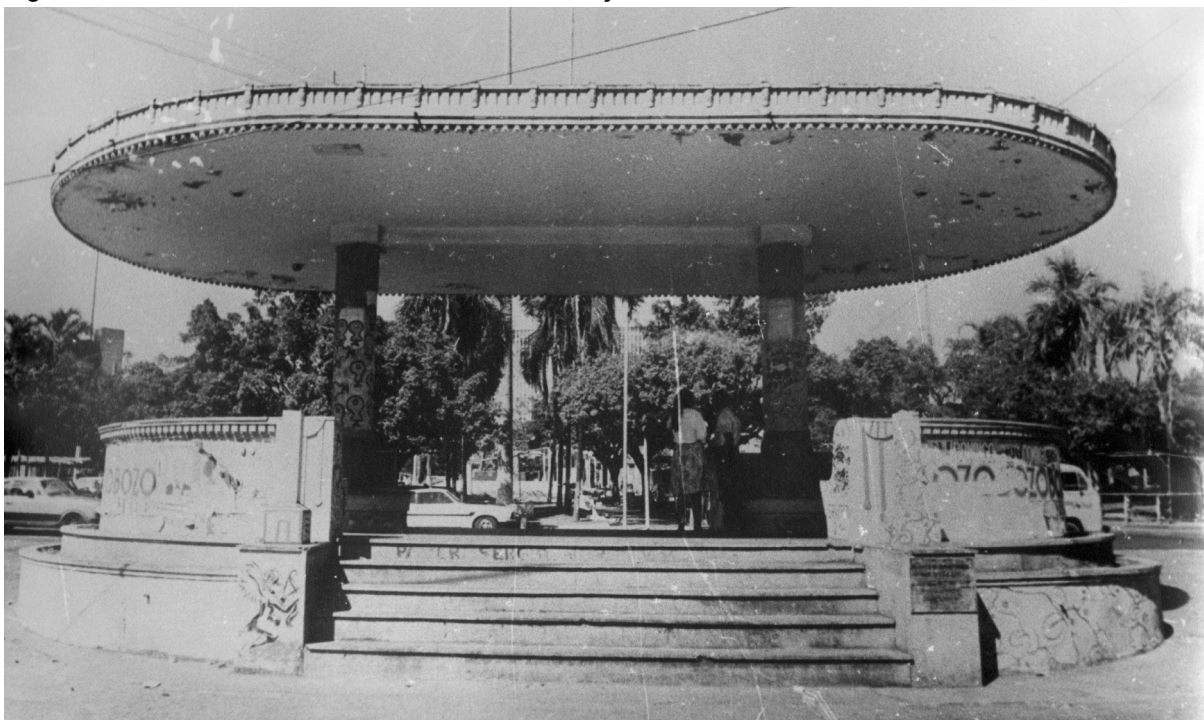
A Faculdade de Direito, vinda da Cidade de Goiás, instalou-se em 1937, ao lado da Praça da Rua 20. Estava assegurada assim a formação da elite intelectual. Os estudantes, por mais de 30 anos, se reúnem em frente à Faculdade, utilizando-se da Praça como cenário natural de suas também habituais reivindicações. Vários dos entrevistados registraram quando o ex-governador de Goiás Mauro Borges Teixeira, ainda estudante, lançou uma campanha em defesa do mogno⁶⁷ que estava ameaçado de extinção. Orgulhoso, afirma o professor José Augusto Pereira Zeka: A Faculdade de Direito era o centro intelectual de Goiás! A elite mesmo de intelectuais, administradores, de juízes, desembargadores, jornalistas etc. estava aí. Era aqui mesmo o centro (Lima Filho; Machado, 2007, p.178).

⁶⁶ Se a mulher se lembrou corretamente da localização, atualmente nesse local encontra-se um restaurante e lanchonete. Esse ponto fica em frente à Academia Goiana de Letras (AGL).

⁶⁷ Para ver reportagem sobre esse evento, ver anexo 10.

Essa transferência também trouxe consigo alguns costumes da Cidade de Goiás que acabaram acontecendo também nessa praça. Um deles era o *footing*⁶⁸ – prática que consistia em rapazes e moças passearem em locais públicos, em sentido contrário, para trocarem olhares – como o Coreto da Praça Cívica (Figura 58) e a Rua 8. Muitas vezes, quando eles se interessavam um pelo outro iam conversar sentados no banco de uma praça como a existente na Catedral na Rua 20, como pode ser observado pelo relato abaixo e devido à proximidade com o Coreto (Frota Filho; Galli, 2020). A praça da Catedral também era um local de encontros, como mostra nos relatos Frota Filho e Galli (2020) e nos textos de Teles (2012).

Figura 58: Casal se encontrando no Coreto da Praça Cívica.



Fonte: A Redação, 2023⁶⁹.

Na adolescência, muitos amigos meus, colegas de Liceu, quando não moravam, faziam ponto pelas redondezas; a missa das 7, na Catedral, aos domingos, era um *"point"* para encontros e namorinhos⁷⁰. O Caio Jardim, meu amigo querido, morava vis-à-vis com a Casa Paroquial (Frota Filho; Galli, 2020, p. 290-291).

⁶⁸ Para ver mais sobre o *footing* em Goiânia, acesse: https://www.instagram.com/p/DHN83RJuk_/. Acessado em: 15/03/2025.

⁶⁹ Disponível em: <https://www.aredacao.com.br/colunas/149852/coreto-da-praca-civica-palco-da-historia-da-cultura-goianiense>. Acessado em: 12/12/2024.

⁷⁰ Ver anexo 8.

Domingo, hoje, oito horas, Sol com os braços abertos sobre Goiânia, subo apressadamente a Rua 19, rumo à Catedral, onde vou encontrar, afinal, o final de todas as noites que passei na boêmia, o fim de uma solidão que parece não mais terminar. A decisão é irrevogável: “Com está me casarei!”. O Sol faz brilhar o meu *pitex* preto. Estou alinhado, sinto os olhos das meninas pousando carinhosamente em mim. Não ligo. Vaidoso, vou subindo a Rua 19, me aproximo da Rua 14, da Catedral Paro. De repente, meus olhos a descobrem à porta da igreja, minhas pernas tremem, meu corpo se esfria: uma estranha tristeza toma conta de mim. Lá está ela, rostinho encantador, linda mesmo. No entanto, com a perna esquerda envolvida por um aparelho metálico e com os braços apoiados num par de muletas, com os olhos no relógio do pulso, esperando-me. Retrocedo, pego a Rua 14, saio na avenida Araguaia, rumo à praça Cívica, desço atormentado, revoltado, e aqui estou, juntamente com o orgulho e o egoísmo, despedaçando as palavras de Fulton Sheen.
-Garçom, mais um copo (Teles, 2012, p. 83-84).

Outro local onde era comum o encontro de namorados nessa região era na esquina da Rua 20 com a Avenida Anhanguera⁷¹ e em frente à Praça Antônio Lisita, que fica no encontro entre a Avenida Araguaia, a Rua 4 e a Rua 20. Esse último ponto é lembrado por um dos antigos moradores no livro “Rua 20, Centro, Goiânia – Goiás: a maternidade do urbanismo goianiense” que reúne vários relatos dos pioneiros da cidade:

Principalmente, para quem viveu as décadas anteriores a 1970, sabe o quanto era importante em suas vidas a presença dos parquinhos de diversões. Período ainda distante dos entretenimentos tecnológicos, de acesso à internet, ao celular, lembrando que poucos eram os privilegiados que podiam contar com a presença, da hoje vovó, televisão, em seus lares. O parquinho era local de degustação do algodão-doce, pipoca, de girar no carrossel, dos namoros e do *footing* que nele se estabelecia deslocando-se de seus espaços convencionados. Num terreno que pertencia a Benedito Gonçalves de Araújo localizado no encontro da Rua 20, com a Avenida Araguaia e a Rua 4, onde, em 2020, está edificado o *Plaza inn* Paineiras, era o local de instalação do Parquinho do senhor Gil. Vera Maria de Magalhães, moradora da Rua 20, que contribuiu para a construção deste livro, é a protagonista da prospecção memorial do parquinho: Não sei se já lhe informaram sobre o parque de diversão que se instalava com frequência de frente à Praça Antônio Lisita, cujo proprietário era o senhor Gil. [...] na época esse parque perto de nossa casa fez parte de nossas vidas. A criançada daquele pedaço e mesmo os adultos se divertiam no período em que ele ficava montado, uma ou duas vezes por ano, no lote vago onde hoje é um hotel cujo terreno pertencia à família do senhor Benedito Gonçalves de Araújo. O proprietário do parque, acreditamos que o nome dele era Gil, e assim, a gente o chamava. Era um senhor baixo, meio careca e sempre de chapéu, parecia um italiano. Os caminhões chegavam abarrotados de peças para montar as diversas opções de lazer que o parque oferecia, já trazendo desde aí, uma alegria para a garotada da redondeza. Os brinquedos principais eram as canoinhas de metal, puxadas por cordas por duas pessoas que ficavam dentro delas; o ‘*Dangle*’ (na época a gente falava assim, não sei se essa palavra existe), pequenas cadeiras, também, de

⁷¹ Esse local da rua 20, entre a Anhanguera e a praça Antônio Lisita sofreu bastante com as perdas econômicas entre 2020 e 2022 e muitos comércios permanecem fechados até a atualidade.

metal com longas correntes que giravam em alta velocidade, cujo uso não era permitido para crianças menores; o carrossel de cavalinhos. Além dos brinquedos, havia a roleta, o jogo de argola, o tiro ao alvo, onde as pessoas podiam ganhar algumas prendas, entre elas, maços de cigarro. Seu funcionamento era no período noturno, até mais ou menos 23 horas, não passava da meia-noite. Havia um alto falante com músicas da época, e que trazia algumas informações. Na calçada ficavam os vendedores de pipoca, algodão-doce, quebra-queixo e outros petiscos dos quais não lembramos. A frequência era boa, principalmente nos finais de semana. Era só alegria, os gritos da criançada no ‘*Dangle*’ eram ouvidos de longe. Havia uma verdadeira plateia torcendo para quem se arriscava no jogo de argolas e no tiro ao alvo. Foi um momento de lazer, de muita alegria, na época em que a gente viveu na Rua 20, próximo ao parquinho, nas décadas de 1950 e 1960, principalmente, a de 1950. Era um parque pequeno, mas tinha segurança, nunca soubemos de acidentes em suas instalações. Temos as melhores recordações desse parquinho (Frota Filho; Galli, 2020, p. 254-255).

Por fim, as minhas últimas percepções sobre a Praça XI de Maio – praça em frente ao atual edifício da justiça – é que, apesar do calor que estava fazendo, o local permanece fresco, pois há árvores de médio porte ali, além das palmeiras, e os prédios do entorno impedem a insolação de forma direta. Nesse dia estou acompanhada, pois fui aconselhada pela minha orientadora a não andar sozinha pelo Centro. O meu parceiro de percurso, devido ao pouco movimento, parece estar incomodado e se sentindo pouco à vontade, pois fomos avisados várias vezes que apesar dessa região ter residências, o fluxo de pessoas nos fins de semana é mínimo e com isso acaba acontecendo assaltos na região.

No entanto, passamos por esse dia sem nenhuma intercorrência. Talvez por eu não estar sozinha e por estar acostumada com a região central – tenho amigos que moram ali e estudo pontos desse setor desde o meu projeto de iniciação em 2017 – não sinto esse estranhamento ou medo ao transitar pela Rua 20 – diferente sentimento, por exemplo, de circular pelos becos da região ou pela região do Jóquei e do Teatro, que ficam na Rua 3, aos fins de semana. Para mim, a Rua 20 tem o cotidiano e uma atmosfera de uma cidade pequena do interior, devido aos seus usos diversos, como a presença da Catedral Metropolitana, das escolas, casas, prédios, floricultura, bares e mercados, que geram, assim, uma centralidade na região e uma convivência entre os seus frequentadores e moradores.

Em um outro dia, agora no meio da semana, volto à Rua 20 para ir à Academia Goiana de Letras (AGL) – uma casinha cor de rosa de estilo predominante *Art Déco* que fica na esquina da Rua 20 e a Rua 15, no número 159,

quadra 34 e lote 25 – comprar um livro e fazer uma nova visita nesta região da Rua 20. Nesse dia parece que as ruas estão mais lotadas ainda de carros, pois, além dos veículos dos moradores, tem os das pessoas que trabalham na região. Assim, deixo o carro em uma vaga na Catedral e sigo a pé para lá. Vejo poucas pessoas andando na rua, no máximo uma ou outra entrando em algum comércio. No entanto, hoje reparo que na calçada há vários pontos com fezes de animais.

Gilberto Velho (1978) defende que além de observar a paisagem, deve-se observar também o familiar e as modificações que acontecem na cidade. Com isso, como também defendido por Damásio (2021), o “familiar é intrínseco ao meu cotidiano e rotina, mas isso não significa que não haja também estranhamentos” (Damásio, 2021, p.15). E são esses estranhamentos que me fazem questionar as camadas históricas, os resquícios do passado e as mudanças no presente. Foi esse meu foco no segundo dia de visita de campo: encontrar estranhamentos e transformações presentes na minha memória. Nesse dia fui caminhando e observando a paisagem da rua e gostaria de destacar dois pontos nesse percurso.

O primeiro é a quantidade de lotes que hoje são estacionamentos particulares ou lotes vagos e que antigamente eram exemplares da arquitetura pioneira de Goiânia nesta rua. De acordo com Peirano, “[...] a pesquisa de campo e o escrever etnográfico são práticas discursivas políticas [...]” (Peirano, 1985, p. 35). Sendo assim, o que é possível perceber, e que não posso deixar de pontuar, é que apesar da retomada da discussão sobre a necessidade de uma melhor preservação e revitalização do patrimônio histórico do centro nos últimos anos, o resultado gerado por isso foi o surgimento de novos projetos de intervenções pontuais e novas construções para uma retomada de moradias para a classe média alta nessa região, desconsiderando os moradores e usuários que já ocupam o centro.

Um dos motivos que está causando as maiores mudanças nos últimos anos é a discussão e aprovação do novo Plano Diretor de Goiânia (2023). Nele, bairros com áreas críticas de fluxo de trânsito e de construções, como o Jardim Goiás e o Setor Bueno, tiveram restrições para reduzir o adensamento e, conseqüentemente, foi sugerido gerar ocupações em outras regiões da cidade. E um dos locais apontados como região de interesse por esse documento, para investimentos de construção de edifícios, é a região central da cidade. Para que isso fosse aprovado, argumentou-se

que o adensamento populacional é uma forma de revitalizar o centro da capital, trazendo novos moradores e, com isso, seria possível preservar a história da cidade⁷². No entanto, esse adensamento não foi pensado de forma a evitar a demolição de edificações antigas e focado nos terrenos vazios e subutilizados existentes no centro de Goiânia.

Como defende Tadeu Arrais em entrevista ao Jornal Opção, “o Centro já tem vida e é povoado, por isso não é necessária essa revitalização. O que são necessárias, diz o professor, são medidas e programas que tornem a região atrativa para as pessoas” (Vera, 2023, s.n.)⁷³ principalmente no período noturno e aos fins de semana. Além do Plano Diretor, no dia 23 de outubro de 2023 foi apresentado o projeto de revitalização do Centro que prevê uma isenção do IPTU para estacionamentos horizontais e verticais na região central (Assunção, 2023)⁷⁴. Com essas duas mudanças, o que veremos será cada vez mais o patrimônio presente na memória da população sofrendo como apagamento e com as demolições.

Figura 59: Desenho da vista da AGL e da casa modernista – realizado a partir de fotografias antigas – antes da demolição em 2015.



Fonte: produzido por Letícia Ribeiro, 2023.

⁷² Para saber mais: <https://opopular.com.br/cidades/emendas-liberam-predios-em-areas-antes-proibidas-em-goiania-1.3151372>. Acessado em: 06/01/2025.

⁷³ Disponível: <https://www.jornalopcao.com.br/reportagens/adensamento-urbano-o-fenomeno-pode-deixar-goiania-mais-caotica-531248/>. Acessado em: 08/07/2024.

⁷⁴ Disponível em: <https://diariodegoias.com.br/centraliza-projetos-de-lei-para-isencao-de-impostos-sao-finalizados-para-irem-a-camara/373197/>. Acessado em: 25/11/2024.

Um exemplo desse processo, e também da sobreposição de “layers” perdidos nessa via, é a casa modernista que foi comprada pela Academia Goiana de Letras (AGL), e estava localizada ao lado dela (Figura 59). Esse local foi comprado para ser um anexo à sede do órgão⁷⁵. Em 2014, o edifício deixou de ser uma habitação e se tornou a sede operacional do movimento Muda Ocupação em Arte Urbana. Esse lugar permaneceu quase intocado, apenas tendo suas fachadas pintadas com intervenção de artistas. No entanto, em 2018 ocorreu a sua demolição e, atualmente, esse lugar permanece um espaço vazio, sem uso e a cidade perdeu um exemplar da arquitetura modernista que fazia um interessante contraste com a edificação *Art Déco* ao lado – dois estilos modernos que fazem parte do imaginário fundador de Goiânia.

Assim, o segundo ponto que gostaria de destacar são as duas construções que ficam próximas ao cruzamento da Rua 20 com a Rua 3. A primeira delas é uma antiga casa que pertenceu a Domingos Galvão Velasco e Zélia Bastos Galvão (Frota Filho; Galli, 2020) no estilo normando. Nos últimos anos, esse local se tornou um restaurante chamado Sabor dos Temperos. No entanto, diferente das minhas outras visitas, nesta semana o espaço em frente ao restaurante estava lotado de flores (Figura 60) – o que indica que o restaurante não está mais em funcionamento. Flores essas pertencentes ao estabelecimento ao lado: a Floricultura que esconde a fachada da antiga casa. Esse é um dos exemplos em que a Rua foi se transformando e os usos dos lugares foram modificados. No entanto, para mim, a alma da rua, o espírito dela, permanece nas lembranças e nos relatos. Essas transformações nos mostram que, apesar de a paisagem ser mutável e dinâmica, a relação do cotidiano com os seus habitantes transmite sensações que são gravadas na memória, deixando, portanto, a marca da rua em seus imaginários.

⁷⁵ Disponível em: <https://opopular.com.br/cidades/imovel-antigo-e-demolido-na-rua-20-em-goiania1.1591452>. Acessado em: 13/08/2023.

Figura 60: Casa normanda em 2024 e antigo restaurante.



Fonte: Letícia Ribeiro, 2024.

Vivenciar, portanto, vai além de perceber o conjunto edificado que forma a cidade ao se tratar do estudo da paisagem urbana. Como defendido por Duarte e dos Santos (2020), cada lugar possui a essência da vida social e espiritual de seus habitantes. Ou seja, as memórias de várias gerações, as histórias e os marcos imateriais fazem parte da paisagem tanto quanto os edifícios. Dessa maneira, o espírito desse lugar consegue ser transmitido para futuras gerações, pois ele faz parte do cotidiano de sua população, e, assim,

É como se os lugares se assemelhassem a um poema, que carrega em si forma e sentimento próprios, mas que é capaz de despertar sentimentos dentro de nós quando nos dispomos a apreciar o poema com intenção. O espírito do lugar é construído com a colaboração das pessoas na relação social que elas mantêm com a natureza daquele lugar e em resposta às

suas necessidades sociais ao longo do tempo, se revelando como sentimento de paisagem. Enfim, ele faz parte do cotidiano das comunidades (Duarte; dos Santos, 2020, s.p.).

Portanto, a paisagem e o espírito de um local, por serem uma construção coletiva e histórica, são “como uma estrela: um eco do que já vivemos no passado, mas que ainda existe dentro de nós, sobrevivendo ao tempo” (Duarte; dos Santos, 2020, s.p). Por fim, somos influenciados pela paisagem que nos cerca ao mesmo tempo em que a construímos (Berque, 2010), pois somos quem somos a partir da nossa relação com o mundo, e “se o que está a nossa volta também define aquilo que somos, então incorporamos as paisagens e nos tornamos paisagens [...]” (Duarte; dos Santos, 2020, s.p).

E assim chegamos a última etapa desse texto e do escrever etnográfico: as reflexões. Geertz (1989) defende duas etapas de uma investigação científica: a primeira, é o estar em campo, vivendo e observando e a segunda são as análises e escritas feitas após a coleta de dados. Assim, o observar e ouvir podem ser aplicados no papel. Dessa maneira, a etnografia ganha a sua definição, ou seja, ela é “a representação do ‘trabalho de campo’ em textos” (Marcus; Cushman *apud* Oliveira, 1996, p. 26).

3.3. Entre Muros, placas e significados

Era uma quinta feira. Um dia nublado, no qual em poucos momentos era possível ver o sol atrás das nuvens. Fazia um pouco de frio nas primeiras horas do dia, mas ao chegar na rua, por já estar mais no meio da manhã, já sinto um calor combinado e a sensação de abafado devido à umidade, um clima típico do início do ano goianiense. O pensamento que me guia nessa visita é uma frase de Guerra (2015) que li recentemente. Ele defende que “a rua que conhecemos atualmente é resultado de uma transformação, na qual os encontros possíveis são substituídos pela passagem mecânica por aqueles que a usam” (Guerra, 2015, p. 45).

A parte da Rua 20 em que mais se percebe mudanças ao longo das décadas é a partir do encontro entre a Rua 3 com a Rua 20 no sentido da Av. Paranaíba. No miolo de quadra, do lado esquerdo (indo na rua 20 no sentido Anhanguera), encontra-se o Mercado Central de Goiânia. A partir desse ponto (Figura 61), a paisagem se torna predominantemente comercial e o seu cotidiano tem uma mudança brusca. Inicio o meu trajeto a partir desse ponto. Buscando entender essa segunda metade da Rua 20, que possui características próprias, e que, pelo que observei em meus estudos, sofreu a maior descaracterização ao longo das décadas. Me questiono se essas mudanças bruscas são o motivo de termos menos estudos sobre essa região, comparados à parte próxima a Catedral. Se na primeira parte da rua, encontram-se poucos exemplares existentes, nesta segunda, encontra-se muito mais placas, muros, estacionamentos e abandono em seu lugar.

Ao iniciar o meu trajeto, a primeira coisa que me chama a atenção é o *skyline* visto desse ponto ao atravessar de pedestre (Figura 61). No horizonte, a maior parte das edificações é assobradada, cujos térreos são lojas e em cima, a sobreloja é usada para estoque. O ar de cidade do interior, com a impressão de que vizinhos se cumprimentam ou mesmo a existência de praças como um respiro para a cidade fica para trás. O que predomina é um espaço de passagem – e de passagem rápida – ou idas a um local específico, a uma loja X para comprar ou resolver algo. Parece que adentro outra rua, longe e bem diferente de sua primeira metade. Do lado direito

(sentido Av. Anhanguera), há um prédio grande amarelo de residências. De acordo com uma das minhas entrevistas, ele foi o primeiro prédio a ser construído na Rua 20. Ele é o único local à minha frente em que vejo pessoas. Em seu andar térreo existe uma lotérica e nela, algumas pessoas aguardam para serem atendidas. Além desse, há apenas mais um prédio distante ao fundo, que do meu ângulo de visão não consigo saber se ele pertence ou não à Rua 20.

Eu lembro que o primeiro prédio que foi construído também foi na esquina com a Rua 3 mais ou menos na década de 60 também. Era um prédio com mais de 8 andares. Antes disso era só casa, só residência. Tinha uns sobrados bonitos. Depois construíram uns prédios bem lá pra frente, perto da catedral. Eu lembro que tinha uma época que na região ali da Rua 10 e acima dela, onde hoje tem o hospital Santa Helena, não tinha nada, só a Catedral. Dava pra ver ela de longe. [...] No primeiro prédio de lá, o elevador vai até o sétimo andar, e pra ir pro oitavo tem que ir de escada. O último, que é o apartamento do zelador, o elevador não vai.⁷⁶

Figura 61: Prédio com 9 pavimentos. O pavimento térreo é comercial e os demais pavimentos são apartamentos. Primeiro prédio da Rua 20 construído na década de 1960.



Fonte: Letícia Ribeiro, 2025.

⁷⁶ Para ver a entrevista completa: Apêndice, Entrevista 6, p.146 desse trabalho.

Outros dois pontos que observo logo de cara é que nessa parte as edificações são construídas coladas uma na outra, o que difere da modernidade encontrada no início da paisagem da Rua 20, que via nos recuos, laterais e frontais, símbolos do que era mais moderno e sofisticado em seus primeiros anos. Características essas, praticamente inexistentes nessa segunda metade. O outro ponto, é a diminuição da vegetação. Essa parte da rua possui bem menos árvores do que a anterior, sendo mais cinza, menos fresca e mais hostil. Pelas conversas que tive com alguns moradores da região, essa foi uma mudança recente e não apenas uma percepção minha, como pode ser visto no relato abaixo. Apesar de já passar das 9 e os comércios estarem todos abertos, não há pessoas circulando por esse trecho.

Antigamente a paisagem tinha muito mais casas. Atualmente, está tendo muito mais canteiros de obra e muitas casas históricas sendo derrubadas para construir prédios maiores. Então, tinha mais casas e mais árvores, tanto na Rua 20 quanto na Rua 24. Mas a minha principal lembrança dessas ruas é o quanto elas eram arborizadas no passado e também em relação ao movimento. Antes ela era mais movimentada no horário comercial, mas recentemente ela está tendo uma vida noturna maior, devido aos barzinhos e restaurantes no centro. Eu lembro também que antigamente era mais seguro para andar. Acho que é isso. Era um lugar mais seguro, mais cheio de árvores, não tinha tanto estacionamento, canteiro de obra, são memórias boas e aconchegantes em relação à atualmente.⁷⁷

Um fato interessante sobre esse ponto da rua, que apenas nessa visita percebo, é sobre o trânsito. A Rua 20 é estreita, o que permite apenas a circulação de uma mão – de um sentido de tráfego – considerando que dos dois lados da via permite-se estacionar. Nesse ponto, há uma troca de sentido. Entre a Av. Paranaíba e a Rua 3, o sentido de carro é em direção à Rua 3. Já na outra ponta da Rua 20, iniciando-se na Catedral, a mão é também em direção à Rua 3. Sendo assim, aqueles que percorrem a Rua 20 e chegam na Rua 3 de carro, viram todos no sentido da Alameda Botafogo. Provavelmente, percebo isso apenas nesse momento, pois sempre que venho a Rua 20 estaciono no Mercado, na Catedral ou venho no ônibus que desce a Av. Araguaia (como vim hoje). Fico me questionando qual foi o significado dessa escolha do sentido da via, mas para mim gera uma hierarquia de importância, colocando a Rua 3 como um eixo centralizador dessa

⁷⁷ Para ver a entrevista completa: Apêndice, Entrevista 4, p.138 desse trabalho.

região. Comento isso com uma das entrevistadas e ela me conta um fato interessante sobre o tráfego da rua.

A Rua 20 antigamente era mão dupla, hoje ela é mão única. Antigamente nela você podia subir e descer, entendeu. E agora ficou ruim, porque o trânsito ficou atrapalhado. Agora a pessoa tem que dar uma volta ali na rua 3 para subir a 20. Isso aconteceu lá pela década de 1960. Tem muitos anos.
⁷⁸

Nesse dia, converso com algumas pessoas sobre essa rua. E descobro que muitas delas não sabiam a extensão da Rua 20. Para eles, ela parava no encontro com a Av. Anhanguera e de lá seguia com outro nome, outra história e outras características. Isso fica claro na fala de uma das pessoas que aceitou falar comigo nesse dia.

Pergunta: Qual a sua principal memória sobre essa rua? E como essa memória te afeta? RESPOSTA: Acredito que seja as extremidades dessa rua: tanto no encontro com a Av Anhanguera, quanto à Catedral na rua 10. Os dois são pontos de barzinhos e comércio, que fizeram parte da paisagem onde passei todos os dias a caminho do trabalho. Mas o interior dela parece ser voltado para os moradores dos prédios mais novos que construíram lá.⁷⁹

Nesse momento, mostro em um mapa a extensão da Rua 20 e pergunto se ela tem mais memórias a compartilhar. Ela pensa e se lembra de um dos bares que abriu nos últimos anos na região, no final da Rua 20, quase no encontro com a Av. Paranaíba. Ela nos descreve perdidas em memórias:

Também tem um lugarzinho chamado “Tô bar”. Sempre achei que ele ficava em outra rua, mas descobri hoje, vendo com você no mapa a extensão da Rua 20, que lá também faz parte dessa rua. É uma casa reformada em barzinho, um charme com mesas de madeira no quintal, e música acolhedora[...]. Conversas nostálgicas, um cardápio bem diferente com pratos vegetarianos, e roupas coloridas compondo um cenário bem divertido. E as pessoas ficam na rua também pra dançar, conversar, meio que integram aquele ponto à vivência do lugar.⁸⁰

Seguindo o meu trajeto chego no encontro da Rua 20 com a Av. Anhanguera. Nesse lugar há uma edificação importante, e já citada neste trabalho, que é a antiga

⁷⁸ Para ver a entrevista completa: Apêndice, Entrevista 6, p.146 desse trabalho.

⁷⁹ Para ver a entrevista completa: Apêndice, Entrevista 1, p.129 desse trabalho.

⁸⁰ Para ver a entrevista completa: Apêndice, Entrevista 1, p.129 desse trabalho.

Casa *Berquó*. Hoje funciona nela uma loja de móveis (Figura 62). Alguns detalhes em sua fachada, como os ornamentos em relevo na platibanda, permanecem existentes. No entanto, devido à escolha de pintura toda branca de seu ocupante atual, e a enorme placa vermelha que chama toda atenção de quem passa por esse local, pouco se percebe das suas características originais.

Figura 62: Loja de móveis localizada na antiga Casa Berquó em 2025.



Fonte: Letícia Ribeiro, 2025.

Em frente a ela, encontra-se uma drogaria. Ela funciona em uma edificação de 3 andares. Esse edifício, chamado prédio José Costa, localizado no número 775, parece ter grandes salas comerciais no andar superior – como pode ser observado na placa de aluga-se. Ele possui características do *Art Déco*. No entanto, encontra-se em um estágio inicial de degradação – como pode ser observado na figura 63, necessitando, assim, de uma reforma para preservar e proteger essa edificação. E isso fica explícito nesta região. Alguns dos entrevistados interpretam esse fato como um reflexo do descaso quanto à história da cidade. Ou seja, como apontado por eles e evidenciado por esse trabalho, “não há uma grande proteção patrimonial”. Existe, na verdade, muita descaracterização de fachadas. Os edifícios que abrigam serviços

comerciais não são considerados em sua carga histórica para projetos de fachadas.⁸¹

Nessas duas quadras da Rua é possível ver várias lojas com sobrelojas. Parte delas permaneceram desocupadas por um longo período desde a pandemia, mas no início de 2024 voltaram a ser ocupadas e a ter novos usos. Nas imagens 58 e 59 é possível ver esse processo. Em 2023, na minha primeira visita oficial voltada para a pesquisa, lojas como a presente na figura 64 eram bastante comuns. Agora há bem menos lojas vazias. E hoje o mesmo local está ocupado (Figura 65).

Figura 63: Edifício José Costa, número 755 na rua 20.



Fonte: Letícia Ribeiro, 2025.

⁸¹ Para ver a entrevista completa: Apêndice, Entrevista 3, p.135 desse trabalho.

Figura 64: Loja fechada e sem utilização em 2023.



Fonte: Letícia Ribeiro, 2023.

Figura 65: Novo uso inaugurado em 2024 (mesma localização da Figura 64).



Fonte: Letícia Ribeiro, 2024.

Caminhando, chego no ponto que para mim é um dos maiores símbolos de permanência nessa segunda parte da Rua: A praça Antônio Lisita. Essa praça fica no encontro da Rua 20 com a Av. Araguaia e nela encontram-se edifícios residenciais e hotéis. Dois deles se fazem presentes na dinâmica do local desde a década de 60 (Figura 66). O edifício Mariani, local do hotel Dom Bosco, e o Hotel Araguaia, possuem em suas fachadas características do *Art Déco*, com os frisos evidenciados e elementos retos. Eles também seguem o formato da quadra como pode ser visto abaixo (Figura 66).

Para os habitantes da região eles são um marco temporal, que esteve presente na memória desde sua infância até os dias de hoje. Para um visitante, eles remetem à fotos antigas, dando margem para a imaginação do que poderia ter acontecido nesse hotel, que parece ter saído de um filme dos anos 50. Para mim, ele é um marco de resistência em uma região que teve tantas mudanças, mas que permaneceram não apenas existentes, mas com suas características presentes e com o seu uso original.

Figura 66: Praça Antônio Lisita 1960-2018.



Fonte: Goiânia, hoje e ontem⁸², 2024.

Em frente ao hotel Araguaia, vejo o *Augustus Hotel Plaza In*. Ele é um hotel com características mais modernas e se torna um contraste na paisagem com os dois hotéis mais antigos. Atravesso a praça, que hoje tem um formato diferente a antigamente (veja a figura 66). Ela não tem mais a forma circular central e sim semáforos que controlam o trânsito. Além disso, a praça é dividida em quatro partes.

⁸² Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=2156997294503108&set=pb.100069980796491.-2207520000> Acessado em: 05/08/2024.

A primeira parte é um espaço elevado cimentado com um busto que acredito ser o Antônio Lisita da praça – não vejo nome ou placa em seu pedestal. A segunda parte é um triângulo com um pouco de grama e 3 coqueiros baixos. A terceira parte é um triângulo elevado de asfalto onde está instalada a sinalização da Av. Araguaia. O quarto, e mais interessante deles é o que fica em frente ao hotel Araguaia e ao *Augustus* Hotel. Passo por ele, e observo que é bem arborizado. Ele possui 7 árvores grandes que fazem sombra no local, dando um alívio para o calor que estou sentindo devido à caminhada de hoje. Nela há 2 bancos de concreto e também floreiras que rodeiam essas árvores. Vejo pessoas sentadas conversando (Figura 67). É o primeiro local que encontro pessoas além da loteria e lojistas encostados na porta de suas lojas esperando clientes.

Figura 67: Praça Antônio Lisita em 2025.



Fonte: Letícia Ribeiro, 2024.

Fico sentada ali conversando e observando a paisagem. Depois de um tempo, atravesso completamente a praça e entro novamente na Rua 20. Além dos prédios citados acima, vejo o Paineiras *Flat* Residencial, que completa o conjunto da praça. Ele tem tijolinhos aparentes e detalhes em mostarda. Em frente a ele e ao

seu lado, encontram-se grandes estacionamentos. Essa região permanece sendo predominantemente comercial. No entanto, observo que nessas duas últimas quadras da Rua 20, a grande maioria das edificações são casas que foram transformadas para abrigar usos comerciais. Um que fica nessa região e que foi comentado por dois entrevistados foi o Tô Bar, como um reflexo da nova vida noturna da região central.

Nos primeiros anos, o centro tinha movimento apenas em horários comerciais. E nesses horários, era extremamente cheio. Antes da pandemia, outros movimentos surgiram, como restaurantes e bares na região (O Tô Bar, na rua 20, é um desses estabelecimentos e o mesmo se encontra aberto atualmente), e depois da pandemia, esses e outros serviços fora do horário comercial continuaram a crescer. Nos dias atuais existe uma quantidade considerável de restaurantes e bares que possuem horário de funcionamento noturno em comparação com 10 anos atrás. Já o movimento comercial continua e com grande fluxo, todavia, não tão grande em comparação a 10 anos atrás. [...] o aumento de estabelecimentos abertos no período noturno aumentou significativamente a segurança do centro.⁸³

E essa não foi a única observação apresentada pelos entrevistados. Eles observaram uma diminuição da existência patrimonial com o crescimento do número de novas construções na região. Além disso, relataram a diminuição da arborização dessa Rua. Em um primeiro momento, vi essa diminuição como um reflexo do uso das duas partes da Rua 20, no entanto conversando com os moradores, percebi que as transformações dessa parte da rua estão mais avançadas, com menos conservação patrimonial e conseqüentemente, com menos preservação dos exemplares da vegetação, fazendo assim uma transformação mais profunda da paisagem.

[...] Essas mudanças trazem um sentimento agridoce. [...] A parte boa das mudanças, é a modernização do centro e principalmente, os novos estabelecimentos que estão vindo pro centro, sendo abertos e trazendo maior vitalidade, principalmente à noite, para as ruas. [...] E a parte negativa é a negligência e destruição dos centros históricos, além do aumento das pessoas em situação de rua. Então assim, tem que chegar numa balança aí com o desenvolvimento, buscar ter um equilíbrio.⁸⁴

Quando questionados sobre o que eles veem de proteção patrimonial nessa região, tanto moradores quanto usuários, dizem quase de forma unânime que não existe uma proteção. Abaixo estão alguns dos apontamentos realizados nas

⁸³ Para ver a entrevista completa: Apêndice, Entrevista 3, p.135 desse trabalho.

⁸⁴ Para ver a entrevista completa: Apêndice, Entrevista 4, p.138 desse trabalho.

entrevistas para esse trabalho e como os entrevistados veem que deveria ser o tratamento do patrimônio, tanto institucionalmente quanto pelos moradores e usuários da região. Isso pode ser observado também em reportagens e textos escritos sobre a Rua 20.

Já percebi que embora os edifícios sejam históricos, não há cuidado e manutenção. Culturalmente também percebo que a comunidade não sabe ou não conhece a historicidade deste bairro, e dessa rua. Deveria ser melhor divulgado e apreciado.⁸⁵

A discussão acerca da preservação do patrimônio histórico no centro de Goiânia, é polêmica desde a primeira vez que ouvi sobre o assunto. Como adaptar para não perder o uso, mas sem danificar a essência e a paisagem do local? Mas uma coisa eu tenho certeza, o arquiteto ou urbanista que opta por desfazer de uma dessas fachadas da paisagem histórica, definitivamente não vivenciou ou caminhou pelo local. Pois aqueles que constroem sua vivência da cidade, acabam criando um carinho, uma relação com o lugar. Mesmo com a transformação da cidade, muitos trechos do centro, no geral, estão sendo transformados pelo mercado imobiliário e pelo comércio. O centro de Goiânia já nasceu patrimônio, como era de costume em muitos edifícios em meados dos séculos XX, e depois ganhou vida com o cotidiano. Ainda que os tempos mudem, alguns desses pontos merecem um pouco mais de sensibilidade na hora de preservar ou reformar.⁸⁶

Sinto que é necessário que o centro se torne um espaço mais vivo, com mais usos. Mas também acho importante preservar a identidade do centro, o que é contrário à ideia da verticalização. Pra mim, acho que as casas antigas deveriam ser valorizadas. Um bom jeito, seria talvez buscar implantar novos usos, talvez comerciais, como bares, restaurantes, cafés, lojas, nessas casas. E que esses comércios utilizassem a estética antiga como uma forma de atrair os seus consumidores. Assim, mais pessoas iriam ter contato com a história do centro e esses locais teriam novos usos.⁸⁷

Na verdade não vejo proteção patrimonial da rua e nem no centro no geral. O que vejo é que tem muita descaracterização das fachadas dos prédios antigos e muita destruição de casas antigas que estão sendo vendidas para construtoras. E dos outros prédios históricos não vejo nenhuma proteção, eu vejo apenas que colocam fachadas comerciais na frente, ou não reformam ou não tem nenhum tipo de manutenção. Essa é a minha perspectiva como moradora.⁸⁸

Ademais, como discutido por Silva (2006) “os moradores do Centro ali residem há muitos anos e estão ali por tradição e é uma população com poder aquisitivo mais baixo. As construções, muitas bastante significativas arquitetonicamente estão sendo destruídas para dar lugar a estacionamentos sem qualquer qualidade arquitetônica” (Silva, 2006, p.178).

⁸⁵ Para ver a entrevista completa: Apêndice, Entrevista 5, p.143 desse trabalho.

⁸⁶ Para ver a entrevista completa: Apêndice, Entrevista 1, p.129 desse trabalho.

⁸⁷ Para ver a entrevista completa: Apêndice, Entrevista 2, p.133 desse trabalho.

⁸⁸ Para ver a entrevista completa: Apêndice, Entrevista 4, p.138 desse trabalho.

Chego na última quadra da Rua 20. Na quadra anterior passei por 2 predinhos de apartamento, com 7 andares, que contrastam com as casas antigas transformadas em ambientes de serviço e comércio. Esse padrão também se repete nessa quadra. Do meu lado esquerdo, vejo um prédio residencial de múltiplos pavimentos – a partir da visão da rua ele deve ter uns 17 pavimentos, e provavelmente, era o edifício mais alto da Rua 20 antes do *Katedral* e existe no local há mais de 15 anos, pelo que um senhor que estava passando no local me falou. Acredito que esse seja o prédio que vi no horizonte no início do meu trajeto de hoje. Já ao meu lado direito vejo um sobrado de 3 pavimentos e tijolinhos aparentes que possui lojas comerciais e do lado o Tô Bar – bar já citado anteriormente pelos frequentadores do centro (Figura 68).

Figura 68: Antiga casa modernista, atual To Bar em 2025.



Fonte: Letícia Ribeiro, 2024.

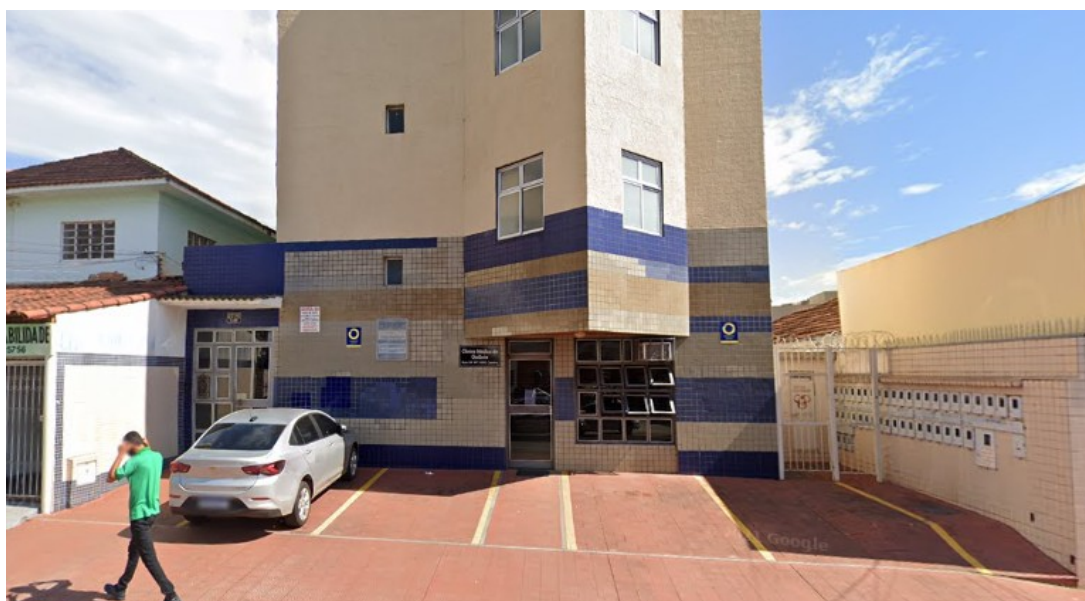
Nessa quadra encontro pela primeira vez locais com recuos laterais (pequenos mas existentes). O primeiro foi uma casa antiga convertida em espaço comercial (Figura 69). O segundo é uma clínica quase em frente, em que o recuo é apenas na parte da frente, ao fundo, esse espaço foi convertido para uma abrigar os resíduos hospitalares (Figura 70).

Figura 69: *Center Print*, Rua 20, quadra 56, lote 132, número 1094.



Fonte: Letícia Ribeiro, 2024.

Figura 70: Clínica Médica de Goiânia, na Rua 20, número 1095, em frente ao *Center Print*.



Fonte: Letícia Ribeiro, 2023.

Chego ao fim do meu trajeto ao chegar na Avenida Paranaíba. O sentimento que fica em mim é a tristeza de que muito do que tínhamos de história foi demolido, estão escondidos atrás de placas ou muros e o que isso significa para as futuras gerações. Nesse momento lembro de uma passagem da Carta de Veneza de 1964 que encontrei nas minhas pesquisas. Nela é definido o patrimônio como “portadoras de mensagem espiritual do passado, as obras monumentais de cada povo que

perduram no testemunho vivo das suas tradições seculares” (Carta de Veneza, 1964). Para ela, a humanidade deve estar cada vez mais consciente de seus valores e o patrimônio, visto como um bem comum que deve ser preservado para as futuras gerações e com isso “se reconhece solidariamente responsável por preservá-las, impondo a si mesma o dever de transmiti-las a plenitude de sua autenticidade” (Carta de Veneza, 1964).

No entanto, infelizmente não é essa a realidade que encontro. Terminei esse relato, com medo de que, com as transformações iniciadas no centro, e nessa rua, com a verticalização, demolições (Figura 71), permissão para estacionamentos, muito se perca e o conjunto da paisagem, a história dessa rua, permaneça existente apenas nas páginas escritas sobre ela e em fotografias antigas. Também terminei esse relato com a esperança de estar errada e que isso seja apenas um processo que traga novas ressignificações, que o patrimônio permaneça existente e no cotidiano dessa rua, contrastando com os novos usos, e que medidas de preservação sejam aplicadas junto com a conscientização dos usuários e habitantes locais.

Figura 71: Colagem de manchetes de jornais sobre as mudanças atuais no centro de Goiânia.⁸⁹ Registro da antiga casa do Dr. Benjamim Vieira na Rua 20 no final da década de 1930.



⁸⁹ Para saber mais: <https://opopular.com.br/cidades/imovel-antigo-e-demolido-na-rua-20-em-goiania-1.1591452>; <https://opopular.com.br/cidades/emendas-liberam-predios-em-areas-antes-proibidas-em-goiania-1.3151372>; <https://www.aredacao.com.br/noticias/29479/prefeitura-derruba-casa-historica-na-rua-20>; <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/centro-de-goiania-proposta-preve-isencao-de-iptu-por-15-anos-para-estacionamentos-verticais-e-horizontais-543229/>; <https://portalnoticiasgoias.com.br/setor-central-de-goiania-volta-a-receber-lancamentos-imobiliarios/>. Acessado em: 10/02/2025. Ver também anexo.

4. Considerações Finais

Os estilos que permearam o imaginário e a paisagem de Goiânia produziram marcos de memória e imagens mentais, que permitiram não apenas um reconhecimento do espaço, mas construíram uma identificação pessoal e coletiva com os seus habitantes. Assim, apesar da Rua 20 possuir símbolos arquitetônicos da sua fundação, devido às políticas implantadas e a falta de incentivo de preservação, muito desse patrimônio foi apagado da memória e do cotidiano dos habitantes ao serem demolidos. Isso se faz presente na fala dos habitantes e dos usuários, não apenas dessa rua, mas do centro de Goiânia, como pode ser percebido na fala abaixo.

Presenciamos a demolição de algumas casas históricas no centro. Em frente ao prédio Angelina – na Rua 24 – foram destruídas várias casas antigas. Aqui do lado de onde eu moro tiveram casas demolidas. Em frente à delegacia da mulher também. Eu vi casas sendo demolidas. Inclusive essa semana demoliram outras casas por lá. Então, assim, eu vejo que, não só exemplares históricos, mas muitas casas antigas, que tinham moradores que viviam a muito tempo nessas casas, foram vendidas e demolidas do dia pra noite por conta de construtoras. [...] Na rua 20 com a rua 10 teve casas demolidas também. O centro está cheio de terrenos abandonados, com mato crescendo. Alguns murados, outros não. É um local que está sofrendo muitas modificações e alguns lugares estão mais largados e outros são canteiros de obra. Mas até mesmo os que não estão sendo cuidados, um dia foram edificações antigas, que fizeram parte da história da cidade, foram demolidas e hoje é apenas um terreno vago esperando para que um novo prédio seja construído. Pelo menos é essa a sensação que passa para os moradores do centro.⁹⁰

Quando se fala de um sítio patrimonial ao longo do tempo, podemos dividir sua análise em: transformações, permanências e ressignificações. E nessas categorias não se inclui apenas o patrimônio edificado, mas também a vivência, os elementos da rua e o cotidiano de um local. Na Rua 20, fica claro que ocorreram transformações em sua paisagem e que a região em que há maiores modificações é a partir do encontro dessa rua com a Rua 3, sentido Av. Paranaíba. Muitas das características fundantes, como os afastamentos, os muros baixos, a conexão com a rua se perdeu ao longo dos anos. Atualmente, é visível que há pouco movimento na região, principalmente aos fins de semana. E mesmo quando tem movimento, a Rua 20 é mais vista como um local de passagem do que de permanência durante um

⁹⁰ Para ver a entrevista completa: Apêndice, Entrevista 4, p.138 desse trabalho.

longo período ou de forma frequente – a permanência nos espaços públicos é espontânea e geralmente decorrente de alguma espera.

Essas mudanças, não acontecem apenas na Rua 20. Elas podem ser observadas no centro como um todo. O setor central passou, e ainda passa, por um processo de degradação, e muitos moradores e usuários preferem outros bairros. Com isso, há uma diminuição do movimento das ruas, o que causa a sensação de insegurança. Um ponto relevante também é os muros, que modificam a relação entre as edificações e a rua, formando uma barreira visual, e assim gerando a perda dos olhos para a rua – elemento defendido por Jacobs (2007) e já citado como essencial para a segurança.

Por último, nesse elemento temos a substituição de casas históricas por edifícios multifamiliares. Esse não é um processo que acontece apenas na atualidade. O centro, e conseqüentemente a Rua 20, passou por um processo de verticalização entre as décadas de 1960 e 1980, e atualmente passa por uma nova reforma urbana – devido ao novo Plano Diretor como já citado – que permite a construção de grandes arranha-céus nesta região. Com isso, vemos cada vez mais casas históricas sendo demolidas, colocadas à venda e vendidas para grandes construtoras. E assim, o patrimônio material do centro da cidade é substituído aos poucos, o cotidiano alterado e a história se torna existente apenas em fotos e papéis.

Já em relação a permanências, percebe-se que o local em que há mais exemplares existentes e alguns preservados – com menos modificações – é entre a Rua 10 e a Rua 3. Nessa pesquisa, os pontos marcantes existentes foram as casas já citadas neste trabalho, como a casa de Colemar e a atual Justiça Federal, que permaneceram como exemplos edificados de resistência às transformações. Posto isso, percebe-se que, grande parte dos espaços de permanência, são espaços que atualmente são de caráter público.

No cotidiano, percebe-se que apesar de a rua não ser mais um local de longas permanências, alguns espaços públicos, como as praças, ainda são locais de encontros e boas conversas entre os habitantes e usuários deste local. Outro ponto relevante é em relação a atmosfera interiorana presente, próxima à região da Catedral e nas praças da Rua 20. O sentimento que passa é que é uma rua

tranquila, segura, fresca e arborizada (apesar de estar, ao longo dos anos, diminuindo o número de árvores, elas ainda são um destaque dessa rua). É um local em que vizinhos se cumprimentam, que o dono dos estabelecimentos já sabe o seu pedido de sempre se você é um freguês frequente e que, devido aos vários usos, grande parte da demanda pode ser resolvido próximo do local e a pé.

Por último, um elemento histórico, porém não edificado, de resistência que foi possível encontrar na pesquisa, e que felizmente permanece no local, é o Mogno. Essa árvore participou da história da Faculdade de Direito, foi plantada nos anos 50 como uma forma de protesto contra o desmatamento da Amazônia e que, ao longo de sua vida já uniu muitas figuras relevantes – como Mauro Borges Teixeira – moradores e goianienses em sua defesa quando há ameaças de retirá-lo do local⁹¹.

Dentre as camadas da paisagem também é possível observar ressignificações e a sobreposição de usos na Rua 20. Esses espaços permanecem existentes, presentes não apenas na memória, mas no dia a dia dos usuários da rua, mas foram ressignificados. Em relação a sobreposição, o principal exemplo é a Praça XI que, atualmente, além de um espaço de encontro, também é um espaço comercial devido à lanchonete que foi inserida no local.

O primeiro exemplo é a antiga Faculdade de Direito, que inicialmente foi a residência do Dr Benjamin Vieira, depois se tornou a sede provisória do governo, Escola Normal junto com a faculdade e por último – e uso atual – tornou-se a Justiça Federal. Outro exemplo de institucionalização importante é a casa de Colemar Natal e Silva, que já foi casa, mas que se tornou a sede da AGL. No entanto, existem casas que fazem parte da história, como os edifícios onde atualmente é o Bar do Gaúcho e o Tô Bar, em que o novo uso permitiu a preservação e existência do patrimônio.

Nas caminhadas realizadas e na pesquisa deste trabalho foi possível encontrar as memórias de várias gerações, as histórias e os marcos – materiais e imateriais – que fazem parte da paisagem. Além disso, foi possível perceber que os espaços que fazem parte do cotidiano da sua população “configuram rastros de referências práticas e simbólicas” (Rocha; Eckert, 2013, p. 21) que geram reconhecimento e conexão. E apesar do descaso político, do tombamento pouco

⁹¹Ver anexo 10.

efetivo – devido a falta de conexão com a população, sendo considerado, assim, um tombamento apenas no papel – e do incentivo para novas construções, ainda é possível encontrar alguns exemplares dos primeiros anos dessa rua.

Ademais, abrange-se aqui como consequências dessas transformações: a degradação ambiental, com a perda da biodiversidade – muitas árvores sendo retiradas para abrir espaço para novas construções e para venda da madeira (anexo 10) – e a existência de terrenos abandonados – muitas vezes com mato e detritos em seu interior; perda de reconhecimento espacial; redução da qualidade de vida – devido à insegurança, poucos espaços de convivência e menos visibilidade entre a rua e as edificações; e a alteração na percepção cultural da rua, uma vez que, cada vez mais, utiliza-se do patrimônio remanescente como propaganda de venda das novas edificações, mas não há uma proteção e divulgação do valor histórico das antigas construções dessa rua. A Rua 20, assim, nesse cenário, entra como um demonstrativo, dessa realidade que pode ser encontrada no Setor Central como um todo.

Por fim, espera-se que os produtos dessa pesquisa (o mapeamento, os relatos, as entrevistas e os registros iconográficos do período de 2023 à 2025) acompanhado de outras pesquisas realizadas no centro, a partir do estudo da paisagem, auxiliem nas decisões para futuras intervenções na Rua 20, podendo ser utilizados como uma leitura histórica do patrimônio e do cotidiano dessa rua no período de tempo abordado aqui. A partir desse, espera-se também que as futuras intervenções tenham como base a preservação e valorização do patrimônio, a partir do incentivo por habitar essas edificações com novos usos, da conscientização – ao inserir a população na tomada de decisões, a educação patrimonial e criação de programas e eventos culturais que conecte a paisagem histórica à população – e a criação de mais espaços de convivência urbana, uma vez que, esses espaços geram maior utilização das ruas, conexão entre o usuário e o espaço e preservação do patrimônio a partir da criação do espaço de afeto, e como consequência, gerando uma maior segurança para esse local.

Referências:

AB'SABER, Aziz. **Os Domínios da Natureza no Brasil**. Potencialidades Paisagísticas, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ALVARES, Geraldo Teixeira. **A luta na epopeia de Goiânia**. Uma obra da engenharia nacional. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica do Jornal do Brasil, 1942.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

ARANTES, Otília. **Uma estratégia fatal: A cultura nas novas gestões urbanas**. In: ARANTES, Otília; MARICATO, Ermínia; VAINER, Carlos. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 11-75, 2000. Disponível em:

<https://privatizacaodarua.reporterbrasil.org.br/dadosabertos/bibliografia/A%20cidade%20do%20pensamento%20único%20-%20Otília%20Arantes,%20Carlos%20Vainer,%20Ermínia%20Maricato.pdf>. Acesso em: 27/06/2023.

ARANTES, Otília B. F. **Berlim e Barcelona – Duas Imagens Estratégicas**. São Paulo: 2011.

AUGÉ, M. **Não Lugares Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 2 ed. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2001.

BERQUE, Augustin. **Território e pessoa: a identidade humana**. Rio de Janeiro, Desigualdades & Diversidade: Revista de Ciências Sociais da PUC- Rio, n.6, 2010. Disponível em: [http://desigualdadediversidade.soc.puc-rio..br/cgi/cgilua.exe/sys/start.html?infoid=92&sid=14](http://desigualdadediversidade.soc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.html?infoid=92&sid=14) (out, 2019). Acesso em: 24/01/2024.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BRESCIANI, Maria Stella. **Cidade, cidadania e imaginário**. In: PESAVENTO, Sandraj Atahy; de SOUZA, Célia Ferraz (orgs). **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. São Paulo: UFRGS Editora, p. 13- 20, 2008.

CACCIARI, Massimo. **La ciudad**. Barcelona: Editora GG. 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/36310941/La_Ciudad_Massimo_Cacciari. Acesso em: 28/11/2023.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Henri Lefebvre: o espaço, a cidade e o “direito à cidade”**. Revista Direito e Práxis. [online], v. 11, n. 01, p. 349-369, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2020/48199>. Acesso em: 27 de abr. de 2023.

CARSALADE, Flávio L. **Área central: um olhar a partir do patrimônio cultural**. Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 79-92, 2010.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Editora G. Gilli, 2013.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

Crampton, J.; Krygier, J. An introduction to critical cartography. In: **ACME: An International E-Journal for Critical Geographies**, p. 11-33, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/267513560_Uma_introducao_a_cartografia_critica Acessado em: 27/11/2023.

CULLEN, Gordan. **A paisagem urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

CAIXETA, Eline Maria Mora Pereira; MENDONÇA, Dafne Marques de. **Arquitetura residencial em Goiânia: décadas de 1930 a 1970**. Goiânia: Iphan, 2021.

CRAMPTON, J.; KRYGIER, J. **An introduction to critical cartography**. In: **ACME: An International E Journal for Critical Geographies**, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/267513560_Uma_introducao_a_cartografia_critica Acessado em: 27/11/2023.

DAMÁSIO, Ana Clara. **“Olho de Parente” e o “Olho Estranho”:** **Considerações etnográficas sobre Viver, Olhar, Ouvir, Escrever e Permanecer**. Novos Debates, v. 7, n. 1, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.48006/2358-0097-7103>. Acesso em: 24/11/2022.

DAHER, Tania. **Goiânia, uma utopia europeia no Brasil**. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2012.

D’ ARC, Hélène Rivière. **Imaginários, classes médias e mercado**. In: d’ARC, Hélène Rivière; MEMOLI, Maurizio. **Intervenções Urbanas na América Latina: viver no centro das cidades**. São Paulo: Senac, p. 295-306, 2012.

DUARTE, Mirela; DOS SANTOS, Luisa Acioli. **Pensar a paisagem**. Pernambuco: Laboratório da paisagem UFPE, 2020.

ECKERT, Cornélia. O que não esquecemos? Tudo aquilo que temos razões para recomeçar. In: POSSANI, Zita Rosane; ORTIZ, Vitor. **Cidade e memória na globalização**. Porto Alegre: Editorial da Secretaria Municipal de Cultura, 2002.

ÉLIS, Bernardo. **Obra reunida: Bernardo Élis**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

FERRARA, Lucrécia D'alessi. **Cidade: Imagem e imaginário**. In: PESAVENTO, Sandraj Atahy; SOUZA, Célia Ferraz (orgs). *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. São Paulo: UFRGS Editora, p. 193-201, 2008.

FROTA FILHO, Hugo Walter; GALLI, Ubirajara. **Rua 20, centro, Goiânia – Goiás: a maternidade do urbanismo goianiense**. Goiânia: Kelps, 2020.

GONÇALVES, A. R. **Goiânia: uma modernidade possível**. Brasília, DF: Editora UFG, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. São Paulo, Perspectiva, 2013.

GRUPOQUATRO. **PROJETO GOIÂNIA 21 – Operação Centro – Segunda Etapa**. Goiânia: Instituto de Planejamento Municipal da Prefeitura de Goiânia, 1998.

GUERRA, Maria Manuela Pose. **Eficiência urbana: fluxos para o comércio e tempo para o pedestre**. São Paulo: Dissertação de mestrado – FAU USP, 2015.

HALL, Stuart. O papel da Representação. In: HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio: Apicuri, p. 31-138, 2016.

HARVEY, David. O direito à cidade. In: HARVEY, David. **Cidades rebeldes**. São Paulo: Martins Fontes, p. 27-66, 2014.

HIERNAUX, Daniel. Os imaginários e os lugares na reconquista do centro histórico da Cidade do México. In: d'ARC, Hélène Rivière; MEMOLI, Maurizio. **Intervenções Urbanas na América Latina: viver no centro das cidades**. São Paulo: Senac, p. 55-68, 2012.

HOLSTON, James. Segregando a cidade. In: HOLSTON, James. **Cidadania insurgente: disjunção da democracia e da modernidade no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 197–261, 2013.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

JACQUES, Paola B. Pensar por montagens. In: JACQUES, Paola B., PEREIRA, Margareth da Silva (Orgs.). **Nebulosas do pensamento urbanístico: Tomo I - Modos de pensar**. Salvador: EdUFBA, p. 208-231, 2018.

JAMESON, F. **Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1991.

JAYO, Martin. **Cidade palimpsesto: A tragédia urbana do Largo do Paissandu revela um painel publicitário esquecido**. São Paulo: Vitruvius, 2018. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/drops/18.128/6972>. Acesso em: 28/10/2024 às 20:53.

JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro, RJ: Casa da Palavra, p.15-32, 2005.

LEITÃO, Lúcia. **Onde coisas e homens se encontram: cidade, arquitetura e subjetividade**. São Paulo: Annablume, 2014.

LEPETIT, Bernard. É possível uma hermenêutica urbana?. In: LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana**. São Paulo: EDUSP, p. 137-153, 2001.

LEFBVRE, Henry. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LEMOS, Cássio Fernandes; Oliveira, Andreia Machado. **Mapeamento, processo, conexões: a cartográfica como metodologia de pesquisa**. Pelotas – RS: Revista Paralelo31 [online], ed.08, p. 40-50, jul. 2017.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira; MACHADO, Laís Aparecida (Orgs.). **Formas e tempos da cidade**. Goiânia, GO: Canone Editorial, Ed. UCG, 2007.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo, SP: Martins fontes, 2006.

MAHLER, Christine Ramos; SILVA, Ciro A. de O. Conceitos, estilos e formas arquitetônicas. In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; MACHADO, Laís Aparecida Machado (Org.). **Formas e tempos da cidade**. Goiânia: Cãnone Editorial; Ed. UCG, p. 109-124, 2007.

MANSO, C. F. A. **Goiânia Art Déco: acervo arquitetônico e urbanístico dossiê de tombamento.** Goiânia, GO: SEPLAN, 2004.

MANSO, C. F. A. **Goiânia: uma concepção urbana, moderna e contemporânea: um certo olhar.** Goiânia, GO: Prefeitura de Goiânia, 2001.

MANSO, Celina Fernandes Almeida. **Goiânia Art Déco: acervo arquitetônico e urbanístico. Dossiê de tombamento.** Goiânia: Casa Brasil de Cultura, 2010.

MELLO, Márcia Metran de; VAZ, Adriana. Cidade e memória: entre o desejo e o afeto. **Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: arquivos, memórias, afetos.** Goiânia, GO: UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2015. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2015.GT1_adriavaz.pdf. Acesso em: 04 set. 2022.

MELLO, Márcia Metran de. **Moderno e modernismo: a arquitetura dos 2 primeiros fluxos desenvolvimentistas de Goiânia – 1933 a 1950/1950 a 1964.** São Paulo: USP, 1996.

MOURA, Ana Amélia de Paula. **Arquitetura residencial em Goiânia (1935 – 1940): a modernidade revelada.** Brasília: dissertação de mestrado UnB, 2011.

MEMOLI, Maurício. Centros históricos: ideias e políticas. In: d'ARC, Hélène Rivière; MEMOLI, Maurizio. **Intervenções Urbanas na América Latina: viver no centro das cidades.** São Paulo: Senac, p. 307-315, 2012.

MESQUITA, A. **Sobre mapas e segredos abertos.** PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, Belo Horizonte, p. 116–137, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15449>. Acesso em: 15 ago. 2023.

MESQUITA, André. Counter-Cartographies – The Insurrection of Maps. In: Kollektiv Orangotango (eds.: Halder, S. et. al). **This Is Not an Atlas: A Global Collection of Counter-Cartographies.** Transcript, Social and Cultural Geography, v. 26, 2018.

MONTEIRO, Ofélia Sócrates de Nascimento. **Como nasceu Goiânia.** São Paulo: Revista dos tribunais, 1938.

MORENO, Vladimir. **La calle: Espacio geográfico y vivencia urbana en Santa Fe de Bogotá.** *Alcaldía Mayor de Bogotá*: 1998. Disponível em: <http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/todaslasartes/artesani/calle/presen>.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever.** *Revista de antropologia*, v. 39, n. 01, p. 13-37, 1996.

OLIVEIRA, Simone Borges Camargo. **Arquitetura moderna na paisagem cultural de Goiânia identidade e preservação.** In: 3º Colóquio ibero-americano paisagem cultural, patrimônio e projeto desafios e perspectivas. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6348585-Arquitetura-moderna-na-paisagem-cultural-de-goiania-identidade-e-preservacao.html>. Acesso em: 04 set. 2022.

OLIVEIRA, Eliezer Cardoso De; MENDONÇA, Jales Guedes Coelho; CHAUL, Nasr Fayad; JAIME, Nilson. **Goiânia, 90 anos.** Goiânia, GO: Edições Goiânia +300, 2024.

PALLASMAA, Juhani. A Imagem da Arquitetura. In: PALLASMAA, Juhani. **A imagem corporificada: imaginário e imaginação na arquitetura.** Porto Alegre: Bookman, p. 119-139, 2013.

PEIRANO, Marisa. A favor da Etnografia. In: PEIRANO, Marisa. **A favor da Etnografia.** Editora Relume-Dumará, Rio de Janeiro, p. 31-58, 1985.

PEDONE, Jaqueline VielCaberlon. **O espírito eclético.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura). UFRGS, 2002.

PEREIRA, Débora da Silva. **Mapa Mental do Centro de Goiânia-GO: um olhar a partir das mudanças visuais do espaço Geográfico.** XIV ENANPEGE. Tocantins, 2021. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/enanpege/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV154_MD1_SA107_ID204215112021165733.pdf. Acessado em: 18/02/2024.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro.** Porto Alegre: Ed. Universidade /UFRGS, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre o patrimônio urbano no Brasil. In: d'ARC, Hélène Rivière; MEMOLI, Maurizio. **Intervenções Urbanas na América Latina: viver no centro das cidades.** São Paulo: Senac, p. 23-38, 2012.

ROCHA, Ana Luíza Carvalho da; ECKERT, Cornélia (Orgs.). **Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, p. 21-49, 2013.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2001.

SANTOS, R. E. **Disputas cartográficas e lutas sociais: sobre representação espacial e jogos de poder**. Bogotá: XII Coloquio de Geocritica, 2012.

SILVA, Ciro Augusto de Oliveira. **Revitalização e preservação do patrimônio arquitetônico e urbanístico do centro de Goiânia**. Goiânia: dissertação de mestrado PUC, 2006.

SOJA, Edward W. Seis Discursos sobre la Postmetrópolis. In: RAMOS, Ángel Martín. (org.) **Lo Urbano en 20 Autores Contemporáneos**. Barcelona: Edicions UPC, p. 91-98, 2004.

SOUZA, Célia Ferraz. Construindo o espaço da representação ou o urbanismo de representação. In: PESAVENTO, Sandraj Atahy; SOUZA, Célia Ferraz (orgs). **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. São Paulo: UFRGS Editora, p. 107-122, 2008.

SCHWARZ, Lília M. **Tempo, historicidade e história ou a falta dela**. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 47, n. 2, p. 123-136, jun. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0486641X2013000200012. Acesso em: 04 maio 2023.

SPERLING, D. **Você(não) está aqui: convergências no campo ampliado das práticas cartográficas**. Belo Horizonte - MG: Indisciplinar / EA-UFGM, v.2, n.2, p. 77-92, 2016.

INTERNATIONAL COUNCIL ON MONUMENTS AND SITES. **Carta de Veneza**. Veneza: ICOMOS, 1964. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>.

TAVARES, Flávio. **Afinal, o que é uma rua?**. Vitruvius, 2020. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/20.240/7744>. Acesso em: 30 de dez. 2024.

TELES, J. M. **A cidade do Ócio**. Goiânia: Pronto Editora Gráfica, 2012.

TELES, J. M. **Crônicas de Goiânia**. Goiânia: Editora Kelps, 2005.

VALVA, M. D. **A Permanência e a transformação das cidades. Goiânia E O Tombamento De Seu Traçado Viário**. Revista Espacios, v. 38, n. 16, 2017. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a17v38n16/17381615.html>. Acesso em: 04 out. 2022.

VARGAS, H. C.; CASTILHO, A. L. H. Intervenções em Centros Urbanos – Objetivos, Estratégias e Resultados. In: VARGAS, H. C.; CASTILHO, A. L. H. (orgs.). **Intervenções em Centros Urbanos – Objetivos, Estratégias e Resultados**. Barueri, SP: Manole, p. 1- 60, 2009.

VARGAS, L. G. C.; MELLO, M. M. **A utilização de ornamentos do movimento Art Déco, em fachadas na cidade de Anápolis, GO**. Goiânia: Anais do Seminário Internacional de Arquitetura, Tecnologia e Projeto – Forma Urbana: Rupturas e Continuidades, v. 1, n. 1, 2014.

VASCONCELLOS, L. M.; MELLO, M. C. F. RE: atrás de, depois de... . In: VARGAS, H. C.; CASTILHO, A. L. H. (orgs.). **Intervenções em Centros Urbanos – Objetivos, Estratégias e Resultados**. Barueri, SP: Manole, p. 61-74, 2009.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: Edson de Oliveira Nunes (Org.). **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 113-132, 1978.

VERA, Fabrício. **Adensamento urbano: o fenômeno pode deixar Goiânia (mais) caótica**. Goiânia: Jornal Opção, 2023. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/reportagens/adensamento-urbano-o-fenomeno-pode-deixar-goiania-mais-caotica-531248/> Acesso em: 01 de dezembro de 2023.

VILARINHO, Luana Chaves. **Descentralização do centro de Goiânia (1950 1980)**. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 40, v. 2, p. 39 58, Jul./Dez. 2018. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/6046/4824>. Acesso em: 17 de maio de 2023.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O Imaginário**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

APÊNDICE:

ENTREVISTA 1:

Descrição do entrevistado: mulher, solteira, nascida em Goiânia, mas atualmente mora no interior, branca, 27 anos, professora universitária e frequentadora do centro.

Onde mora: Jataí – GO.

1. Você mora nessa rua? Se sim, há quanto tempo vive nela?

RESPOSTA: Não moro na rua 20, mas uma amiga próxima mora no Centro, então conheço a região de andar por ela.

2. Você trabalha nessa rua? Se sim, com o quê?

RESPOSTA: não trabalho

3. Como era, no passado, a paisagem dessa rua? Do que você lembra?

RESPOSTA: Lembro da paisagem do centro no geral, casas de estilos variados de meados de século XX, chamando a atenção principalmente pelo *Art Déco*. Blocos de prédios massudos em cores pastéis, e apartamentos com varandas, ao lado de comércios locais como lanchonetes e lojas de atacado.

4. Qual a sua principal memória sobre essa rua? E como essa memória te afeta?

RESPOSTA: Acredito que seja o que eu acreditava ser as extremidades dessa rua: tanto no encontro com a Av Anhanguera, quanto à Catedral na rua 10. Os dois são pontos de barzinhos e comércio, que fazem parte da paisagem onde passei todos os dias a caminho do trabalho. Mas o interior dela parece ser voltado para os moradores dos prédios mais novos que construíram lá. Também tem um lugarzinho chamado “Tô Bar”. Sempre achei que ele ficava em outra rua, mas descobri hoje, vendo com você no mapa a extensão da Rua 20, que lá também faz parte dessa rua. É uma casa reformada em barzinho, um charme com mesas de madeira no quintal, e música acolhedora. O dono é um antigo professor da UEG, portanto sempre que vou lá encontro antigos amigos da faculdade, novos colegas e muitas vezes alguns alunos. Conversas nostálgicas, um cardápio bem diferente com pratos vegetarianos, e roupas coloridas compondo um cenário bem divertido. E as pessoas ficam na rua também pra dançar, conversar, meio que integram aquele ponto à vivência do lugar.

5. Existe algum ponto marcante/edifício nessa rua que faz parte da sua história ou da sua família?

RESPOSTA: Acredito que o edifício mais marcante é a Catedral na Rua 10, que sempre despertou curiosidade e admiração quando passava lá. A torre podia ser vista várias ruas depois, então era um ponto de referência na cidade.

6. Durante a passagem do tempo, anos, meses e estações, o que mais te chama atenção das modificações diárias do cotidiano da Rua 20?

RESPOSTA: Acredito que sempre acharei estranho ver prédios novos, com portarias de vidro, garagens, e multicâmeras de segurança, no centro de Goiânia. E na Rua 20 não é diferente. O próprio conceito do centro remete aos edifícios *Art Déco*, às fachadas pastéis, às vendinhas de moradores que estão aqui desde a construção da cidade. O contato direto com o povo, os eventos de rua. Em alguns trechos, a Rua 20 atualmente parece ter sido recortada do Marista ou do Bueno.

7. Quais os principais locais que você frequenta nessa Rua? De que maneira você, sua família, amigos, vizinhos e/ou as pessoas que moravam próximo vivenciam/vivenciaram essa rua?

RESPOSTA: Por mais que tenha lembrança de ir com meus amigos naquele bar que eu descrevi, sempre pensei na Rua 20 como um marco de passagem na cidade. Apesar de sempre admirar a Catedral enquanto passava lá rumo ao trabalho, nunca parei pra de fato entrar. E o ponto onde ela cruza a Anhanguera é também um marco de onde estou na cidade.

8. Você sabe ou se lembra de alguma reforma urbana que ocorreram no centro ou Rua 20 que afetou a paisagem ou a vivência/cotidiano dessa rua? Se sim, quando e como foi para você?

RESPOSTA: Não acompanhei de perto nenhuma reforma.

9. Você possui alguma fotografia que registra, de alguma forma, como era a sua rua ou o seu bairro no passado ou nos últimos anos? Se sim, você pode fornecer uma cópia para esta pesquisa?

RESPOSTA: Infelizmente não tenho fotografia da rua, mas tenho uma no Tô Bar, numa mesa com as meninas e o professor Chapadeiro.

10. Como você vê a proteção patrimonial dos edifícios históricos dessa rua?

RESPOSTA: A discussão acerca da preservação do patrimônio histórico no centro de Goiânia, é polêmica desde a primeira vez que ouvi sobre o assunto. Como adaptar para não perder o uso, mas sem danificar a essência e a paisagem do local? Mas uma coisa eu tenho certeza, o arquiteto ou urbanista que opta por desfazer de uma dessas fachadas da paisagem histórica, definitivamente não

vivenciou ou caminhou pelo local. Pois aqueles que constroem sua vivência da cidade, acabam criando um carinho, uma relação com o lugar. Mesmo com a transformação da cidade, muitos trechos do centro, no geral, estão sendo transformados pelo mercado imobiliário e pelo comércio. O centro de Goiânia já nasceu patrimônio, como era de costume em muitos edifícios em meados dos séculos XX, e depois ganhou vida com o cotidiano. Ainda que os tempos mudem, alguns desses pontos merecem um pouco mais de sensibilidade na hora de preservar ou reformar.

11. Você ou sua família presenciaram, no passado, a demolição ou substituição de algum exemplar histórico nessa rua ou no bairro?

RESPOSTA: Não me lembro de presenciar presencialmente nada em específico na Rua 20 ou no centro. Apenas o que já vi em revistas e jornais.

12. Você conhece a história da Rua 20? Se sim, compartilhe um pouco do seu conhecimento para o trabalho.

RESPOSTA: Conheço pelo que você me falou do seu trabalho, de ser a primeira rua residencial de Goiânia, e abrigar casas com estilos arquitetônicos diversos, famosos das primeiras décadas do século XX.

13. Você sabia que a Rua 20 foi a primeira rua de Goiânia a se formar como uma paisagem urbana e foi um apoio essencial para a construção de Goiânia? Essa informação o deixa surpreso?

RESPOSTA: A primeira vez que eu ouvi foi com a sua pesquisa. Apesar de ser no centro da cidade, ela não é tão próxima à Praça Cívica, que era onde eu imaginei que se formaria uma paisagem urbana mais característica.

14. Quais sentimentos estar nessa rua desperta em você?

RESPOSTA: Curiosidade, depois de acompanhar sua pesquisa.

15. O que significa para você, seus familiares e amigos/conhecidos a mudança que vem ocorrendo nos últimos anos nessa rua?

RESPOSTA: O centro está mudando. A cidade é um organismo vivo, está em constante transformação, e Goiânia é relativamente nova. Mas realmente a mudança dos edifícios *Art Déco* e modernistas na paisagem do centro, acredito que seja uma perda da essência inicial da cidade.

16. Você tem algum relato em específico sobre essa rua para acrescentar? Se sim, fale também como você se sente ao falar sobre isso.

RESPOSTA: Nada além do que eu já contei.

17. Você possui alguma fotografia que registra, de alguma forma, a sua experiência na Rua 20? Se sim, você pode fornecer uma cópia para esta pesquisa?

RESPOSTA: Não tenho.

ENTREVISTA 2:

Descrição do entrevistado: Homem, solteiro, goianiense, branco, arquiteto, 28 anos, usuário do centro.

Local onde mora: em outro bairro em Goiânia.

1. Você mora nessa rua? Se sim, há quanto tempo vive nela?

RESPOSTA: Não.

2. Você trabalha nessa rua? Se sim, com o quê?

RESPOSTA: Não.

3. Qual a sua principal memória sobre essa rua? E como essa memória te afeta?

RESPOSTA: Me lembro de passear e tirar algumas fotos. Sinto que foi um dia tranquilo, mas o local estava bem vazio. O local tinha vários carros estacionados, mas poucas pessoas no local. Era um dia ensolarado. A Rua 20 me passa a sensação de ser uma rua residencial do interior, calma, tranquila e segura. Acho que é uma das ruas mais seguras do centro.

4. Você sabe ou se lembra de alguma reforma urbana que ocorreram no bairro ou Rua 20 que afetou a paisagem ou a vivência/cotidiano do centro? Se sim, quando e como foi?

RESPOSTA: Não conheço muito o centro, não me lembro das reformas, mas observo que no geral as casas unifamiliares do centro, principalmente, as antigas, estão sendo demolidas ao longo dos anos.

5. Como você vê a proteção patrimonial dos edifícios históricos dessa rua e do centro de Goiânia?

Resposta: Acho muito importante a preservação das construções, pois elas formam a identidade do centro. No momento o centro passa a impressão para mim de querer apagar o passado e substituir por novas construções.

6. Você ou sua família presenciaram, no passado, a demolição ou substituição de algum exemplar histórico nessa rua ou no bairro?

RESPOSTA: Não me lembro de assistir presencialmente essas demolições nessa rua, mas eu sei que em frente à Catedral tinha casas antigas, me lembro vagamente delas, e foram demolidas para construir um prédio de alto padrão no local. E a casa nessa quadra que ainda existe, em uma visita anterior estava com placa de venda, apesar de no dia de hoje não ter mais, não sei se foi vendida, mas se foi, é possível que foi para o empreendimento e com isso a cidade terá mais uma perda.

7. Você conhece a história da Rua 20? Se sim, compartilhe um pouco do seu conhecimento para o trabalho.

RESPOSTA: Não conheço a história.

8. Você sabia que a Rua 20 foi a primeira rua de Goiânia a se formar como uma paisagem urbana e foi um apoio essencial para a construção de Goiânia? Essa informação o deixa surpreso?

RESPOSTA: Não sabia. Sim, me surpreende.

9. Você possui alguma fotografia que registra, de alguma forma, como era a sua rua ou o seu bairro no passado ou nos últimos anos? Se sim, você pode fornecer uma cópia para esta pesquisa?

RESPOSTA: Infelizmente não tenho mais as fotos daquele dia.

10. Quais sentimentos estar nessa rua desperta em você?

RESPOSTA: Despertam um sentimento de curiosidade, algo relacionado a entender a história do local. Tem muitas casas antigas e gostaria de saber mais sobre como elas eram no passado e o que se perdeu.

11. O que você sabe e o que impacta para você, seus familiares e amigos/conhecidos a mudança que vem ocorrendo nos últimos anos nessa rua e no centro da cidade? Como você avalia as modificações (pontos negativos e positivos) e principalmente o processo de verticalização?

RESPOSTA: Sinto que é necessário que o centro se torne um espaço mais vivo, com mais usos. Mas também acho importante preservar a identidade do centro, o que é contrário à ideia da verticalização. Pra mim, acho que as casas antigas deveriam ser valorizadas. Um bom jeito, seria talvez buscar implantar novos usos, talvez comerciais, como bares, restaurantes, cafés, lojas, nessas casas. E que esses comércios utilizassem da estética antiga como uma forma de atrair os seus consumidores. Assim, mais pessoas iriam ter contato com a história do centro e esses locais teriam novos usos.

12. Você tem algum relato em específico sobre essa rua para acrescentar? Se sim, fale também como você se sente ao falar sobre isso.

RESPOSTA: Nada além do que eu já contei.

13. Você possui alguma fotografia que registra, de alguma forma, a sua experiência atual na Rua 20? Se sim, você pode fornecer uma cópia para esta pesquisa?

RESPOSTA: Não tenho.

ENTREVISTA 3:

Descrição do entrevistado: Mulher, casada, goianiense, negra, musicista, moradora do centro.

Local onde mora: Rua 6 – Centro de Goiânia.

1. Você mora na rua 20? Se sim, há quanto tempo vive nela?

RESPOSTA: Não, moro na Rua 6. Fica a 500 metros da Rua 20.

2. Você mora no centro? Se sim, há quanto tempo vive ali?

RESPOSTA: Sim, moro na Rua 6 há cerca de 10 anos.

3. Como era, no passado, a paisagem dessa rua ou do bairro? Do que você lembra? Qual a sua principal memória dessa rua ou do centro? E como essa memória te afeta?

RESPOSTA: Nos primeiros anos, o centro tinha movimento apenas em horários comerciais. E nesses horários, era extremamente cheio. Antes da pandemia, outros movimentos surgiram, como restaurantes e bares na região (O Tô Bar, na Rua 20, é um desses estabelecimentos e o mesmo se encontra aberto atualmente), e depois da pandemia, esses e outros serviços fora do horário comercial continuaram a crescer. Nos dias atuais existe uma quantidade considerável de restaurantes e bares que possuem horário de funcionamento noturno em comparação com 10 anos atrás. Já o movimento comercial continua e com grande fluxo, todavia, não tão grande em comparação a 10 anos atrás. Para mim como moradora, a redução de movimento no horário comercial não teve impacto. Já o aumento de estabelecimentos abertos no período noturno aumentou significativamente a segurança do centro.

4. Existe algum ponto marcante/edifício nessa rua e/ou no bairro que faz parte da sua história ou da sua família?

RESPOSTA: Como moradora de um edifício sem garagem, o edifício em que moro e o Parthenon Center são os edifícios que têm maior destaque para mim. Além deles, as ruas principais (Av. Paranaíba, Av. Anhanguera, Rua 10, entre outras) são de suma importância para setorização pessoal e para direcionar outras pessoas. A Rua 20 é facilmente utilizada como referência de conexão entre ruas principais e situação de edifícios como o Sesc Centro da Rua 19, o Mercado Central da Rua 3, pontos de alimentação como as sanduicherias da Rua 10, o Tô Bar e o Esquina Restaurante em pontos diferentes da Rua 20, com os quais tenho maior contato.

5. Durante a passagem do tempo, anos, meses e estações, o que mais te chama atenção das modificações diárias do cotidiano da Rua 20 e/ou do centro?

RESPOSTA: O sentimento de segurança que as pessoas adquirem ao conhecer o centro em contraste com o medo que as pessoas sentem quando não conhecem é um ponto que me chama a atenção ao longo de todo o tempo que moro no centro. Além disso, percebo que pessoas de todas as partes da cidade e de cidades vizinhas frequentam o centro. Algumas delas, que passaram por mim, procurando o Sesc Centro, o Edifício Villa Lobos e a Catedral.

6. Quais os principais locais que você frequenta nessa Rua? De que maneira você, sua família, amigos, vizinhos e/ou as pessoas que moravam próximo vivenciam/vivenciavam essa rua ou o bairro?

RESPOSTA: A Rua 20 para mim é referência de passagem com segurança e tranquilidade a pé, de bicicleta ou de carro. O entorno imediato dela é mais importante para mim, para família e amigos.

7. Você sabe ou se lembra de alguma reforma urbana que ocorreram no bairro ou Rua 20 que afetou a paisagem ou a vivência/cotidiano dessa rua? Se sim, quando e como foi para você?

RESPOSTA: Existe um edifício residencial sendo construído atualmente na Rua 20. Além dele, existem muitos outros edifícios residenciais que trazem um ar de maior tranquilidade para rua em relação a outras ruas que tem maior uso comercial.

8. Você possui alguma fotografia que registra, de alguma forma, como era a sua rua ou o seu bairro no passado? Se sim, você pode fornecer uma cópia para esta pesquisa?

RESPOSTA: Não tenho.

9. Como você vê a proteção patrimonial dos edifícios históricos dessa rua e do centro?

RESPOSTA: Não há uma grande proteção patrimonial. Existe, na verdade, muita descaracterização de fachadas. Os edifícios que abrigam serviços comerciais não são considerados em sua carga histórica para projetos de fachadas.

10. Você ou sua família presenciaram, no passado, a demolição ou substituição de algum exemplar histórico nessa rua ou no bairro?

RESPOSTA: Sim. Ao lado Bosque dos Buritis demoliram uma casa praticamente inteira para substituir por uma fachada contemporânea.

11. Você conhece a história da Rua 20? Se sim, compartilhe um pouco do seu conhecimento para o trabalho.

RESPOSTA: Não conheço a história da Rua 20.

12. Você sabia que a Rua 20 foi a primeira rua de Goiânia a se formar como uma paisagem urbana e foi um apoio essencial para a construção de Goiânia? Essa informação o deixa surpreso?

RESPOSTA: Eu não sabia. Fiquei surpresa sim.

13. Quais sentimentos estar nessa rua desperta em você?

RESPOSTA: Sentimento de tranquilidade e boa localização.

14. O que significa para você, seus familiares e amigos/conhecidos a mudança que vem ocorrendo nos últimos anos nessa rua e no centro?

RESPOSTA: Para o dia a dia de todos nós as mudanças estão sendo muito positivas. O centro já era uma excelente referência de boa localização para soluções utilitárias e o aumento do fluxo de comércios, serviços e moradores vem melhorando essa perspectiva.

15. Como você avalia essas modificações? Fale sobre os pontos positivos e/ou negativos.

RESPOSTA: Negativamente, a descaracterização histórica de alguns edifícios por falta de legislação e fiscalização apropriadas e positivamente, a retomada das residências por pessoas mais novas trazendo mais fluxo e uso para o centro, além do acréscimo de estabelecimentos funcionando durante a noite.

16. Você tem algum relato em específico sobre essa rua para acrescentar? Se sim, fale também como você se sente ao falar sobre isso.

RESPOSTA: Não tenho.

17. Você possui alguma fotografia que registra, de alguma forma, a sua experiência na Rua 20 dos últimos anos? Se sim, você pode fornecer uma cópia para esta pesquisa?

RESPOSTA: Não tenho.

ENTREVISTA 4:

Descrição do entrevistado: mulher, solteira, maranhense, branca, 28 anos, aluna de doutorado, moradora do centro.

Local onde mora: Rua 24, centro de Goiânia.

1. Você mora na rua 20? Se sim, há quanto tempo vive nela

RESPOSTA: Não, moro na Rua 24, que é uma rua que fica abaixo – paralelamente – a Rua 20.

2. Você mora no centro? Se sim, há quanto tempo vive ali?

RESPOSTA: Na Rua 24, eu moro aproximadamente a 9 anos. Mas no centro eu devo morar aqui a uns 11 ou 12 anos.

3. Como era, no passado, a paisagem dessa rua ou do bairro? Do que você lembra? Qual a sua principal memória dessa rua ou do centro? E como essa memória te afeta?

RESPOSTA: Antigamente a paisagem tinha muito mais casas. Atualmente, está tendo muito mais canteiros de obra e muitas casas históricas sendo derrubadas para construírem prédios maiores. Então, tinha mais casas e mais árvores, tanto na Rua 20 quanto na Rua 24. Mas a minha principal lembrança dessas ruas é o quanto elas eram arborizadas no passado e também em relação ao movimento. Antes ela era mais movimentada no horário comercial, mas recentemente ela está tendo uma vida noturna maior, devido aos barzinhos e restaurantes no centro. Eu lembro também que antigamente era mais seguro para andar. Acho que é isso. Era um lugar mais seguro, mais cheio de árvores, não tinha tanto estacionamento, canteiro de obra, são memórias boas e aconchegantes em relação à atualmente.

4. Existe algum ponto marcante/edifício nessa rua e/ou no bairro que faz parte da sua história ou da sua família?

RESPOSTA: Existem sim pontos importantes para mim e para a minha família, tanto na Rua 20 quanto no centro, que marcam a história da minha família. O Limas lanche, na Rua 20 com a Rua 15, que é um lugar que eu sempre frequentei muito com a minha irmã ali perto do SESC. O bar do Gaúcho, na Rua 20 com a Rua 21, que é um lugar que eu sempre tive o hábito de ir muito, ir lanchar um pastel ou comer no fim de semana, é um lugar que eu sempre frequentei muito. O Bolo do Sitio, que tem na Rua 20 com a Rua 03, perto da lotérica e do mercado central, é um lugar que sempre passo lá e compro bolo. No geral, tem muitos locais que me

marcam, mas na Rua 20 esses são os que me marcam e fazem parte do meu cotidiano.

5. Durante a passagem do tempo, anos, meses e estações, o que mais te chama atenção das modificações diárias do cotidiano da Rua 20 e/ou do centro?

RESPOSTA: O que mais me chama atenção nessas modificações do cotidiano da Rua 20 e do centro é a quantidade de moradores de rua que tem aumentado durante muitos anos. Principalmente, na Rua 20, na Rua 24 e na Alameda Botafogo tá tendo um grande número de moradores de rua vivendo ali. Então no centro, eu percebi que do tempo que eu estudava aqui, no centro também, há uns 10 anos atrás, no ensino médio, intensificou muito. Sobre modificação que mais me chamou atenção é essa questão dos moradores de rua e das modificações da paisagem, que tem muitas casas antigas sendo destruídas, construtoras comprando essas casas para fazer prédios maiores, mais modernos, arranha-céus mesmo. Na minha casa, em frente e ao lado do meu prédio, tem dois terrenos que foram comprados e estão sendo construídos novos prédios com mais de 20 andares.

6. Quais os principais locais que você frequenta nessa Rua? De que maneira você, sua família, amigos, vizinhos e/ou as pessoas que moravam próximo vivenciam/vivenciavam essa rua ou o bairro?

RESPOSTA: Os principais locais que eu frequento é o Bar do Gaúcho, local que sempre como pastel ou jantinha no fim do dia, Bolos do Sítio, Limas lanches, o Assado do pão, hamburgueria que abriu recentemente na Rua 20, que deu uma vida noturna naquele quarteirão maior. São locais que eu frequento muito. Até mesmo a Drogasil, ali no início da Rua 20, é um local que vou muito lá. E o encontro com a minha família e amigos, sempre foi muito no Bar do Gaúcho.

7. Você sabe ou se lembra de alguma reforma urbana que ocorreram no bairro ou Rua 20 que afetou a paisagem ou a vivência/cotidiano dessa rua? Se sim, quando e como foi para você?

RESPOSTA: Eu lembro da construção da *Katedral sky rooftop*, que fica ao lado da Drogasil, em frente a Catedral Metropolitana. Ele foi uma construção que chamou atenção desde o início, acho que foi um dos primeiros prédios novos a serem construídos aqui na Rua 20 e no centro, e agora ele já está finalizando. E eu vi que a construção desse edifício modificou um pouco a dinâmica da rua, até mesmo a questão dos moradores, questão do que achar dessa mudança, e ele foi o

pontapé inicial dessas construções. Em volta aqui do meu quarteirão estão sendo levantados vários outros prédios e tudo iniciou com o edifício *Katedral*.

8. Você possui alguma fotografia que registra, de alguma forma, como era a sua rua ou o seu bairro no passado? Se sim, você pode fornecer uma cópia para esta pesquisa?

RESPOSTA: Não possuo, infelizmente.

9. Como você vê a proteção patrimonial dos edifícios históricos dessa rua e do centro?

RESPOSTA: Na verdade não vejo proteção patrimonial da rua e nem no centro no geral. O que vejo é que tem muita descaracterização das fachadas dos prédios antigos e muita destruição de casas antigas que estão sendo vendidas para construtoras. E dos outros prédios históricos não vejo nenhuma proteção, eu vejo apenas que colocam fachadas comerciais na frente, ou não reformam ou não tem nenhum tipo de manutenção. Essa é a minha perspectiva como moradora.

10. Você ou sua família presenciaram, no passado, a demolição ou substituição de algum exemplar histórico nessa rua ou no bairro?

RESPOSTA: Presenciamos a demolição de algumas casas históricas no centro. Em frente ao prédio Angelina – na Rua 24 – foram destruídas várias casas antigas, aqui do lado de onde eu moro tiveram casas demolidas. Em frente à delegacia da mulher também. Eu vi casas sendo demolidas. Inclusive essa semana demoliram outras casas por lá. Então, assim, eu vejo que, não só exemplares históricos, mas muitas casas antigas, que tinham moradores que viviam a muito tempo nessas casas, foram vendidas e demolidas do dia pra noite por conta de construtoras.

11. Você conhece a história da Rua 20? Se sim, compartilhe um pouco do seu conhecimento para o trabalho.

RESPOSTA: Não, não conheço a história da Rua 20. O pouco que sei é que na Rua 20 com a Rua 15 tem uma casa histórica né, que é a Academia Goiana de Letras, a casa de Colemar Natal e Silva. Suponho que seja uma casa histórica, um prédio importante, pois sei que na Alameda Botafogo tem outras casas do Colemar. Acredito que tem muita história por trás, mas não conheço.

12. Você sabia que a Rua 20 foi a primeira rua de Goiânia a se formar como uma paisagem urbana e foi um apoio essencial para a construção de Goiânia? Essa informação o deixa surpreso?

RESPOSTA: Não sabia e fiquei muito surpresa com essa informação.

13. Quais sentimentos estar nessa rua desperta em você?

RESPOSTA: É uma rua que transmite tranquilidade. Gosto muito dela. É uma rua muito charmosa. Se eu pudesse mudar da Rua 24 para a Rua 20 eu mudaria, porque é uma rua muito iluminada, bonita, que tem muita coisa pra fazer nela, a noite e durante o dia. Então ela passa a sensação de tranquilidade, de opções e de ser bem localizada.

14. O que significa para você, seus familiares e amigos/conhecidos a mudança que vem ocorrendo nos últimos anos nessa rua e no centro?

RESPOSTA: Essas mudanças trazem um sentimento agridoce. Parte ruim é a piora da situação dos moradores de rua, mostrando e intensificando a falha estrutural que temos na nossa sociedade, e a questão dos centros e prédios históricos que parecem ser deixados de lado, alguns sendo abandonados. A parte boa das mudanças, é a modernização do centro e principalmente, os novos estabelecimentos que estão vindo pro centro, sendo abertos e trazendo maior vitalidade, principalmente à noite, para as ruas.

15. Como você avalia essas modificações? Fale sobre os pontos positivos e/ou negativos.

RESPOSTA: Como disse acima, de positivo temos a modernização, a vida noturna, novas opções de lazer no geral. E a parte negativa é a negligência e destruição dos centros históricos, além do aumento das pessoas em situação de rua. Então assim, tem que chegar numa balança aí com o desenvolvimento, buscar ter um equilíbrio.

16. Você tem algum relato em específico sobre essa rua para acrescentar? Se sim, fale também como você se sente ao falar sobre isso.

RESPOSTA: Eu vi que houve muitas mudanças ao longo dos anos, principalmente em relação às árvores como falei. Foram muitas árvores retiradas no centro, vários sentidos das ruas que antes iam para um lado foi pro outro – essa mudança atrapalhou algumas coisas e beneficiou outras. Eu moro na rua da delegacia da mulher, então tem essa questão da segurança, que essa delegacia traz pra gente que mora nessa rua ou nas ruas próximas. Teve o aumento da quantidade

de moradores de rua. Outra coisa que mais me chamou atenção nos últimos anos também é a destruição de tantas casas antigas para construções de novos prédios. Do lado da minha casa, na Rua 20 com a Rua 10, quase em frente à Delegacia da Mulher, teve casas demolidas também. O centro está cheio de terrenos abandonados, com mato crescendo. Alguns murados, outros não. É um local que está sofrendo muitas modificações e alguns lugares estão mais largados e outros são canteiros de obra. Mas até mesmo os que não estão sendo cuidados, um dia foram edificações antigas, que fizeram parte da história da cidade, foram demolidos e hoje é apenas um terreno vago esperando para que um novo prédio seja construído. Pelo menos é essa a sensação que passa para os moradores do centro.

17. Você possui alguma fotografia que registra, de alguma forma, a sua experiência na Rua 20 dos últimos anos? Se sim, você pode fornecer uma cópia para esta pesquisa?

RESPOSTA: Não, não possuo.

ENTREVISTA 5:

Descrição do entrevistado: Mulher, casada, nascida em Piracanjuba - GO, branca, 26 anos, estudante de doutorado.

Local onde mora: Rua 20, centro de Goiânia.

1. Você mora na rua 20? Se sim, há quanto tempo vive nela?

RESPOSTA: Sim, moro na Rua 20. Mudei-me para cá em junho de 2024.

2. Você mora no centro? Se sim, há quanto tempo vive ali?

RESPOSTA: Sim, desde junho moro no Edifício Kyalami.

3. Como era, no passado, a paisagem dessa rua ou do bairro? Do que você lembra? Qual a sua principal memória dessa rua ou do centro? E como essa memória te afeta?

RESPOSTA: Eu morava na região noroeste antes de me mudar para o centro, minha única conexão com o centro era comercial. Minha lembrança mais forte é dos sebos da Rua 4, e da avenida Goiás por causa do Banco do Brasil que eu frequentava. Eu tinha vontade de me mudar por estar próximo de tudo, e pelo Mercado Central que sempre foi uma memória marcante por causa de meu avô e minha mãe. Também me lembro que era mais perigoso e que não havia essa quantidade de moradores de rua.

4. Existe algum ponto marcante/edifício nessa rua e/ou no bairro que faz parte da sua história ou da sua família?

RESPOSTA: Sim, há alguns pontos marcantes. Como mencionei, eu e minha mãe íamos bastante aos sebos da Rua 4 quando eu era mais nova, para comprar livros para a escola e também livros literários. O Mercado Central é uma memória muito forte do meu avô, que sempre vinha pra cidade (ele é de Piracanjuba) e fazia compras. Claro, também não posso esquecer dos pit dogs da Rua 10 que sempre frequentei.

5. Durante a passagem do tempo, anos, meses e estações, o que mais te chama atenção das modificações diárias do cotidiano da Rua 20 e/ou do centro?

RESPOSTA: O sentimento de segurança que as pessoas adquirem ao conhecer o centro em contraste com o medo que as pessoas sentem quando não conhecem é um ponto que me chama a atenção ao longo de todo o tempo que moro no centro. Antes de me mudar pro centro, embora eu sempre quisesse, sempre

ouvira críticas com relação a segurança, barulho e etc. Depois que me mudei, minha percepção mudou bastante, me sinto segura, há muitos estabelecimentos abertos e segurança. As recentes (cerca de 10 anos) mudanças em relação ao transporte público e a abertura de novos estabelecimentos noturnos também trouxeram melhorias significativas.

6. Quais os principais locais que você frequenta nessa Rua? De que maneira você, sua família, amigos, vizinhos e/ou as pessoas que moravam próximo vivenciam/vivenciavam essa rua ou o bairro?

RESPOSTA: Minha maior lembrança antiga em relação a essa rua é em relação à Catedral. Como agora moro aqui, eu e agora minha família e amigos passamos a frequentar bastante a rua. O ponto mais frequentado é o Bar do Gaúcho II (Rua 20, esquina com a 21), há também Assado no pão, as drogarias.

7. Você sabe ou se lembra de alguma reforma urbana que ocorreram no bairro ou Rua 20 que afetou a paisagem ou a vivência/cotidiano dessa rua? Se sim, quando e como foi para você?

RESPOSTA: Somente o edifício que está sendo construído, o novo estabelecimento é Assado no Pão, uma hamburgueria nova que abriu.

8. Você possui alguma fotografia que registra, de alguma forma, como era a sua rua ou o seu bairro no passado? Se sim, você pode fornecer uma cópia para esta pesquisa?

RESPOSTA: Não tenho.

9. Como você vê a proteção patrimonial dos edifícios históricos dessa rua e do centro?

RESPOSTA: Já percebi que embora os edifícios sejam históricos, não há cuidado e manutenção. Culturalmente também percebo que a comunidade não sabe ou não conhece a historicidade deste bairro, e dessa rua. Deveria ser melhor divulgado e apreciado.

10. Você ou sua família presenciaram, no passado, a demolição ou substituição de algum exemplar histórico nessa rua ou no bairro?

RESPOSTA: Sim, já vi vários exemplos de descaracterização, mas não sei especificar.

11. Você conhece a história da Rua 20? Se sim, compartilhe um pouco do seu conhecimento para o trabalho.

RESPOSTA: Não conheço a história da Rua 20.

12. Você sabia que a Rua 20 foi a primeira rua de Goiânia a se formar como uma paisagem urbana e foi um apoio essencial para a construção de Goiânia? Essa informação o deixa surpreso?

RESPOSTA: Eu não sabia. Fiquei surpresa sim.

13. Quais sentimentos estar nessa rua desperta em você?

RESPOSTA: Eu me sinto segura, muito bem localizada e feliz. Queria morar aqui pra sempre, há atividades para pessoas de todas as idades.

14. O que significa para você, seus familiares e amigos/conhecidos a mudança que vem ocorrendo nos últimos anos nessa rua e no centro?

RESPOSTA: As mudanças estão sendo positivas, me sinto segura e com bastante opções de lazer/alimentação acessíveis.

15. Como você avalia essas modificações? Fale sobre os pontos positivos e/ou negativos.

RESPOSTA: Ainda há muitos moradores de rua que me incomodam, e embora seja relativamente seguro, não é uma boa ideia andar pelo centro longe de estabelecimentos após as 18.

16. Você tem algum relato em específico sobre essa rua para acrescentar? Se sim, fale também como você se sente ao falar sobre isso.

RESPOSTA: Não tenho.

17. Você possui alguma fotografia que registra, de alguma forma, a sua experiência na Rua 20 dos últimos anos? Se sim, você pode fornecer uma cópia para esta pesquisa?

RESPOSTA: Não tenho.

ENTREVISTA 6:

Descrição do entrevistado: viúva, goianiense, aposentada, ex professora de inglês, formada em psicologia e tem 79 anos.

Local onde mora: no Edifício Drogasil, na Rua 06.

1. Você mora na Rua 20?

RESPOSTA: Não.

2. Você mora no centro?

RESPOSTA: Sim. Sim.

3. E quanto tempo vive aqui?

RESPOSTA: Tem muitos anos. Morei no setor Aeroporto e no setor Sul também. Aqui no centro foi quando era criança e depois quando mudei para esse apartamento. Eu vim do setor do Setor Aeroporto para cá. Aqui nesse prédio tem mais de 30 que eu estou aqui.

4. Então, a senhora viu esse pedaço aqui ser construído mesmo?

RESPOSTA: Vi, antigamente era o mercado central, depois tirar o mercado e construir perto da 90. Antigamente era o mercado central. E esse pedaço aqui, chama de Edifício Drogasil, porque aqui embaixo tinha uma Drogasil, uma farmácia, chamava Drogasil. Então, o pedaço era chamado de Edifício Drogasil. Tinha salas comerciais, geralmente era só de médicos. Era só, assim, salas de médicos, dentistas, essas coisas assim. Com essas coisas, porque agora tem uns tipos de parâmetros, etc. Mudou bastante, né? De médicos para o vendedor que comprava ouro. Então, mudou demais. E os melhores médicos que tinha aqui em Goiânia era tudo aqui, porque esse aqui era o primeiro prédio que construiu por mais de 8 andares. É o primeiro de Goiânia. Foi aqui o Edifício Drogasil Não tinha nem um prédio. A gente foi primeiro.

5. Como era no passado a paisagem dessa rua ou do bairro? Do que a senhora lembra? Quais as suas memórias do centro, como essas memórias afetaram a senhora e se as mudanças afetou a vida da senhora?

RESPOSTA: Há uma maior lembrança minha. É que eu apresentava a Igreja de Coração de Maria, que é aqui no centro, na Avenida Paranaíba. O Mutirama que era uma mata, não tinha um Mutirama, era uma mata. E tinha um colégio que chamava, colégio. Eh, esqueci o nome. Era professor Múcio? O colégio que era atrás da igreja do Coração de Maria.

Esse colégio, ele mudou de nome?

Não, tirou tudo. Aquele perfeito que fez aquela passarela lá, tirou aquele lugar. Então lá ele chamava de colégio como que era mesmo gente? Ah, eu só sei que era

o colégio que chamava... do Professor Múcio. Meus meninos estudaram lá. Colégio, ah, como é que era o nome? Não estou conseguindo lembrar. Só sei que o diretor de lá chamava de Professor Múcio. Era um velho bravo esse professor Múcio que nossa senhora. E graças a ele, o meu marido parou de fumar. Porque... Toda vez que ele acabava a aula, ele fazia uma palestra com os alunos. Com os estudantes. Aí ele foi buscar a minha filha. Ela estudava lá e disse que falou assim. "O cigarro rouba a graça, todo encanto da beleza. Tocar tanto na fumaça é motivo de tristeza. Não deixe que a fumaça estrague a natureza." Aí chegou aqui com o pai dela e o pai dela nunca mais fumou.

Nossa, muito lindo! Qualquer um que eu ouvi isso, acho que para de fumar!

Resposta: Nessa época estávamos na Rua 60 aqui no centro. Meu pai morou a vida inteira ali na Rua 60, a continuação da Paranaíba. Em frente a uma Igreja Evangélica que tinha lá na época. Lá foi a primeira Assembleia de Deus no centro de Goiânia.

6. Existe algum ponto marcante na Rua 20 para a senhora?

RESPOSTA: A antiga casa do meu tio, que não existe mais. O hospital Maria Auxiliadora, lá na Rua 20. Minha tia teve os filhos dela tudo lá. E lá também foi onde morreu a minha sogra. É um hospital quase chegando na Catedral. E foi lá também que nasceu um dos meus netos. Ele nasceu dia 24 de dezembro. Ai deu dia 25 de dezembro, noite de Natal, os médicos sumiram tudo. Tinha ninguém. Ai o marido dela com medo, dela pega uma infecção ou sei lá de ficar lá sozinho, catou ela e o menino no colo e foram embora. Não pagou nem nada. Não tinha ninguém lá (me conta entre risos).

7. Durante a passagem do tempo, anos, meses e estações, o que mais te chama atenção das modificações diárias do cotidiano da Rua 20 e/ou do centro? Ou sobre o trânsito nesta rua? (comento com ela sobre apenas hoje ter observado o tráfego no cruzamento da Rua 20 com a Rua 3)

RESPOSTA: A Rua 20 antigamente era mão dupla, hoje ela é mão única. Antigamente nela você podia subir e descer entendeu. E agora ficou ruim, porque o trânsito ficou atrapalhado. Agora a pessoa tem que dar uma volta ali na Rua 3 para subir a 20. Isso aconteceu lá pela década de 1960. Tem muitos anos. Eu lembro que o primeiro prédio que foi construído também foi na esquina com a Rua 3 mais ou menos na década de 60 também. Era um prédio com mais de 8 andares. Antes disso era só casa, só residência. Tinha uns sobrados bonitos. Depois construíram uns prédios bem lá pra frente, perto da catedral. Eu lembro que tinha uma época que na região ali da Rua 10 e acima dela, onde hoje tem o Hospital Santa Helena, não tinha nada, só a Catedral. Dava pra ver ela de longe.

8. Você sabe ou se lembra de alguma reforma urbana que ocorreram no bairro ou Rua 20 que afetou a paisagem ou a vivência/cotidiano dessa rua? Se sim, quando e como foi para você?

RESPOSTA: Eu lembro que teve o primeiro prédio e depois foram construindo vários prédios lá perto da Catedral. No primeiro prédio de lá, o elevador vai até o sétimo andar, e pra ir pro oitavo tem que ir de escada. O último, que é o apartamento do zelador, o elevador não vai. O Mercado Central era aqui no lugar do Parthenon Center e depois construíram por lá, na Rua 3. Naquela época meu tio, Manuel dos Reis, era prefeito de Goiânia, e morava na Rua 20. Ele era irmão da minha mãe e foi ele que construiu a Praça Tamandaré. Ele foi prefeito na época que o Brasil ganhou a copa do mundo no México. Em frente a esse prédio – o prédio Drogasil – funcionava a Câmara dos Vereadores. Depois, derrubaram para construir esse prédio, o Chic Center. A obra ficou muito tempo embargada porque o edificio antigo era patrimônio de Goiânia.

9. Você possui alguma fotografia que registra, de alguma forma, como era a sua rua ou o seu bairro no passado? Se sim, você pode fornecer uma cópia para esta pesquisa?

RESPOSTA: Pior que não, meus meninos pegaram as fotos antigas todas e não sei nem o que eles fizeram.

10. Você ou sua família presenciaram, no passado, a demolição ou substituição de algum exemplar histórico nessa rua ou no bairro?

RESPOSTA: Eu vi o mercado. Tinha a loja do meu marido, que era aqui na esquina. A loja pegou fogo. É onde hoje é a Malu Calçados. Tinha a Padaria Siciliano também, que era um prédio antigo. Ela era mais famosa que a Tia Nair. A casa do meu tio na Rua 20. Tinha um chafariz em frente onde hoje é o Parthenon, na pracinha, que os cavalos paravam para beber água e tinha várias barraquinhas de madeira de vendedores em volta lá. Me disseram que eles tentaram reconstruir a uns anos o chafariz, que eles demoliram lá na época da construção do Parthenon, mas ainda não vi ele, não sei se ficou parecido. Depois que fiquei doente, não fui mais lá. Isso já tem uns anos.

11. Você conhece a história da Rua 20? Se sim, compartilhe um pouco do seu conhecimento para o trabalho

RESPOSTA: Só lembro da história desse prédio mesmo, o primeiro. E o hospital. E o irmão do vizinho da minha mãe morava nesse prédio. E a casa do meu tio, Manuel dos Reis, que ficava entre a Rua 10 e a Rua 3, na Rua 20. A casa era uma casa imensa, no fundo tinha a cozinha, no fundo tinha um monte de cachorro. Tinha o quarto dele, os quartos de hóspedes. Não lembro direito não, mas lembro que a cozinha era lá no fundo. E a gente passava por uma sala, depois tinha outra salinha do lado, depois a sala grande que tinha uma porta de vidro. Na Rua

Araguaia com a Rua 3 tinha um local importante pro centro também que era o Centro Cirúrgico. Hoje não existe mais. Uma vez minha sobrinha machucou nessa porta de vidro, a porta quebrou e a mão dela encheu de cacos. Quase decepou os dedinhos dela. Ficou tudo pendurado. Corri com ela da casa até o Centro Cirúrgico para um amigo do meu tio socorrer ela tadinha. Ela recuperou, ficou bem, fizeram uma mini plástica sei lá. Ah, meu tio era otorrinolaringologista e depois entrou para política. O consultório dele também era ali na Rua 3, mas em outro local. Ele cuidava dos meus meninos quando tinha dor de ouvido. E ele que arrumou pra mim substituir o meu pai, quando meu pai aposentou, lá no Lyceu.

12. Você sabia que a Rua 20 foi a primeira rua de Goiânia a se formar como uma paisagem urbana e foi um apoio essencial para a construção de Goiânia? Essa informação o deixa surpreso?

RESPOSTA: Ah sim. Eu lembro daquela região. Eu ia muito com meus sobrinhos pra pracinha na Rua 20, lá perto da 10. Eu tinha 10 anos e olhava os meninos, tomava conta deles. Meu tio tinha 6 filhos, eu os vi tudo nascer. Ninguém quis ser político. Mas alguns estudou Medicina. Esse meu tio se formou em Belo Horizonte e depois veio pra Goiânia. Ele gostava muito de mim, ele me deu uma boneca de presente quando veio pra cá. Ele trouxe um presente só pra mim (me conta rindo).

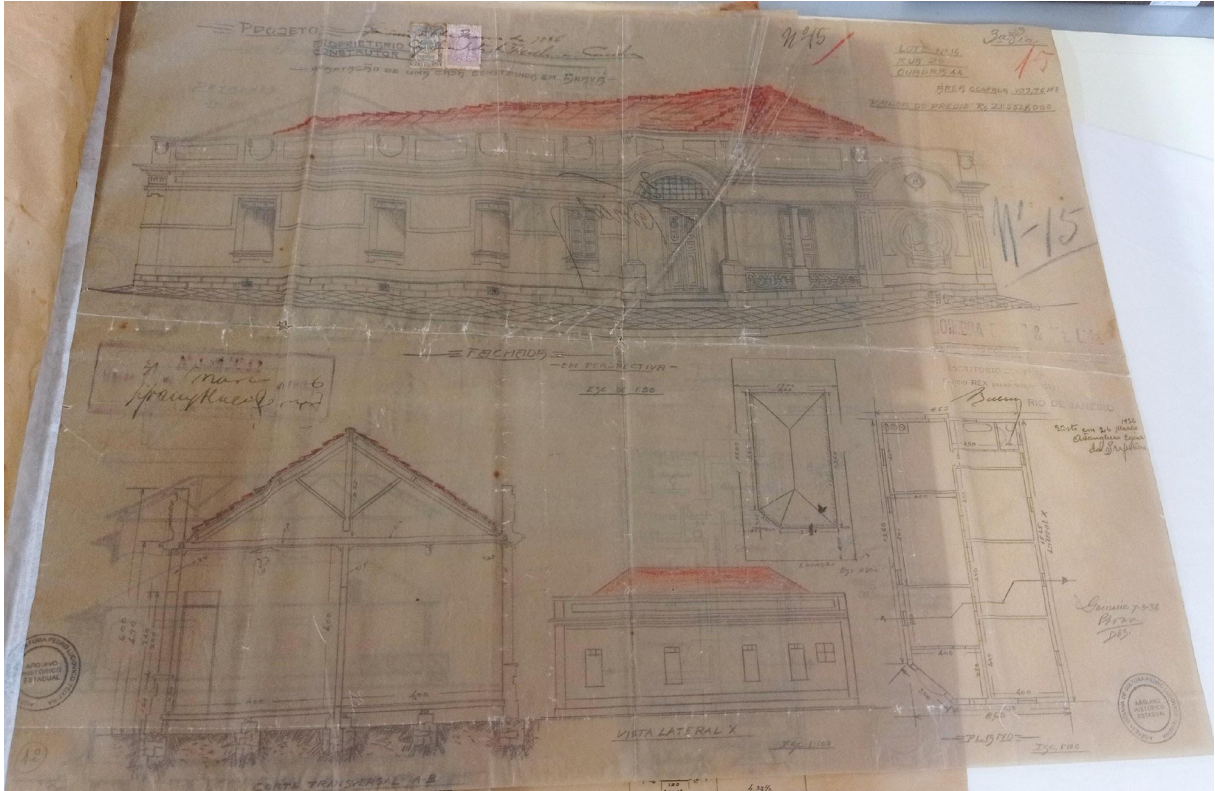
14. O que significa para você, seus familiares e amigos/conhecidos a mudança que vem ocorrendo nos últimos anos nessa rua e no centro? Foram positivas ou negativas?

RESPOSTA: As mudanças foram positivas, sempre penso de forma positiva, que nem o Salmo 91, vejo tudo como uma benção de Deus. Vou pedir pra Alexa rezar o Salmo 91 pra gente, que aí a gente encerra bem né, encerra rezando: Alexa Salmo 91 (Alexa reza por nós lendo o Salmo 91 e encerra a nossa entrevista).

ANEXOS:**Anexo 1:**

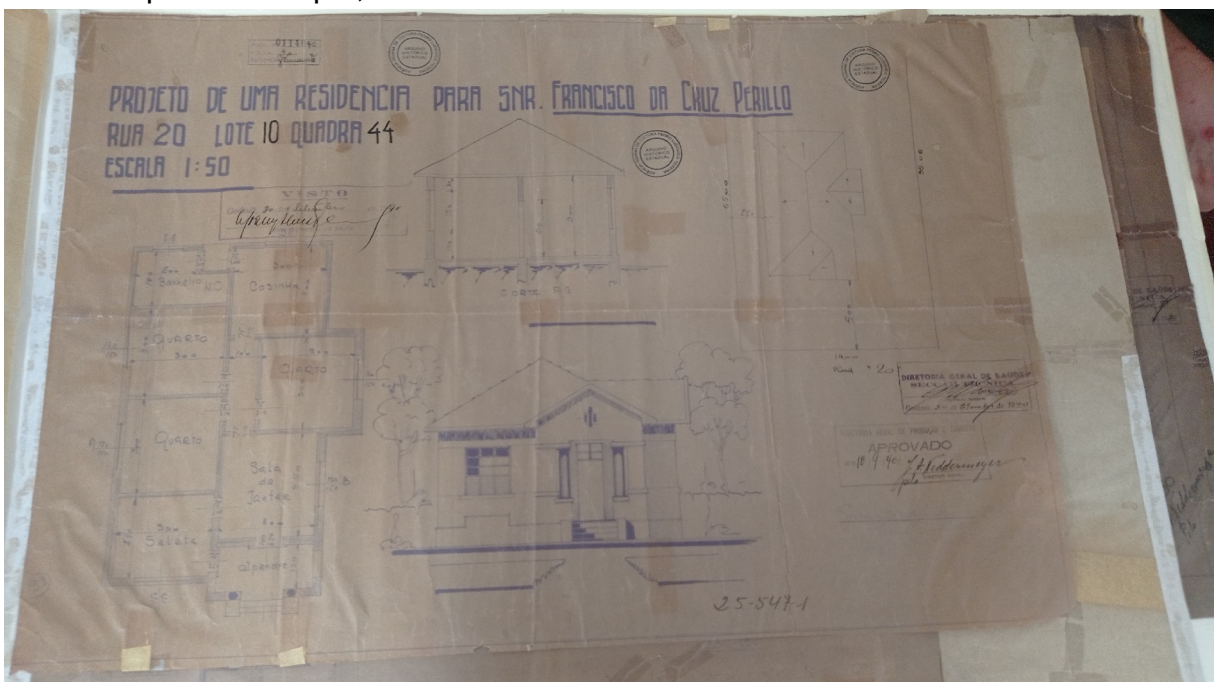
Legenda: Projeto de uma casa na Rua 20, Quadra 44 e Lote 16.

Fonte: Arquivo Municipal, 2023.

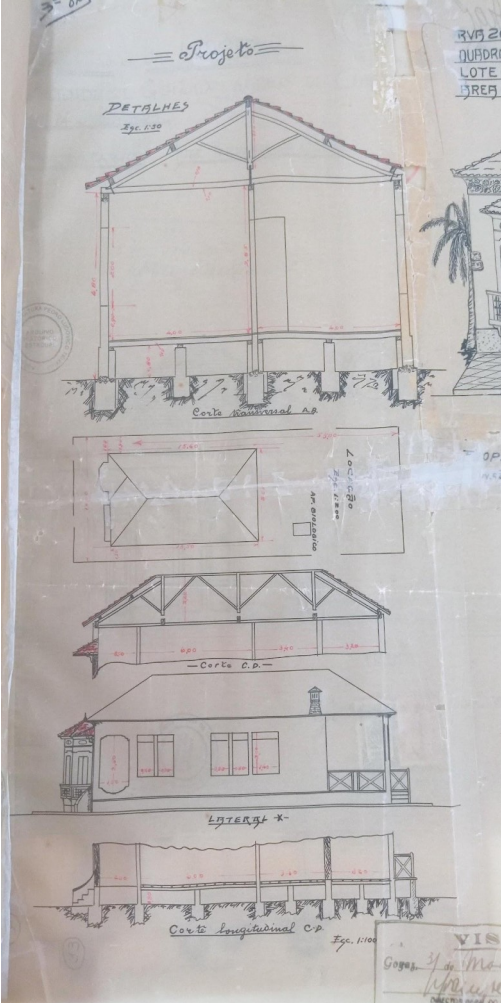
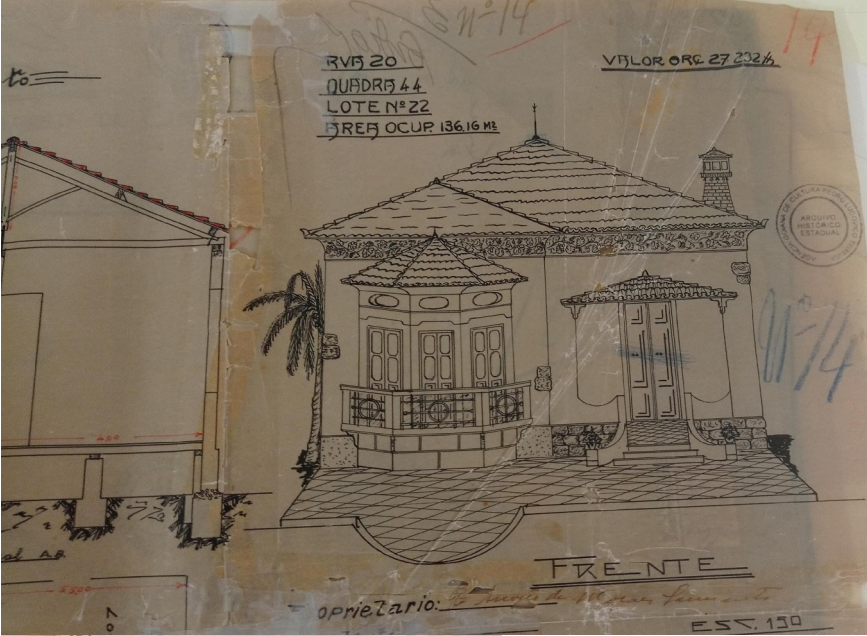


Legenda: Projeto de uma casa na Rua 20, Quadra 44 e Lote 10.

Fonte: Arquivo Municipal, 2023.



Legenda: Projeto de uma casa na Rua 20, Quadra 44 e Lote 22.
Fonte: Arquivo Municipal, 2023.



Anexo 2:

Legenda: Reportagem sobre o footing em Goiânia.
Fonte: SEPLAM, 2023.

mercado da rua 74 está sem praticamente nenhum movimento

CAUSOS DOS BAIRROS

Uma época de ouro onde o footing marcou os passos

Poucos talvez são os fatos que conseguiram marcar tanto a história das gerações de Goiânia de uma forma tão natural e espontânea como a época do **footing**, de meados de 1930 aos anos 50. Termo esse tomado emprestado ao inglês, não pronunciado e não compreensível para qualquer faixa de idade daquele período e que hoje volta a ser desconhecido da quase totalidade da população. Era na prática, um bloco de moças que ficava na rua de um lado e os rapazes do outro. Uma verdadeira vitrine de flertes.

Era uma coisa que em muitos momentos tinha de se segurar o coração quando os olhos descobriam o broto predileto, como hoje descrevem, com honra e nostalgia, alguns pioneiros e pioneiras desta cidade. Hoje seria, no mínimo, um ponto de partida para um "clima" bem erótico, uma ostentação dessas em praça pública, pois os jovens atuais não estão dispostos a seguir os passos de um tempo que andar de mãos dadas já era por si só uma ação de ousadia, onde os pais, muitos conservadores, exerciam forte influência em seus filhos para cumprir as determinações que escolhiam ou gostariam de ver concretizadas.

RUA SEIS


A sociedade goiana procurava romper com essas regras, ainda que sem forçar abertamente os conflitos de geração. O orgulho de estarem numa capital que estava nascendo, impelia a população a um estilo de vida menos arcaico e mais liberal. Eremita Araújo, dona Anita, agora com 72 anos, moradora à rua 74, no antigo Bairro Popular, era uma moça de estatura alta e ao seu tempo, motivo de muitas cobijas de rapazes. Vinda do interior paulista, ela conta que da rua 6 para baixo, isto é, até as imediações do córrego Botafogão era onde acontecia o footing.

Na esquina da rua 20 com a avenida Anhanguera e na rua 24, no extinto cine Santa Maria, onde quase na esquina da mesma Anhanguera tra-

balhava num salão de costura, ela recorda que estes eram locais de encontro dos casais de namorados. Era uma calma sem tamanho, acrescenta. "Quando a gente não encontrava ninguém que interessasse, nós, as moças, entrávamos no ônibus e íamos parar em Campinas", lugar que também tinha o "movimento de moças e rapazes", fala rindo.

Um fato pitoresco e até meio cômico que lembra entre satisfeita e chateada, foi quando de uma das vindas do então presidente Getúlio Vargas a Goiânia. Havia um churrasco nas margens do rio Meia Ponte, que era um importante balneário, e lá ela e uma amiga tiraram fotografias com Getúlio. Essa amiga para provar depois ao namorado por todos os meios que não estava em outros lances que não o churrasco, foi obrigada a levar a foto dela junto com Anita ao lado de Vargas para mostrar ao rapaz. Dona Anita, meio encabulada, conta que até hoje não recebeu a foto que guardava com o maior orgulho, pois era uma época em que os políticos estavam no pedestal e eram até ídolos. Por falar em ídolos, os artistas a que as meninas da década de 40 muito pediram autógrafos em Goiânia foram Francisco Alves, Quatro Ases e um Coringa, Alvarenga e Ranchinho e outros.

Dona Anita e as lembranças dos momentos da juventude em Goiânia nos anos 40



espera
o mer-

mo
do

cidente
sa. Por
rua 63
eram?
ainda
inter-
ias, no
de não
onteceu

S
Bairro
ra que
ntrevis-
e men-
e a es-
ou com
vomi-
bi feito
e nada
que o
claro.
les que
cápsula

orma é
anos,
aplo da
omento
ompras
opular.
ficou
o longo
lo apa-
de con-
parei de
ublinha
ação da
que visa

Anexo 3:

Legenda: Reportagem que mostra a Casa Berquó como um marco de Goiânia.

Fonte: Curta mais, 2024.⁹²

Retratos de uma época

Devoto ao aniversário de Goiânia, o clima fica ainda mais propício às recordações. Lembranças do início da Capital. Tempos difíceis, porém saudáveis. O jornal O POPULAR com seu Projeto Álbum tem resgatado um pouco dessa história que as câmeras fotográficas registraram. Especialmente os pioneiros a cidade têm muito a reviver e a contar. Embora fotografias fossem raras naquele tempo, algumas pessoas sentiam a importância de eternizar o começo da Capital e momentos vividos por seus precursores. Em 1930, a paixão por fotografias levou uma gente a montar um acervo. É o caso pai de Aluísio Berquó e Souza. Graças à sua adoração por fotos, sua filha pôde ir ao Centro de Documentação da Associação Jaime Câmara parte de sua coleção, posturas de uma história pouco notada.

Dona Aluísia doou 60 retratos que tem a arquitetura, os locais de lazer, estúdios mais famosos da então recém-fundada Goiânia. Segundo ela, seu pai foi dos primeiros a se aventurar nas tergoianenses. Saiu da antiga Vila (hoje Cidade de Goiás) trazendo consigo a esperança de ganhar a vida e ser empresário. Para isso ganhou um empurrãozinho do fundador Iro Ludovico que lhe presenteou com dois lotes, a título de incentivo. Até hoje a família mantém o presente - quase na quadra no centro da Cidade, que vai de rua 20 a Avenida Anhangüera.

"As fotos são muito importantes porque trazem recordações de uma época de ouro. Tempos em que a amizade, a vizinhança, os carnavais e as brincadeiras de rua eram pura emoção", diz Aluísia. O acervo que a família tem se divide entre Goiânia e Belo Horizonte, onde a mãe ainda guarda muita coisa. Conforme explica Aluísia, perto de sua casa tinha o diário H.B. "meu pai mandava tirar fotos de tudo. Acho que quando ele não andava fazer, comprava as que o fotógrafo da E.B tirava por conta própria."

Assim como a família Berquó, outras também tem montado sua coleção. Em alguns casos, as fotografias, ao passar para várias gerações, podem ter se perdido ou tornado incômodas para guardar. O Centro de Documentação da OJC tem grande interesse em recuperar essas pequenas peças que ajudam a montar o mosaico-cabeça da história de Goiânia. Tanto espaço e condições para



Construção da Agência de Correios e Telégrafos, em 1937



Casa Berquó, na Avenida Anhangüera; um dos primeiros estabelecimentos comerciais de Goiânia, na década de 30



A Rua 20, nos anos 30: cenário pacato de uma cidade em construção

to à toda a população da Cidade um patrimônio construído por poucos. Ao lembrar dos primeiros anos em Goiânia, não podemos deixar de mencionar muito piquenique atrás do Palácio das Esmeraldas (que na época era uma verdadeira floresta). Também visitávamos fazendas próximas, a pé nos arredores.

Anhangüera, que viu seu pai construir há mais de meio século. Ela frisa que conseguiu tudo originalmente, apenas a antiga Casa Berquó, comércio de seu pai na Anhangüera, deu a outro tipo de negócio, não mais tocado pela família.

Embora tenha visto seu sonho realizado, o chefe da família resolveu se transferir para Belo Horizonte. Lá também cresceu sua loja e aumentou a família. Mas a veia dos seis irmãos, Aluísio lamenta ter perdido três deles quando eram ainda bem pequenos, se enriqueceu também com a morte do pai e esclarece porque voltou a Goiânia. "Embora minha mãe e irmãs continuem na capital mineira, retornei porque a administração de negócios, antes feita por minha mãe, estava indo mal. Eu precisava tomar as rédeas desse negócio, caso contrário poderíamos perder tudo que meu pai construiu."

Dona Aluísia veio ao encontro de uma coisa nova para ela. Administrar bem da família não estava nos planos de ninguém que até então só mexia com música. Desde suas primeiras lições de piano com Hebe do Couto, em Goiânia, na paróquia de Santa Maria, ela se dedicou à sua arte em Belo Horizonte e em São Paulo, onde também morou por dois anos. Casada com o mineiro Darcy de Souza e Souza, mãe de três filhos e avó de um neto, ela se diz contente por ter voltado à cidade onde desfrutou tantos momentos bons. "Ver as fotos daquele tempo é aceitar um convite para passear por fontes luminosas da Praça Cívica, pela praça na Igreja Coração de Maria, pelas telas no Cine Teatro Goiânia, enfim, é encher de nostalgia. Por isso achei importante compartilhar isso com os outros conclui.



Cristina Cabral

⁹² Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=823327346676618&set=pb.100069980796491.-2207520000>. Acessado em: 28/12/2024

Anexo 4:

Legenda: Reportagem sobre a venda e demolição de imóveis no centro.
 Fonte: Arquivo Histórico de Goiânia, 2023.

Patrimônio histórico

Fotos: Benedito Braga

Moradores de antigas residências de Goiânia resistem em vender imóveis, preservando assim um patrimônio cada vez mais ameaçado na cidade

Rogério Borges

Restam poucos, potuquiesimos. De acordo com levantamentos realizados pela Prefeitura de Goiânia, após exigência do Ministério Público para que o inventário fosse feito, e pelo escritório goiano do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) - Goiás e UEG - eles somam cerca de 150 em toda a cidade (ver infográfico nas páginas 4 e 5). Imóveis antigos da capital, que contam e testemunham sua história desde a fundação, passando por uma profícua fase modernista, que resistem ainda de pé. Por quanto tempo, ninguém sabe. "O ritmo de destruição deste patrimônio está muito acelerado, sobretudo nos últimos cinco anos", alerta a arquiteta Beatriz Otto de Santana, coordenadora técnica do Iphan.

A ausência de uma política pública de preservação desses tesouros e a inexistência, por exemplo, de um conselho municipal ligado à área jogam a responsabilidade da preservação totalmente nas mãos dos donos das casas e dos prédios. Muitos deles, porém, já idosos, não têm condições de se manterem nos locais.

Quando os antigos proprietários desses imóveis morrem, os herdeiros, tentados por propostas robustas de compra dos terrenos - geralmente muito bem localizados - acabam se desfazendo do bem. E lá vai mais uma casa histórica para o chão, destruindo um novo bocado de nossa memória. "É um patrimônio único que está sendo perdido", afirma a também arquiteta do Iphan Dafne Marques, que está fazendo um doutorado pela USP cujo tema é a arquitetura modernista de Goiânia.

Alguns, entretanto, resistem, mesmo com toda sorte de dificuldades e pressões. O casal Pedro e Geralda Osório é um desses persistentes. "Cheguei a Goiânia vindo de Paracatu em 1935, casei-me com Geralda em 1939 e acabamos de construir esta casa em 1943. Casa que eu mesmo desenhei", afirma o pleiteiro.

Ao todo, o casal, que completa 75 anos de união em ou-



Nancy Neo Almeida, na porta de sua casa, no Centro: "Quero passar minha velhice aqui"

MEU PEDAÇO DE CHÃO



O casal Pedro e Geralda Osório: há 70 anos na mesma casa

tubro, soma 201 anos de idade - um século para ele, um século e um ano para ela. Habitam a mesma residência, na Alameda dos Buritis, em frente à Assembleia Legislativa, há mais de 70 anos. "Isso aqui era tudo aberto, não tinha nada. O Pedro Ludovico, padrinho do nosso casamento, passava aqui no quintal de casa, a pé, quando ia visitar uma de suas irmãs", recorda Pedro.

ORATÓRIO FAMILIAR

No tempo que imóveis ainda eram comprados com contos de réis, este casal escolheu o lugar onde passaria a vida e dele não pretende sair. "Eu aqui me sinto como numa igreja. Esta casa é o oratório

de nossa família, onde cuidei dos meus filhos, dos meus netos, minhas pedras preciosas", diz Geralda.

Morando em um lote com mil metros quadrados em uma das regiões mais nobres da capital, é claro que eles receberam propostas de compra da casa. "Enjettei várias delas. Não vendi antes, não vendendo agora", avisa Pedro. Ao lado da casa, sete grandes torres foram erguidas. A antiga residência está ali, espremida pelo progresso, mas preservando suas histórias. "Isso aqui era um brejo", conta o proprietário, apontando para o Bosque dos Buritis. "Tinha sapo, cobra,

Vá vídeo no QR Code no lado direito do oratório!

www.opopular.com.br

PROJETO PRESERVADO



A planta da casa do casal Benedito Odilon Rocha e Ana Vales Rocha, localizada na Rua 72, Centro, foi desenhada em 1931 (multa). A obra terminou no ano seguinte e no imóvel, preservado em suas principais características há mais de 60 anos, uma família com nove filhos foi criada. Afachada (acima), com alpendre, pedras de enfeite e uma jardineira embaixo da janela de madeira frontal, continua praticamente intacta. Portais com detalhes, amplo corredor em cujo lado está um oratório e o quintal generoso nos fundos também testemunham o cuidado dos filhos do casal na preservação da casa. "A casa é muito importante para todos nós. É parte da memória da cidade que ela representa", diz Eduardo Rocha, um dos filhos. No local, hoje, mora sua irmã, Maria das Graças. "Nós não quisemos nos desfazer da casa porque ela nos lembra dos nossos pais. É aqui que toda a família ainda se reúne, principalmente nos domingos. É um ponto de união entre todos nós", justifica ela, que admite ter bastante trabalho para manter a construção. "Mas todos ajudam de alguma maneira e vale a pena." Mais detalhes sobre este e outro imóvel histórico de Goiânia estão no página do POPULAR na internet, no endereço www.opopular.com.br.

O QUE RESTOU

Acabou por terrenos bem localizados para novos empreendimentos e o desejo de se desfazer de imóveis antigos, que não são alugados ou ocupados por seus donos, têm resultado em séria ameaça para o patrimônio arquitetônico de Goiânia. A região que desperta maior preocupação é o Centro, onde estão localizadas as casas mais antigas da capital ainda de pé. "O crescimento

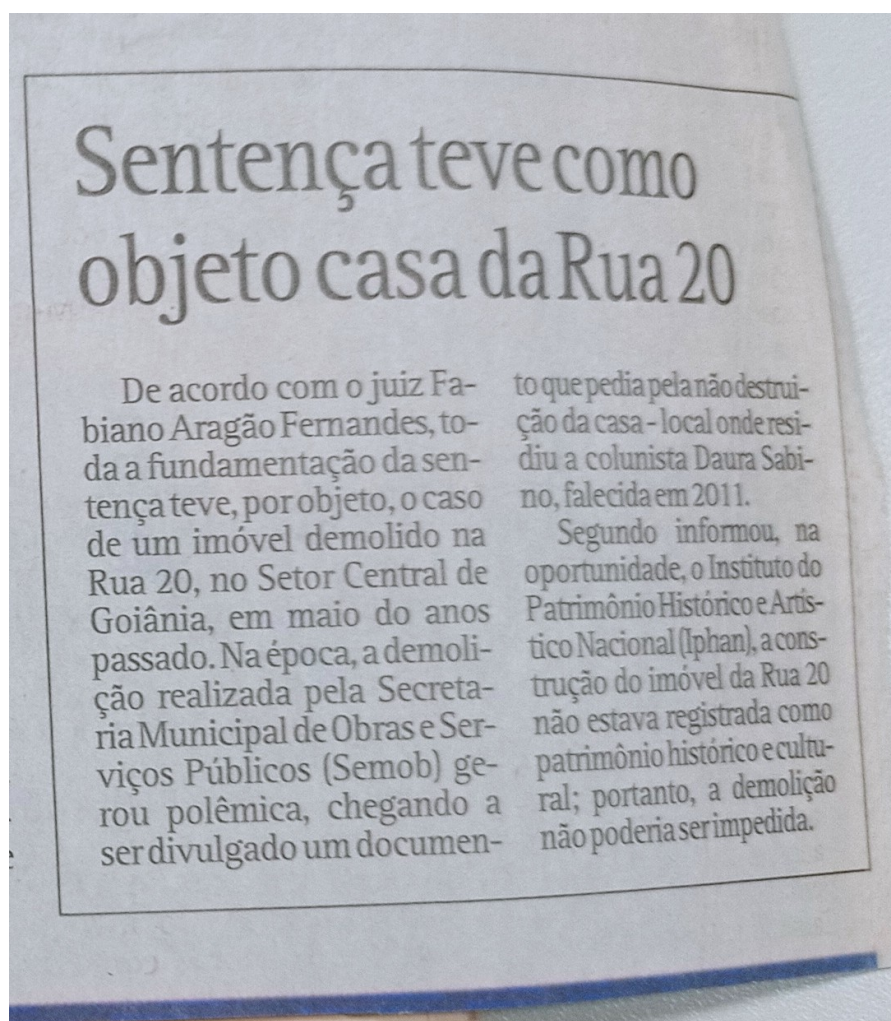
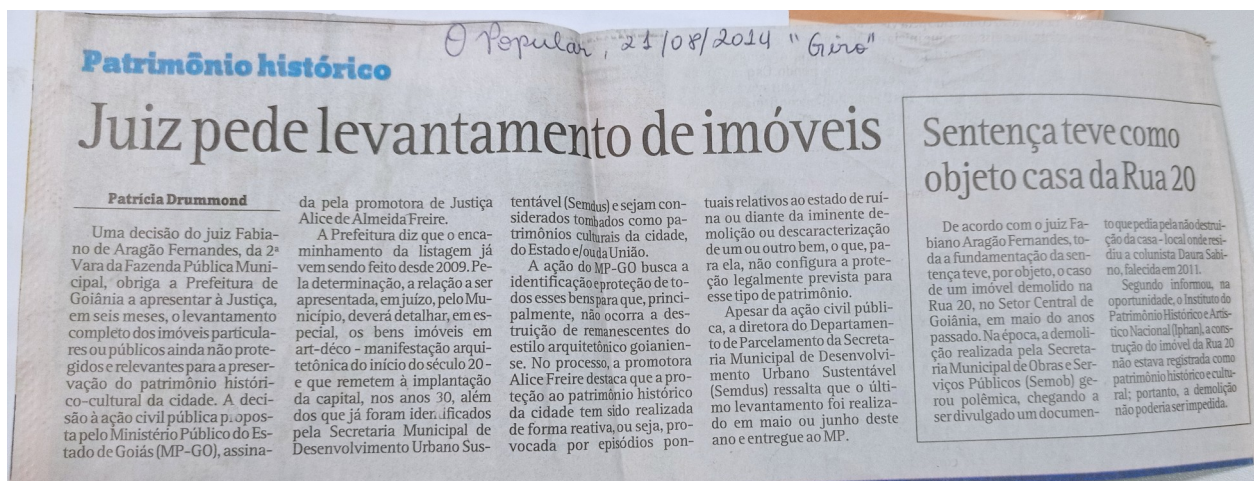
imobiliário de Goiânia se voltou para o Centro de maneira muito forte e é nesta região que está a maior parte dos imóveis sob risco", pontua Beatriz Otto, coordenadora técnica do Iphan em Goiás. "Há um deságaste do Centro e poucos investimentos na região. Isso faz com que haja mais intervenções sem o necessário cuidado e sem muita qualidade", alega Dafne Marques, arquiteta do Iphan.

"Nossos levantamentos têm como objetivo fornecer dados para que isso seja feito", diz Beatriz. "É isso precisa acontecer rapidamente. Estamos monitorando e alertando sobre esta destruição há muito tempo, mas ela ocorre num ritmo mais lento. Agora não. Ações para evitá-la tornaram-se urgentes." Isso já aconteceu quanto a parte do patrimônio artístico, sobretudo de prédios públicos, em

Anexo 5:

Legenda: Reportagem sobre a venda e demolição de imóveis no centro.

Fonte: Arquivo Histórico de Goiânia, 2023.



Anexo 6:

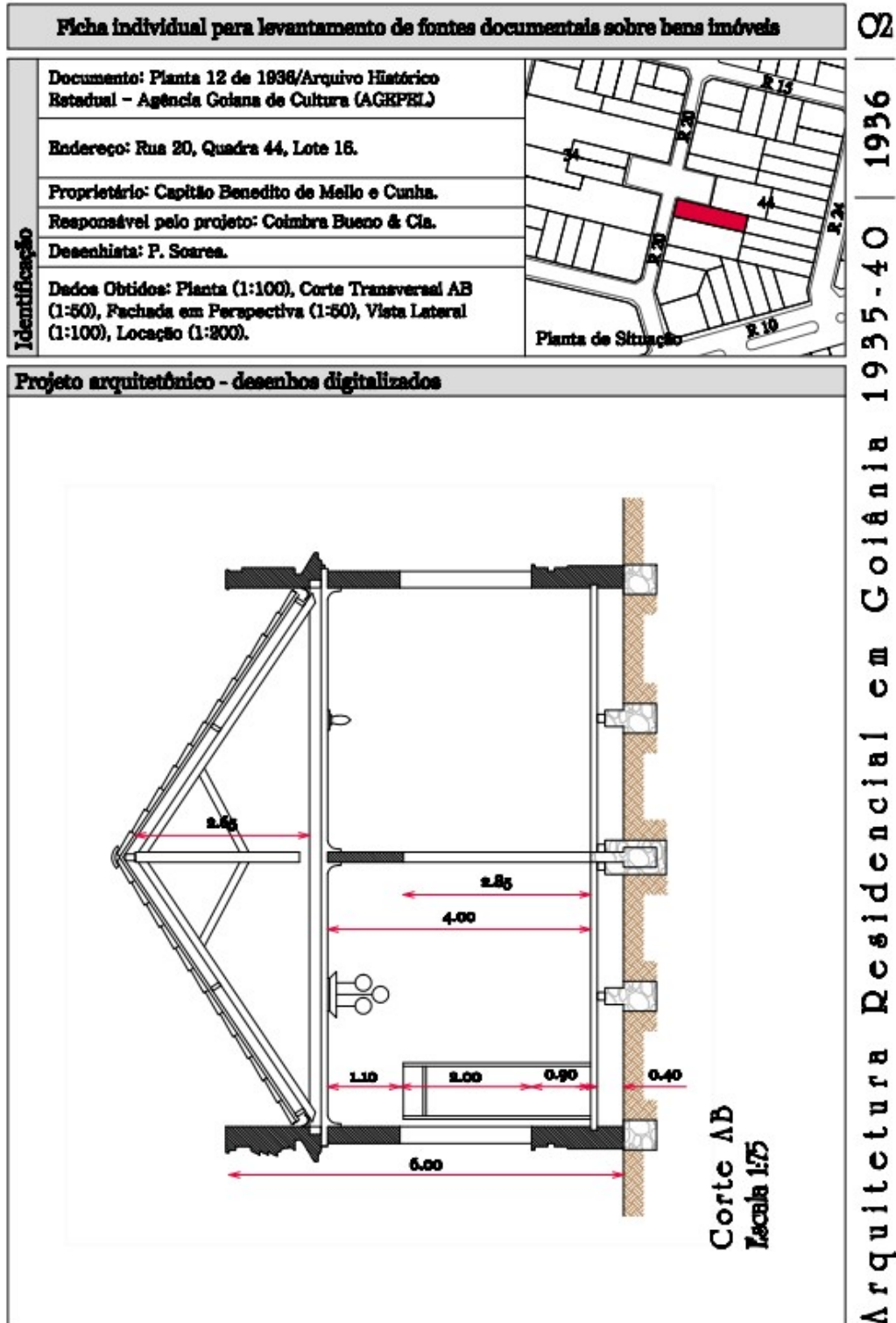
Legenda: Mapa localizando as casas símbolos da arquitetura residencial nos primeiros anos de Goiânia.

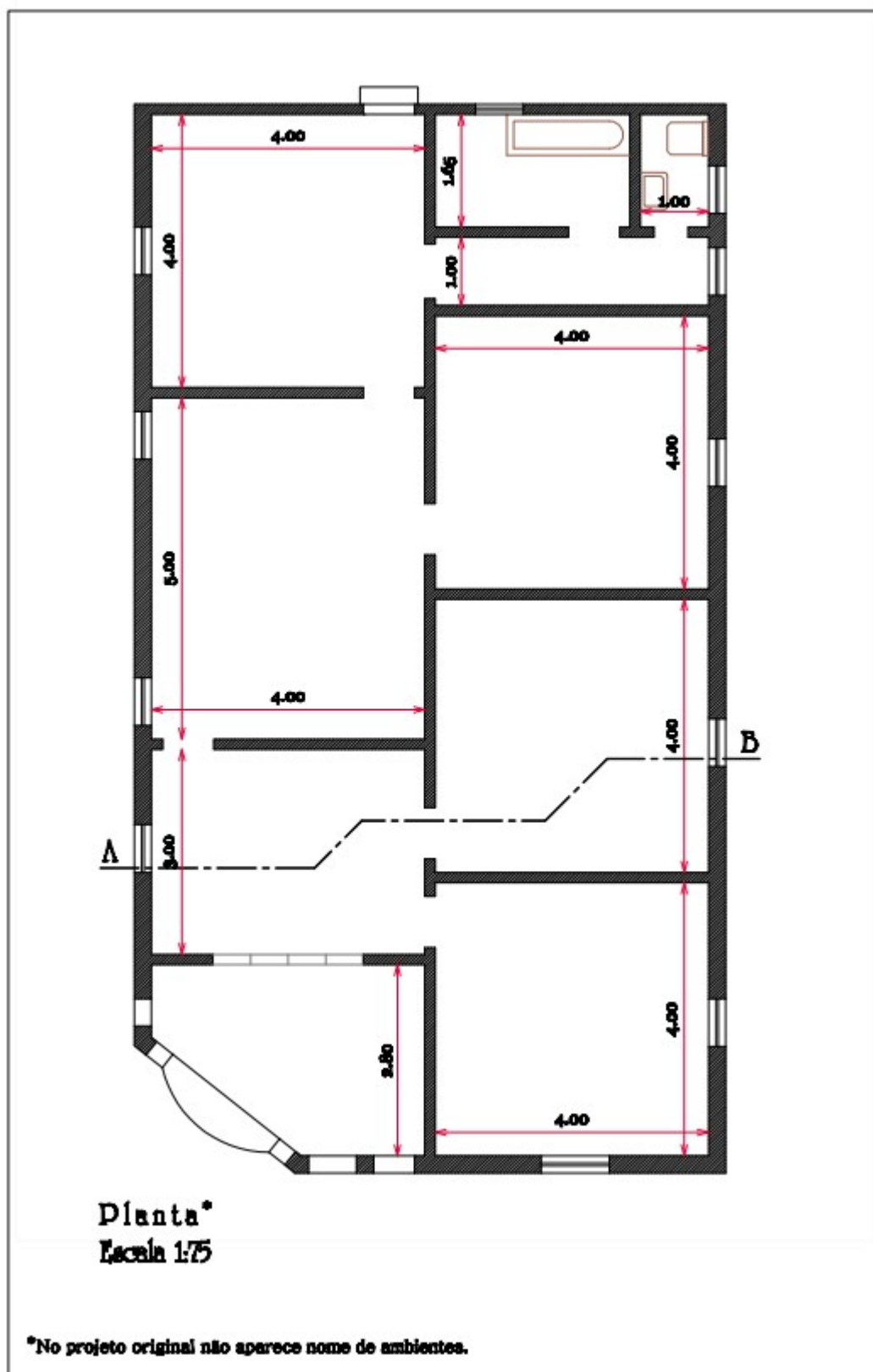


| Arquitetura Residencial em Goiânia 1935-40 |

Fonte: Moura, 2011, p.120-121.

Legenda: Residência na Rua 20, Quadra 44, Lote 16.





Legenda: Residência na Rua 20, Quadra 44, Lote 22.

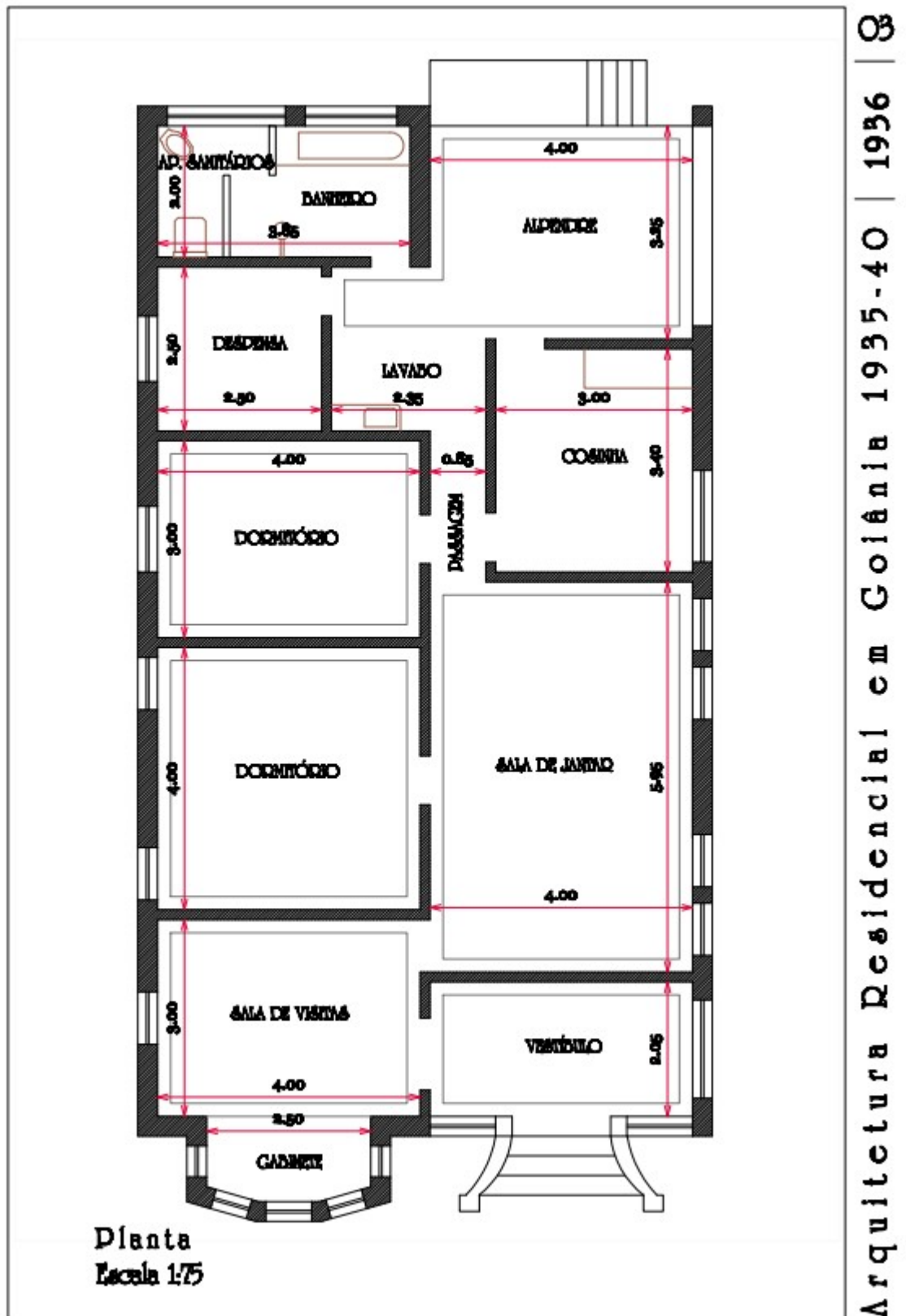
Ficha individual para levantamento de fontes documentais sobre bens imóveis	
Identificação	Documento: Planta 13 de 1936/Arquivo Histórico Estadual - Agência Goiana de Cultura (AGEPEL)
	Endereço: Rua 20, Quadra 44, Lote 22.
	Proprietário: não identificado.
	Responsável pelo projeto: não identificado.
	Desenhista: não identificado.
	Dados Obtidos: Planta (1:100), Cortes: Transversal AB (1:50) e Longitudinal CD (1:100), Fachada (1:50), Fachada Lateral (1:100), Locação (1:200).
	<p>Planta de Situação</p>
Projeto arquitetônico - desenhos digitalizados	
<p>Fachada Escala 1:75</p>	

8

1936

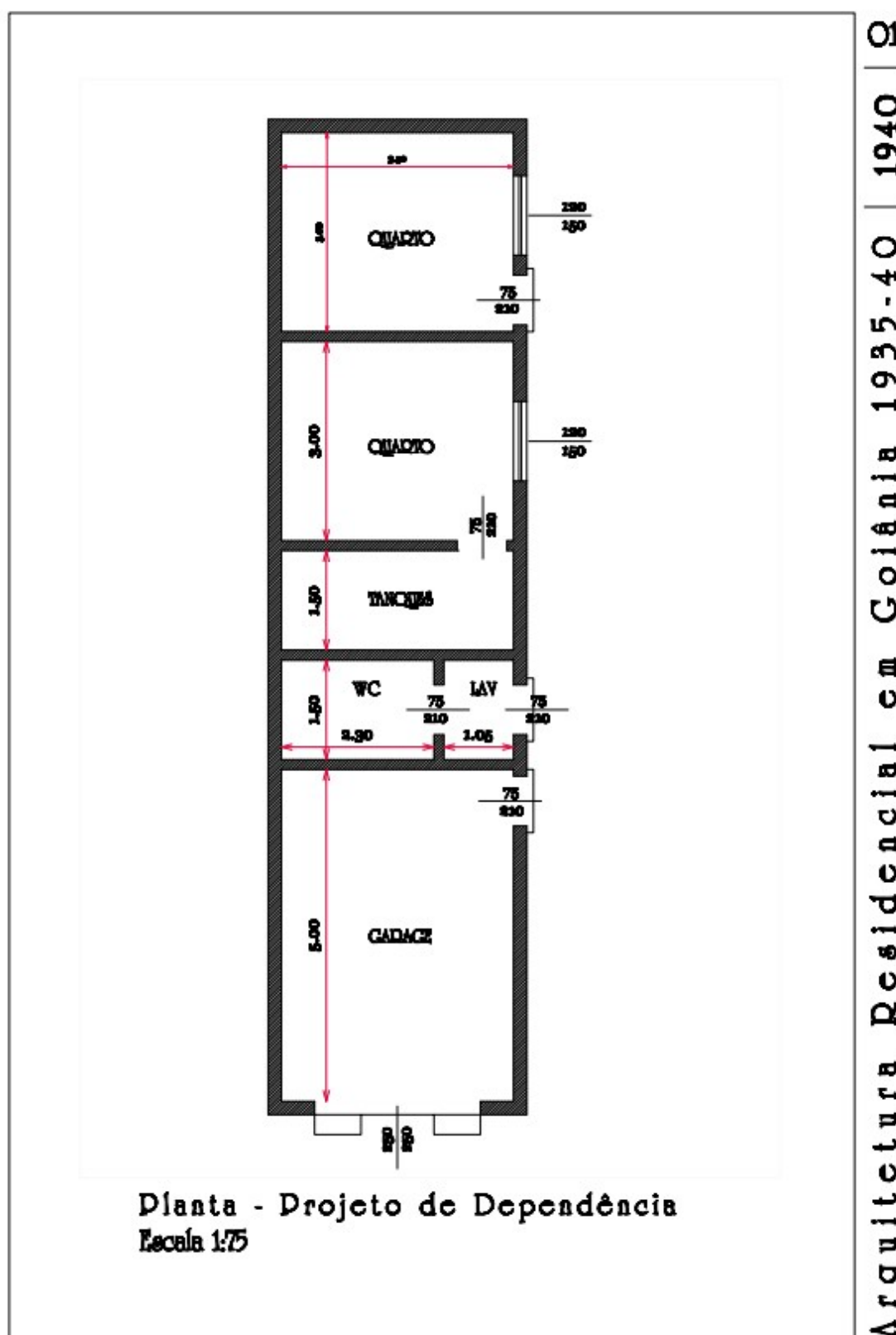
1935-40

Arquitetura Residencial em Goiânia



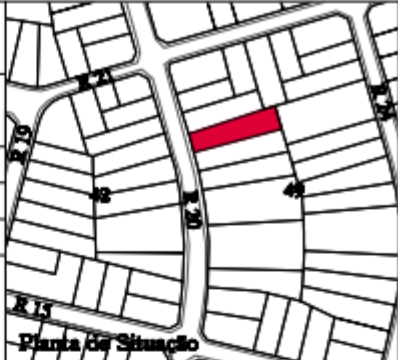
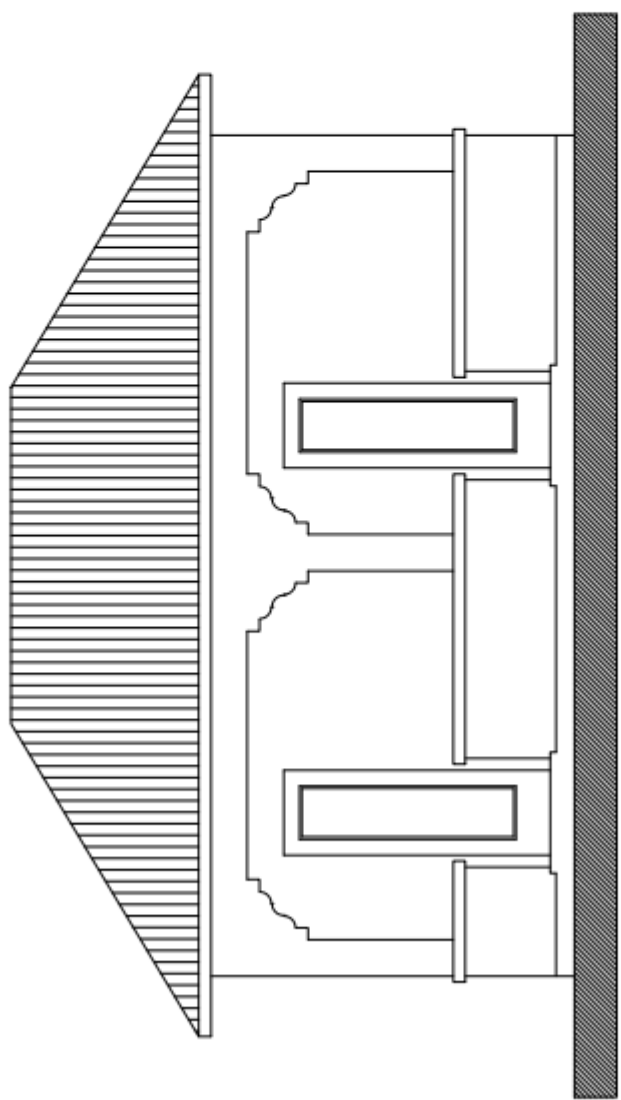
Legenda: Residência na Rua 20, Quadra 56, Lote 102.

Ficha individual para levantamento de fontes documentais sobre bens imóveis		01
Identificação	Documento: Planta 01 de 1940/Arquivo Histórico Estadual - Agência Goiana de Cultura (AGEPEL)	
	Endereço: Rua 20, Quadra 56, Lote 102.	
	Proprietário: Otto Vogelsenger.	
	Responsável pelo projeto: não identificado.	
	Desenhista: não identificado.	
	Dados Obtidos: Planta (1:50), Corte Transversal AA (1:50), Fachada (1:50), Locação e Talhado (1:200).	
Projeto arquitetônico - desenhos digitalizados		1940
		1935-40
		Arquitetura Residencial em Goiânia 1935-40

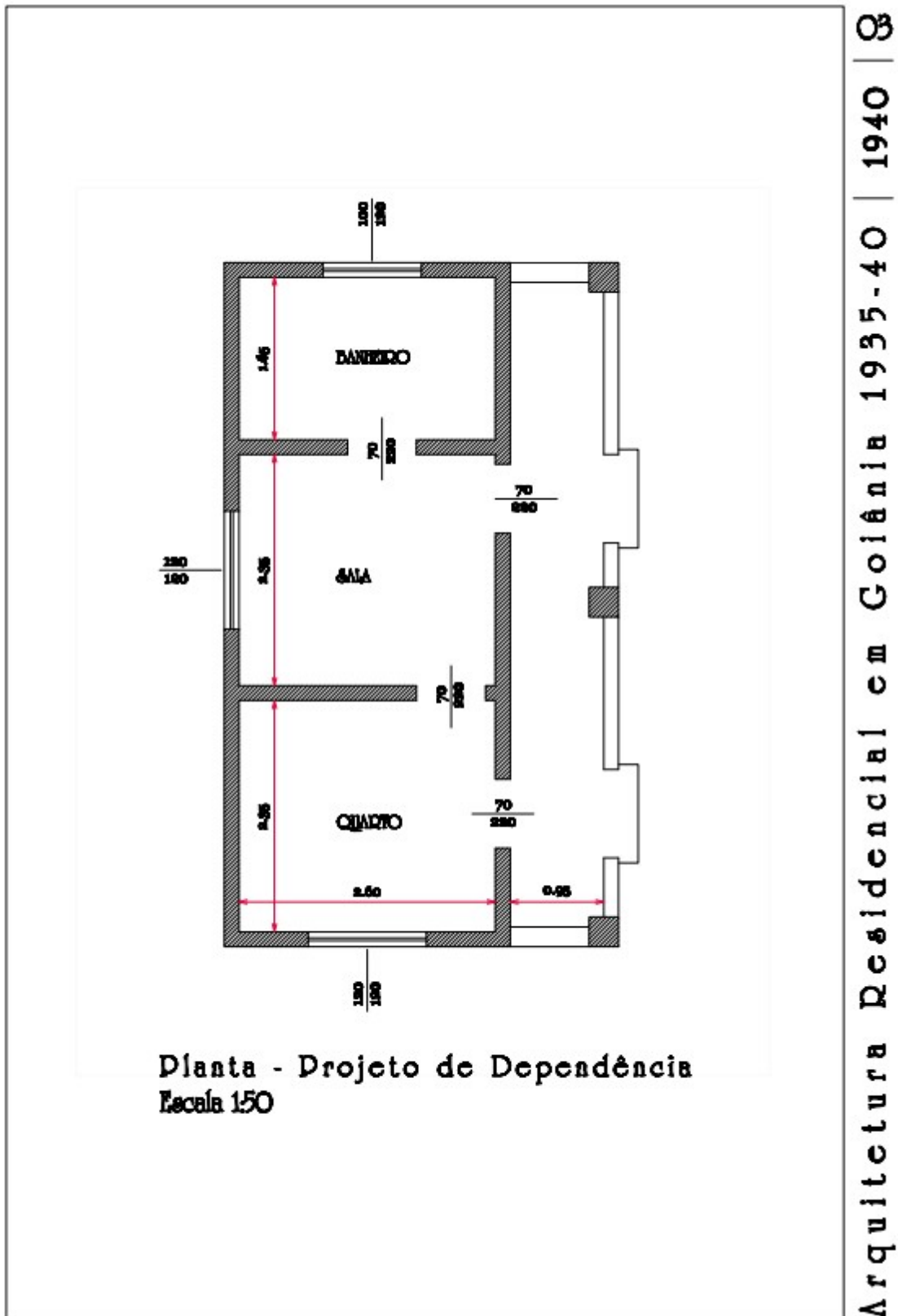


Fonte: Moura, 2011, p.133-134.

Legenda: Residência na Rua 20, Quadra 49, Lote 48.

Ficha individual para levantamento de fontes documentais sobre bens imóveis	
Identificação	Documento: Planta 04 de 1940/Arquivo Histórico Estadual - Agência Goiana de Cultura (AGERPEL)
	Endereço: Rua 20, Quadra 49, Lote 48.
	Proprietário: Antônio Borges dos Santos.
	Responsável pelo projeto: não identificado.
	Desenhista: J. M. Medeiros.
Dados Obtidos: Planta (1:50), Corte Transversal (1:50), Fachada (1:50), Telhado (1:100), Locação (1:400).	 <p>Planta de Situação</p>
Projeto arquitetônico - desenhos digitalizados	
 <p>Fachada - Projeto de Dependência Escala 1:50</p>	

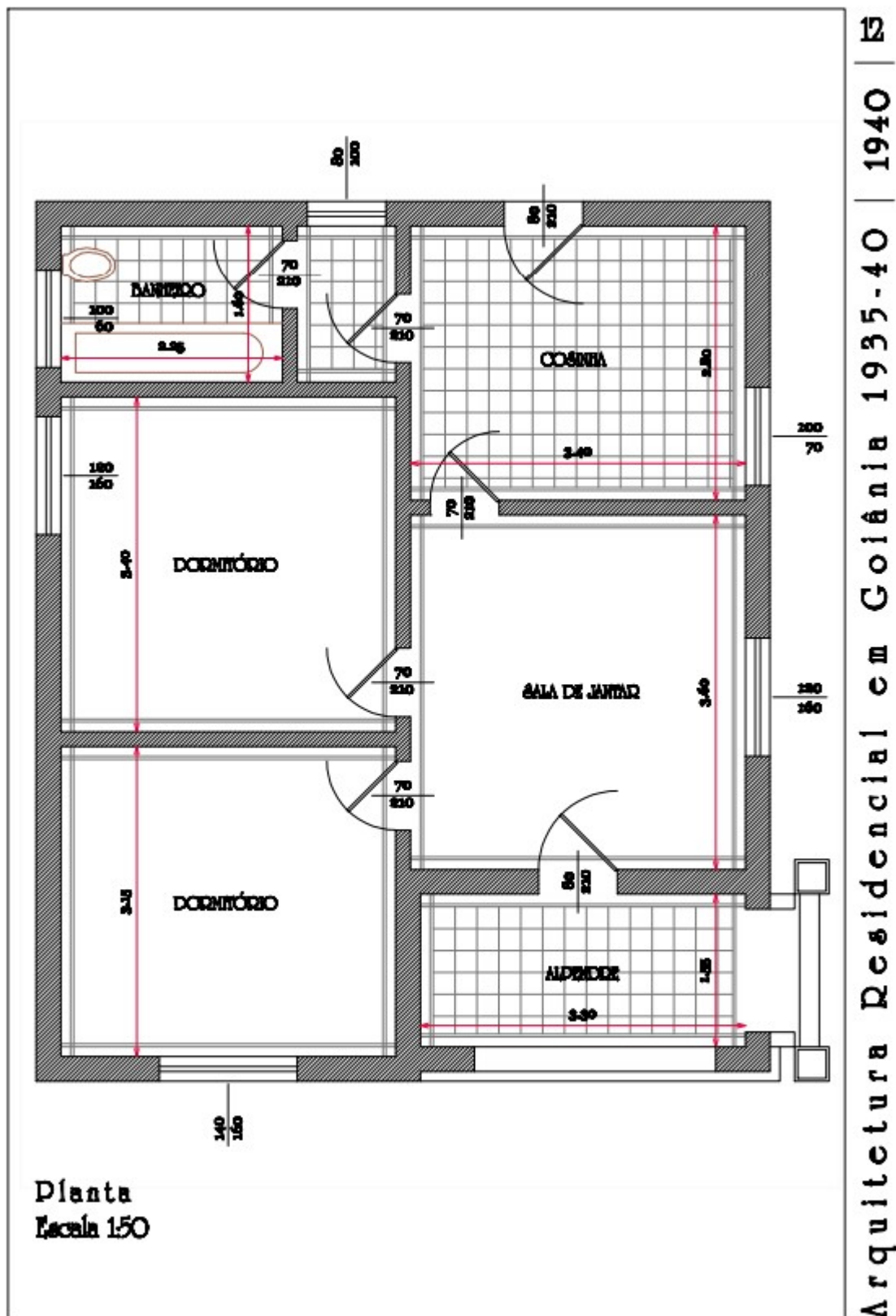
03 | 1940 | 1935-40 | Arquitetura Residencial em Goiânia



Fonte: Moura, 2011, p.137-138.

Legenda: Residência na Rua 20, Quadra 58, Lote 104.

Ficha individual para levantamento de fontes documentais sobre bens imóveis		1940
Identificação	Documento: Plantas 16 e 38 de 1940/Arquivo Histórico Estadual - Agência Goiana de Cultura (AGERPEL)	<p>Planta de Situação</p>
	Endereço: Planta 16: Rua 20, Quadra 58, Lote 104. Planta 38: Rua 51, Quadra 113, Lote 16.	
	Proprietário: Planta 16: Benedito Zupelli. Planta 38: José Alves Cavalcanti.	
	Responsável pelo projeto: Eng. Geraldo R. dos Santos.	
	Desenhista: Jonas.	
	Dados Obtidos: Planta (1:50), Corte Transversal AB (1:50), Fachada (1:50), Telhado (1:100) e Situação (1:300). A Planta 38 também apresenta Projeto de Dependência (igual às Plantas 06 e 08 de 1940 - Francha 05/1940).	
Projeto arquitetônico - desenhos digitalizados		1935-40
<p>Fachada Escala 1/75</p>		Arquitetura Residencial em Goiânia

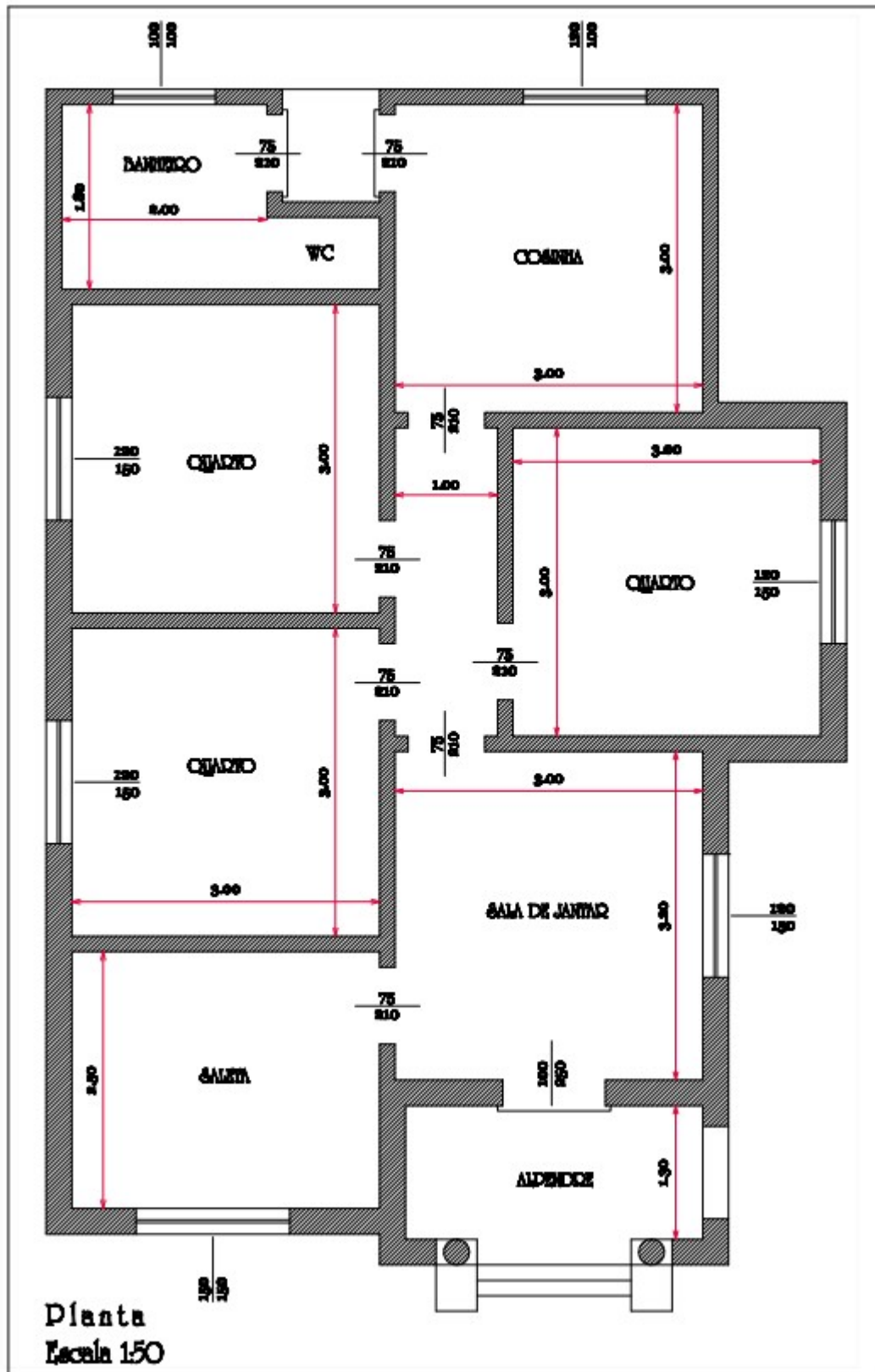


Fonte: Moura, 2011, p.156-157.

Legenda: Residência na Rua 20, Quadra 44, Lote 10.


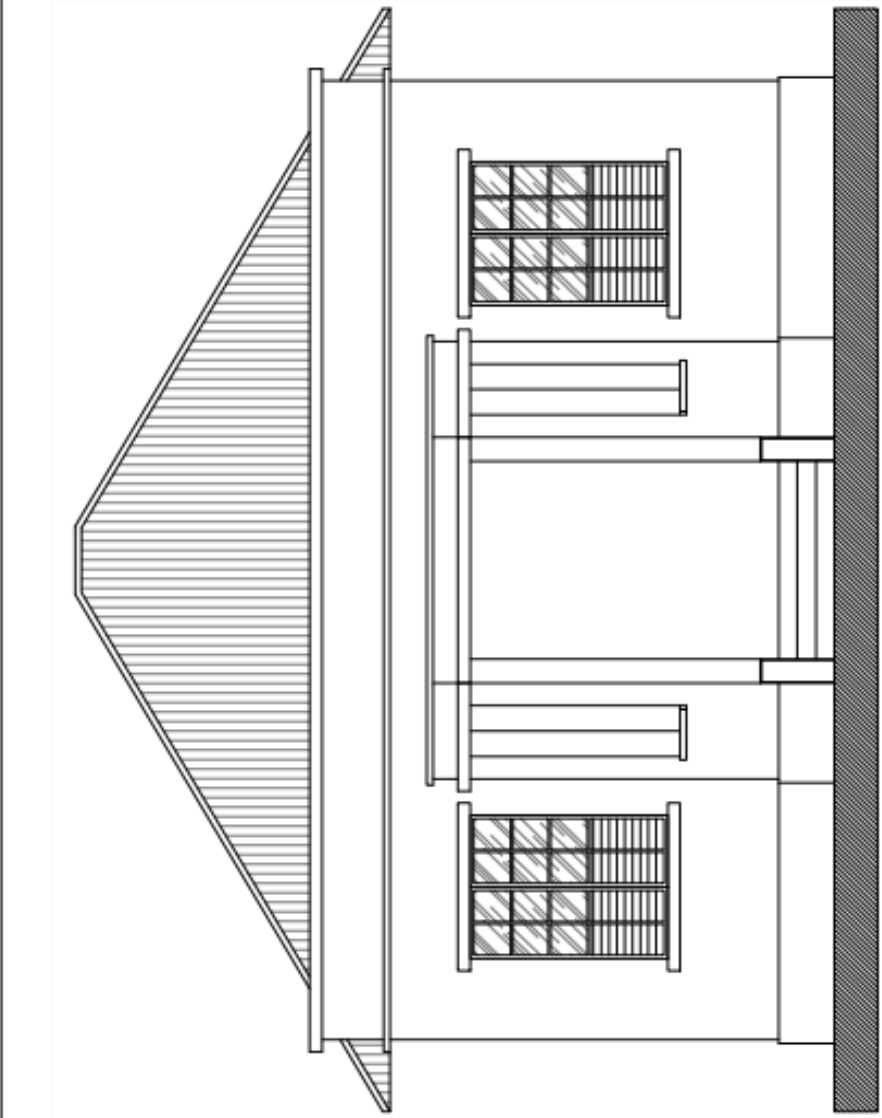
Ficha individual para levantamento de fontes documentais sobre bens imóveis	
Identificação	Documento: Planta 33 de 1940/Arquivo Histórico Estadual - Agência Goiana de Cultura (AGEPEL)
	Endereço: Rua 20, Quadra 44, Lote 10.
	Proprietário: Francisco da Cruz Perillo.
	Responsável pelo projeto: Engenheiro Eurico Viana.
	Desenhista: não identificado.
Dados Obtidos: Planta (1:50), Corte Transversal AB (1:50), Fachada (1:50), Implantação (1:100).	
Projeto arquitetônico - desenhos digitalizados	

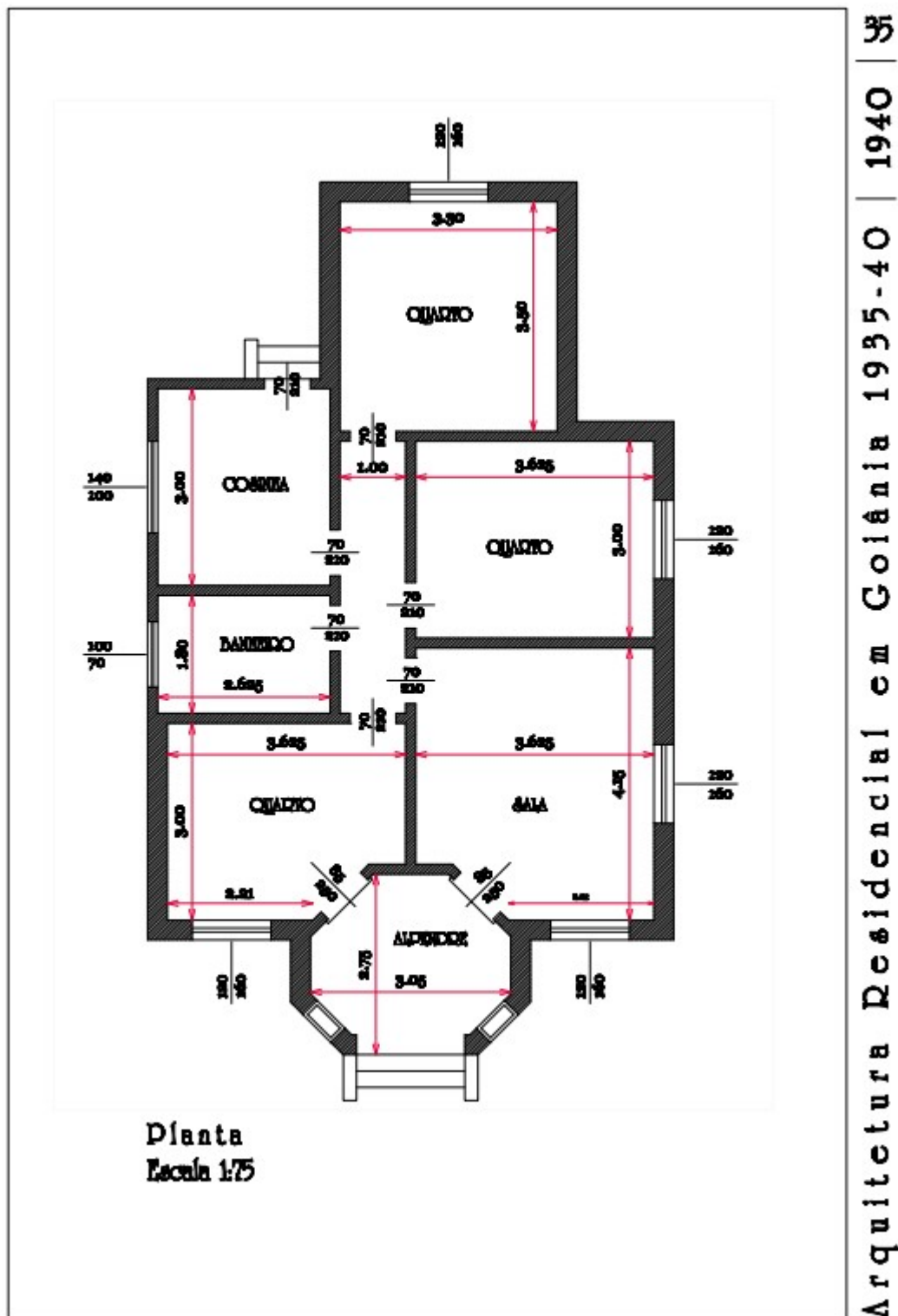
20 | 1940 | 1935-40 | Arquitetura Residencial em Goiânia



Arquitetura Residencial em Goiânia 1935-40 | 1940 | 28

Legenda: Residência na Rua 20, provavelmente Quadra 41, Lote 63.

Ficha individual para levantamento de fontes documentais sobre bens imóveis		35
Identificação	Documento: Planta 63 de 1940/Arquivo Histórico Estadual - Agência Goiana de Cultura (AGEPEL)	
	Endereço: Rua 20; Quadra não aparece, é provável que seja a 41; Lote 63.	
	Proprietário: Leonora A. de Oliveira.	
	Responsável pelo projeto: não identificado.	
	Desenhista: não identificado.	
	Dados Obtidos: Planta (1:50), Corte Transversal AB (1:50), Fachada (1:50), Telhado (1:100) e Implantação (1:200).	
Projeto arquitetônico - desenhos digitalizados		1940
		1935-40
		Arquitetura Residencial em Goiânia 1935-40



Fonte: Moura, 2011, p. 207-208.

Anexo 7:

Legenda: Transporte coletivo era conhecido como "Tareca".



Fonte: Goiânia história em imagens. Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/CFR8DCznsEt/>. Acessado em: 17/04/2025.

Anexo 8:

Legenda: Como era namorar e ter encontros em Goiânia nos anos 1940 e 1950.
Foto tirada por Hélio de Oliveira no centro da cidade.



Fonte: Goiás tem história. Disponível em:
https://www.instagram.com/p/DHN83RJuqk_/. Acessado em: 17/04/2025.

Anexo 9:

Legenda: nave principal da Catedral sendo construída em 1950.



Fonte: Goiás tem história. Disponível em:
https://www.instagram.com/p/Cpr_LWnunoK/. Acessado em: 17/04/2025.

Anexo 10:

Legenda: Manifestação contra a derrubada do mogno no Jornal de Notícias em 11/04/58.



Fonte: Goiânia história em imagens. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ct7WFENu_q3/. Acessado em: 17/04/2025.

Anexo 11:

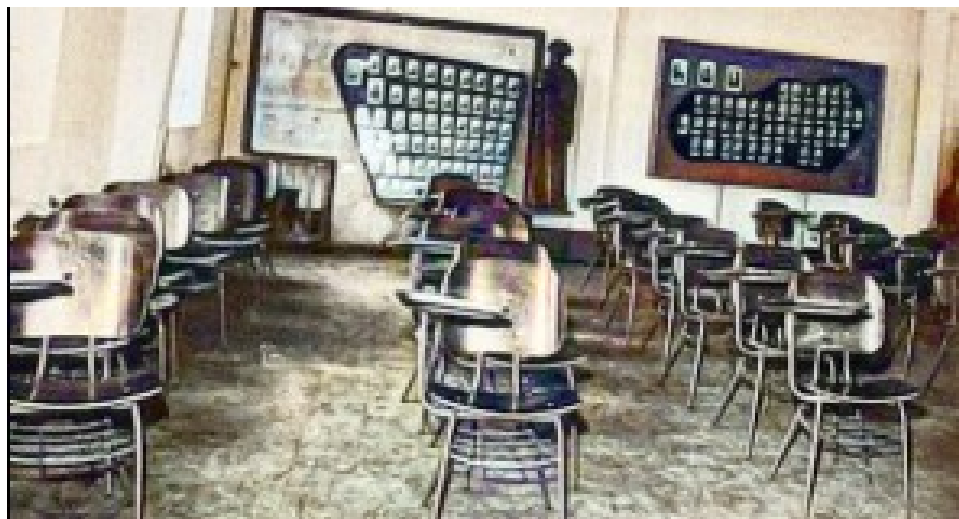
Legenda: Desfile comemorativo de 15 de novembro de 1937, na Rua 20, Centro.



Fonte: Silva, 2006, p.23.

Anexo 12:

Legenda: Sala de aula da Faculdade de Direito. Rua 20, nº17/19, setor central.
Década de 1960.



Fonte: Acervo CIDARQ/UFG.